

Ano X - N.º 97/98, Abril 91 - Publicação mensal da Associação dos Arquitectos Portugueses
Director: F. Silva Dias - Director Adjunto: João Nasil Pereira - Preço: 300\$00

BANHOS DE S. PAULO

97-98

J O R N A L
A R Q U I T E C T O S



T.T.
O Todo Terrestre

PATROL TECTO ALTO A PARTIR DE 2714 CONTOS*

GAMA DE 3 E 9 LUGARES

PATROL TECTO ALTO
Um todo o terreno que leva
até 9 pessoas é obra. Comprove-o.



LOTAÇÃO: 3 OU 9 LUGARES

- Motores de 2,8 litros
- Direcção Assistida
- Potência: 84 CV e 95 CV
- 5 velocidades + redutoras
- Garantia de 3 anos ou 100.000 kms para mecânica, 3 anos para pintura e 6 anos anti-corrosão

* Não inclui despesas de transporte e documentação



À Altura de Todo Trabalho

NOVO PATROL TECTO ALTO



NISSAN RECOMENDA LUBRIFICANTES SHELL

Janela de sótão

VELUX®

Este produto de fama mundial está á venda em Portugal



A janela de sótão VELUX® pode ser instalada em qualquer tipo de telhados.

Em construções novas por exemplo, as janelas VELUX permitem uma solução eficaz de luz e de ventilação e deste modo a possibilidade de aproveitamento da área do seu sótão.

As janelas VELUX têm um acabamento completo:

- Janelas de vidro duplo
- Caixilho e empainelamento são feitos de pinho nórdico
- 100% estanqueidade entre janela e telhado por meio de rufos especiais
- Abertura para ventilação mesmo quando a janela está fechada
- Bons acabamentos e qualidade superior.



Exemplo de preço para caixilho de formato cm 114x118 Esc. 39.650 s/ iva, não inclui preço do rufo.

Contacte-nos ou envie este cupão para obter mais informações.

VELUX INTERNATIONAL A/S
Sucursal em Portugal
Rua de S. Sebastião da Pedreira, 100-3º
1000 Lisboa
Telf. 01-52.26.03 Telefax: 01-52.61.26

® VELUX é uma marca registada

Por favor envie-me mais informações sobre a janela VELUX

Nome: _____

Morada: _____

Telf.: _____

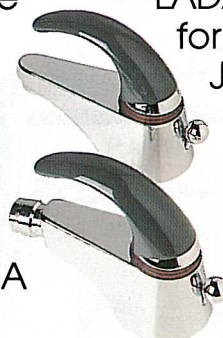
VELUX INTERNATIONAL A/S, Sucursal em Portugal
Rua de S. Sebastião da Pedreira, 100-3º, 1000 Lisboa.

Image

Linha Completa de Sala de Banho.



Agora, já não é preciso construir uma Sala de Banho peça a peça. Unimo-nos para criar uma Sala de Banho completa. Aquilo que era um espaço em branco conta agora com a qualidade dos pavimentos CINCA



e revestimentos CIC, das banheiras e torneiras OLIVA e das loiças e acessórios VALADARES, que também fornece o mobiliário. Juntámos a Funcionalidade ao Design.

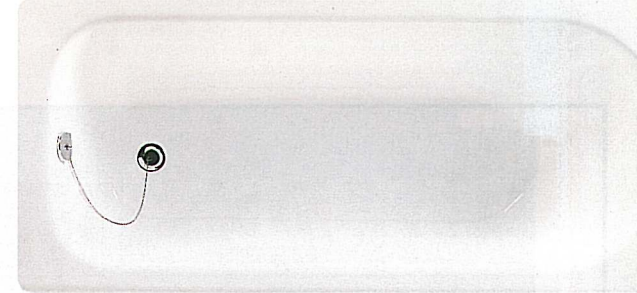


Combinámos a Estética e o Conforto. Conjugámos as linhas, as formas, as texturas e as cores. Associámos a qualidade, o preço e a absoluta eficiência nos prazos de entrega. Por isso, tor-

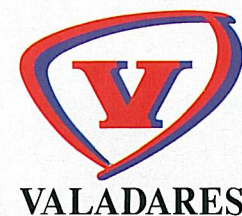


námos a sua vida mais prática.

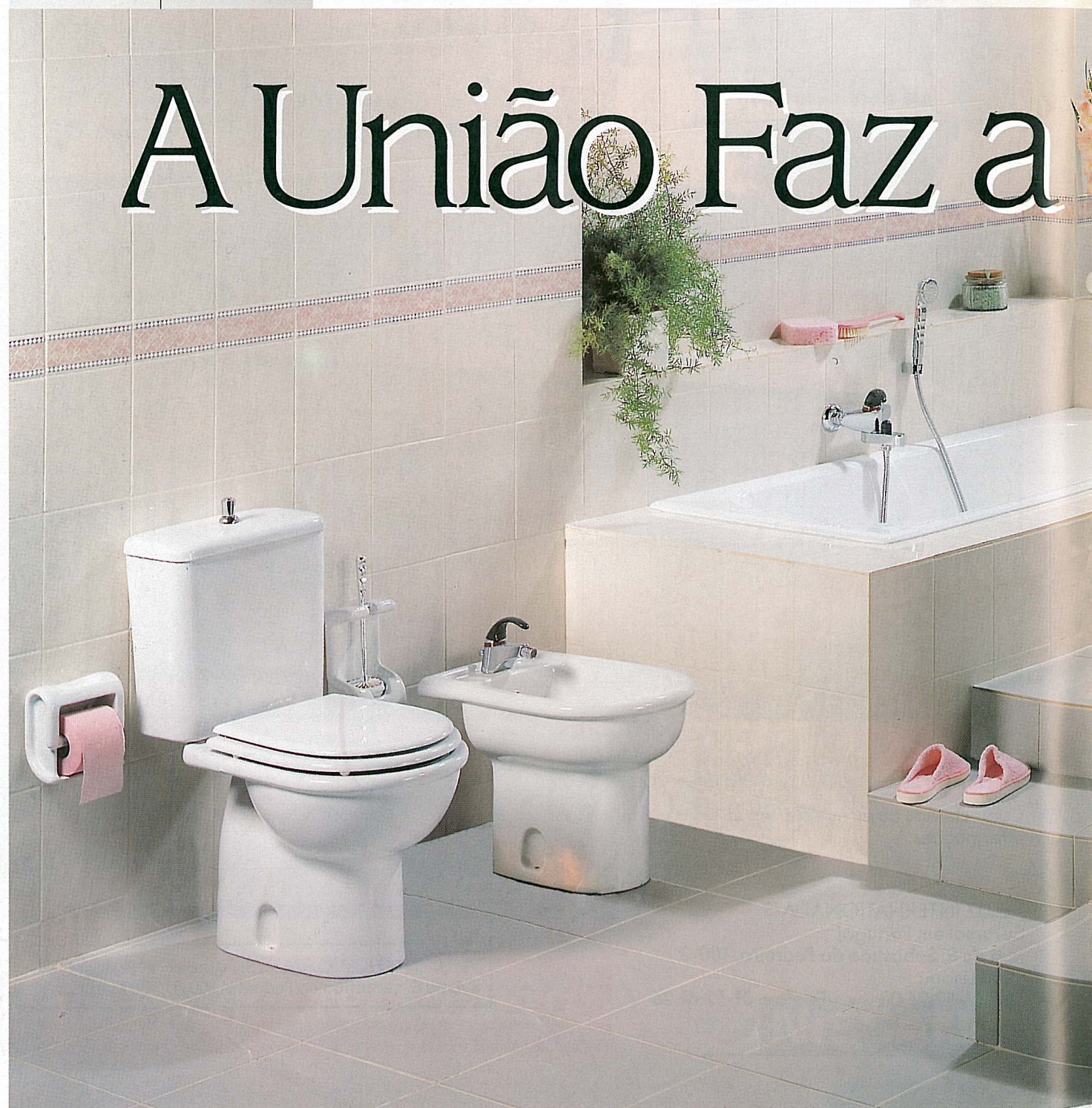
Da nossa união nasceu a linha IMAGE. A Sala de Banho já está pronta. À sua medida.



Agora, só precisa de construir o resto da casa.



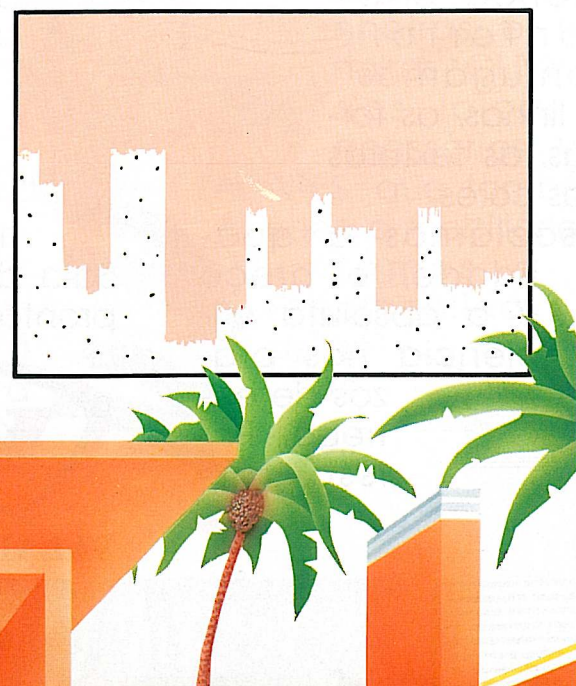
A União Faz a



Sala de Banho.



prestomat rende mais!



Uma tinta vale pelo seu poder de cobertura, pelo rendimento que proporciona, nível de acabamento que oferece e capacidade de resistência ao tempo. Prestomat vale pelos bons resultados em superfícies interiores e exteriores, permitindo um acabamento económico de excelente qualidade. Experimente Prestomat e verá que rende mais.

VALENTINE

a arte em exposição permanente



METROPOLITANO DE LISBOA



Sistema de iluminação decorativa Starline



Sotécnica

LISBOA — Rua do Vale de Pereiro, 8 — Telex 16643 SOTECA — Telefax 65 83 49 • PORTO — Rua de Camões, 829 — Telex 26819 SOTEPO • COIMBRA — A. Fernão de Magalhães, 470-1.º

J O R N A L ARQUITECTOS

PROPRIEDADE DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS
PORTUGUESES (AAP)

DIRECTOR:
Francisco da Silva Dias (Presidente do CDN)

DIRECTOR ADJUNTO:
João Nasi Pereira

CHEFE DE REDACÇÃO:
Margarida Colaço

SECRETÁRIA DE REDACÇÃO:
Fátima Cecílio

CONSELHO DE REDACÇÃO:
Manuel Queiroz - CDN
Vasco Massapina - CDR Sul
Rosário Rodrigues - CDR Norte

COLABORAM NESTE NÚMERO:
Ana Silva Dias
Fernando Gonçalves
Luís Pereira
Luís Guerreiro
Susana Nogueira Godinho

PATROCINADORES:
Artur Westheimer, Lda (Canson)
Artur Westheimer, Lda (Rotring)
Cerâmica Constância
Longra - Org. Equipamentos para Escritório, SA
Pergol, Lda
Technal Portuguesa, Lda
Valentine - Portugal, Lda
Wirsbo - Tubos da Suécia, Lda

FOTOGRAFIA:
Mário Soares
Luís Maria Gonçalves
Paulo Taveira
Paulo Valente

RELAÇÕES PÚBLICAS, MARKETING E PUBLICIDADE:
Mário de Lurdes Melo

SECRETARIADO:
Paula Mendes

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Barata Salgueiro, 36
1200 Lisboa
Telef: 352 64 45 - 54 3512
Fax - 54 36 67

GRAFISMO:
João Carlos Mendes

PRODUÇÃO:
Comunicando - Comunicação e Informação, Lda
Rua dos Douradores, 202 - 4.º Esq.
1100 Lisboa
Telef: 87 55 92 - 87 54 60 Fax: 87 54 60

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Henrigráfica, Lda
Rua D. Carlos I, 31 - 1.º
Laranjeiro 2800 Almada
tel: 229 0174

IMPRESSÃO:
Imprinter, SA
Rua Sacadura Cabral, 26/30
1495 Lisboa
Telef: 419 80 65

TIRAGEM: 6.000 exemplares
Depósito Legal Nº 2762689
ISSN 0870-1504 O AAP

DISTRIBUIÇÃO:
Midesa Marco Ibéria
Distribuição de Edições, S.A.
Rua Dr. José Espírito Santo, Lote 1 - A
Tel: 859 67 39 - 859 67 57 - 859 66 29
Telex - 64 861 MIDESA P - 1900 Lisboa



11-9-91

Ao entregar o prémio ao vencedor do concurso para a nova sede da AAP, o Presidente da República conferia à cerimónia, a que expressivamente se associaram membros do governo e presidente do município da capital, a dignidade e importância que o poder político hoje, de facto, reconhece à profissão de arquitecto. O projecto de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, irreverente e irónico como sempre, causou nos bastidores da exposição que encerrou a solenidade, alguma discreta perturbação. Inquietação que subjaz, prudente, as "conversas" que publicamos. Sinais subtils a exigir decidida clarificação: caracterizaram o concurso um processo quase irrepreensível, um júri indiscutível que realizou trabalho sério, intransigente e, em consequência, incontestável. Os arquitectos estavam obrigados a participar: antes concorrendo, agora viabilizando entusiásticos a obra da sua representação nacional.

EDITORIAL

João Nasi Pereira

SUMÁRIO

Acontecimento

Banhos de S. Paulo. Cerimónia da entrega dos Prémios - pág. 18 a 21

Conversas

Banhos de S. Paulo
pág. 21 a 39

Leituras

pág. 41

Legislação

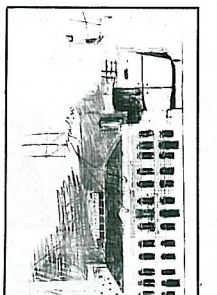
pág. 42 e 43

Informação

pág. 44 e 45

Fiscal

pág. 46



Capa: Banhos de S. Paulo, 1.º Prémio
- Manuel G. Dias e Egas J. Vieira



SUPLEMENTO J.A.

CICLO DE COLÓQUIOS
ARQUITECTURA NA CIDADE
Abril / Maio 1991



COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E ALUMÍNIOS, LDA.

DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS
TECTOS FALSOS
BIOMBOS
PORTAS DE FOLE
REVESTIMENTO DE PAREDES



SIEMENS - ALFRAGIDE



SILOPOR EM LISBOA



SALÃO DE EXPOSIÇÃO DA EURODIVISAL



INSTITUTO DA JUVENTUDE - LISBOA



PORTGEST - SETUBAL

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: TECTOS FALSOS **DAMPA** E PAINÉIS AMOVÍVEIS

SERVIÇOS COMERCIAIS: RUA MAESTRO PEDRO FREITAS BRANCO, 23-25 1200 LISBOA

TELEF. 396 92 65 - 60 91 30 TELEX 14313 EURODI P TELEFAX 67 71 51



CONFERÊNCIAS

Junho 1991

III TRIENAL DE ARQUITECTURA DE BELGRADO

Belgrado - Jugoslávia

Organizado pela Associação de Arquitectos de Serbie

Informações:
Savze Arhitekata Srbije
Kneza Milosa 7 A
1100 Belgrado
Jugoslávia

Junho 1991

III BIENAL DE BELGRADO

Belgrado - Jugoslávia

Concebido pela Arquitecta Ivica Mladjenovic, propõe debates sobre os temas:
* 12 arquitectos, 12 países
* 24 arquitectos, 12 países;
* 12 arquitectos de Belgrado;
* 12 criadores na área das artes plásticas em Belgrado; e uma conferência sobre as novas tendências da Arquitectura contemporânea.

Informações:
Ivica Mladjenovic
Bulevar Avnoja 113
Vlaz 111070 N Belgrado
Jugoslávia

UIA
22 - 27 Setembro 1991

AIVN - Conferência

Irlanda

A conferência anual da Associação Internacional das Novas Cidades, realiza-se em dois lugares. A primeira parte, de 22 a 24 de Setembro, será em Belfast (Irlanda do Norte), a segunda, de 25 a 27 de Setembro será em Dublin (República da Irlanda). O tema do encontro é: "A renovação Urbana: o estabelecimento do equilíbrio".

Informações:
AIVN / INTA
Nassau Dillenburgstaat 4
4LA HAYE 2596 AE (Pays-Bas)
Tel. 70/24 45 26
Fax. 70/28 07 27

SIMPÓSIOS

7 - 13 Junho 1991

DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NAS ZONAS HISTÓRICAS

Simpósio Internacional

URSS

A União dos Arquitectos da URSS, em colaboração com os três grupos de trabalho da UIA (Património Arquitectónico, Desporto, Lazer e Turismo, Arquitectura e Energia), organiza um seminário que se realiza, sob a forma de cruzeiro, entre as cidades de Leninegrado, Petrozavodzk, Kiji e Valaam. As reuniões são a bordo do barco. A inscrição é de 700 US\$ e inclui as refeições e alojamento na URSS.

Informações:
União dos Arquitectos Soviéticos
Secretaria do Grupo "Património Arquitectural", 3
Rue Chtchoussev
Moscou K1 (URSS)
Tel: 203 80 60
Fax: 290 43 84 Telex: 411 648

CONGRESSOS

23 - 25 Julho 1991

VI CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AS INSTITUIÇÕES HUMANAS NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

Calcutá - Índia

O tema principal a debater será: "A dicotomia e complementaridade urbana e rural" dividido em quatro sub-temas:
- Dinâmica urbana e contrapartida rural;
- Desenvolvimento rural e relações cidade / campo;
- Habitação - bairros de lata e estabelecimentos precários;
- Problemas imobiliários, infraestruturas, financiamento e materiais de construção.

Informações:
Director Center for Human Settlements
25 / 27 Netaji Subhas Road
Calcutá 700 001
Índia

26 Out. - 1 Novembro 1991

III CONGRESSO DA UAA

Lome - Togo

A União de Arquitectos de África (UAA), irá realizar o seu 3º Congresso subordinado ao tema: "As cidades no ano 2000". Os temas propostos aos futuros participantes são:
- Política e Infraestruturas;
- Cultura e Industrialização;
- Transportes e Comunicações;
- Habitação e centros de lazer;
- Descentralização;

Simultaneamente está patente a "Africabat" uma exposição sobre o património arquitectónico, um festival do filme de arquitectura e uma exposição internacional de trabalhos de estudantes.

Informações:
UAA Arquitectura LOME 1992
ECP BP 3030 LOME (Togo)
Tel. 228 / 21 68 41

CONGRESSOS NACIONAIS

12 / 14 Setembro

DESPORTO PARA TODOS - Congresso Europeu
Oeiras, Lisboa
Este congresso, será organizado pela Câmara Municipal de Oeiras, sob os auspícios da Federação Internacional do Desporto para Todos (FISPT)

Informações:
Federação Internacional Desporto para Todos
Câmara Municipal de Oeiras, Largo Marquês de Pombal 2780 Oeiras - Portugal

EXPOSIÇÕES

1 / 4 Julho 1991

GLASS PROM'91 - Exposição e Conferência Internacional do Vidro

Kiev - URSS

A Glass Prom'91, a realizar no Centro de Exposições de Kiev, é a primeira exposição que envolve a Ucrânia, as Repúblicas do Báltico, Moldávia e as Repúblicas do Sudoeste da URSS. É patrocinada pelo Ministério para a Indústria dos Materiais de Construção, pelo

Instituto do Vidro de Kiev, de Moscovo e de Leningrado, pelo Instituto Científico de Pesquisa do Vidro de Moscovo entre outras organizações e instituições da União Soviética. Nesta exposição estão representadas companhias que apresentam a sua tecnologia, equipamentos e serviços na indústria do vidro.

Informações:
Glass Prom'91, Editrice Arche' S.R.L.
Via Menabrea 25, 20159 Milano
Tel: 02 / 6081847 - 66801478
Fax: 02 / 6080756
Telex: 314370 SAIMA SERVIZ

FEIRAS

Feiras a realizar na FIL

2 / 5 Maio 1991

SIMAC - 10º Salão Internacional da Construção e Obras Públicas.

2 / 5 Maio 1991

FILSOL - 8º Salão Internacional das Energias Alternativas

15 / 19 Maio 1991

FILTÉCNICA - 11º Salão Internacional da metalurgia e da Metalomecânica

Informações:
Associação Industrial Portuguesa
Praça das Indústrias - 1390 Lisboa Codex
Tel: 362 01 30

Feiras Internacionais

3 - 7 Maio 1991

INTERZUM - Salão Internacional de Mobiliário para a Indústria do Móvel, da Arquitectura de Interiores e da Decoração
Colónia, Alemanha

Estarão expostos mobiliários de 40 países, entre eles os Estados Unidos, Canadá e Extremo Oriente, sendo 60% dos 1400 expositores, estrangeiros. Os fabricantes da Argentina, Filipinas e Singapura participarão pela primeira vez. Na Europa, a Itália terá uma maior representação, seguida da Alemanha, França, Bélgica e Áustria. Pela primeira vez estará presente na feira a ISPA - Internacional Sleep Products Association.

Informações:
Messe- und Ausstellungs- Ges. m. b. H. Koln
Messeplatz 1, Postfach 21 07 60
D-5000 Koln 21
Tel. (0221) 821-2574 Fax. (0221) 821-2574

CONCURSOS

COMPLEXO TURISTICO DO CAIS DO CARVÃO - FUNCHAL

(concurso limitado)
Resultados

- 1º Gonçalo Byrne
- 2º João Luis Meneses
- 3º José Paradela
- 4º Alberto Oliveira
- 5º João Francisco Caires
- 6º Fernando Machado

Representante da AAP no Júri
João Rodeia

NOVO EDIFÍCIO DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

Foi nomeado como representante da AAP no Júri deste concurso o Arquitecto Pedro Vieira de Almeida

Livro Verde sobre o Ambiente

Decorreu, a 8 de Fevereiro, nas instalações da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, em Coimbra, um seminário de discussão e análise do conteúdo do "Livro Verde sobre o Ambiente".

O referido documento é uma abordagem preliminar, tentando sistematizar as questões de fundo que afectam a maioria das cidades europeias de modo a fornecer dados para a

formação de acções concretas a serem discutidas e decididas durante o próximo mês de Abril pela Comissão das Comunidades Europeias.

O ambiente urbano foi abordado de um modo abrangente, interrelacionando questões de planeamento, protecção de património e gestão de energias, águas e resíduos. Constatou-se, no entanto, a especificidade das

Encontros Internacionais e Arquitectura de Paris-Conflans 1991

CONCURSO DE ARQUITECTURA

9 - 20 Setembro 1991

Paris, França

Este concurso é organizado pela:

Escola de Arquitectura de Paris-Conflans (E.A.P.C.).

Academia Internacional de Arquitectura (I.A.A.).

União Internacional dos Arquitectos, Secção Francesa (S.F.U.I.A.);

O tema é: "A Universidade e a Cidade"

O encontro realizar-se-á em Paris, na escola de Arquitectura de Paris-Conflans

A data limite de inscrição é: 30 de Maio de 1991.

Para além do concurso, o programa compreende exposições, ateliers e visitas.

O júri é constituído por:

Arquitectos de várias nacionalidades, membros da União Internacional de Arquitectos.

As línguas oficiais são

o inglês e o francês com tradução.

Condições de participação:

O número de participantes é limitado a 50.

A selecção é feita mediante a apresentação do curriculum-vitae (uma a três páginas de texto e uma página de ilustrações).

Os candidatos escolhidos deverão fornecer uma apresentação do seu trabalho, para expor e discutir, em diapositivos e num dossier.

O limite de idade é de 40 anos.

Viagem e alojamento:

O alojamento e as refeições são fornecidas pela organização.

A deslocação até ao local onde se realiza o concurso é por conta dos participantes.

Nota: O modelo do boletim de inscrição encontra-se na redacção deste jornal.

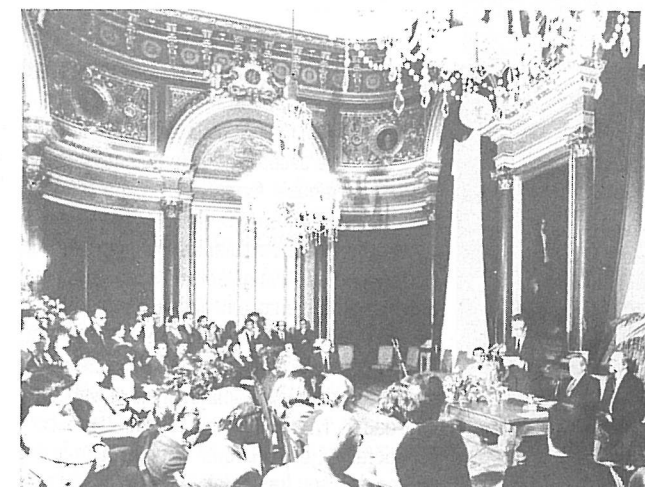
Os documentos são enviados para:

Mme Chabredier, Directrice Section Française U.I.A.

7. rue de Chaillot 75116 Paris (France) Fax: (1)

cidades portuguesas já que se Lisboa ou Porto podem ter problemas idênticos aos dos centros urbanos europeus, as outras cidades do país, se encontram num estado de desenvolvimento que as confronta com problemas específicos. Interessante ainda de verificar a ausência de grande número de autarquias particular e significativamente Lisboa, Porto ou Coimbra.

Banhos de S. Paulo Cerimónia da Entrega dos Prémios



Esta cerimónia, que teve lugar em Lisboa, no dia 15 de Março, no Salão Nobre dos Paços do Concelho contou com a presença de inúmeros arquitectos e personalidades convidadas:

Dr. Mário Soares-Presidente da República,
Engº Valente de Oliveira - Ministro do Plano e Administração do Território,
Dr. Jorge Sampaio - Presidente da Câmara Municipal de Lisboa,
Engº Álvaro Magalhães - Secretário de Estado das Obras Públicas,
Prof. Arqtº Antero Ferreira - Presidente do Instituto Português do Património Cultural,

Pintor Fernando Azevedo - Presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes (membros convidados para a Mesa) e os arquitectos Francisco Silva Dias - Presidente do Conselho Directivo Nacional da AAP,

Nuno Teotónio Pereira - Presidente da Mesa da Assembleia Geral da AAP e Pedro Brandão - Presidente do Conselho Directivo Regional Sul da AAP (arquitectos presentes na Mesa).

No início da cerimónia Pedro Brandão leu depoimentos sobre os Banhos de S. Paulo, de algumas individualidades que não puderam estar presentes.

Seguiram-se os discursos do Dr. Jorge Sampaio, do Arqtº Silva Dias, do Engº Valente de Oliveira e do Dr. Mário Soares, dos quais transpomos excertos.

A entrega do 1º prémio aos arquitectos Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, feita pelo Sr. Presidente da República precedeu a assinatura do contrato daqueles com a AAP.

Após a entrega dos restantes prémios procedeu-se à inauguração da Exposição do Concurso.



DR. JORGE SAMPAIO

"Se a imagem e projecção cultural de uma Cidade dependem em muito da cultura e capacidade de decisão dos seus políticos não dependem menos da cultura e isenção dos seus arquitectos."

"Não são os arquitectos os únicos técnicos que decidem da qualidade urbana (...) mas há que reconhecer sem qualquer esforço que, o papel dos arquitectos é, ou devia ser, culturalmente proeminente."

"A qualidade da Cidade não depende só da qualidade dos projectos singulares." Depende também da capacidade dos próprios arquitectos e dos profissionais da crítica de arte e da Comunicação Social, para gerarem no seio da sociedade civil os consensos culturais que permitam uma acção mais orientadora do Município numa matéria em que é fácil a tentação de passar da prevenção dos excessos à imposição - que seria abusiva - de padrões estéticos."

"O reconhecimento da necessidade de alargar a compreensão das ideias e formas urbanas pela generalidade da população, ou seja, a crescente socialização do entendimento e do gosto é essencial para justificar o apoio da Cidade aos seus Arquitectos."

"A melhor pedagogia da arquitectura é sem dúvida a da própria arquitectura que se faça na cidade. Sobretudo a melhor, a mais exemplar."

"E temos de reconhecer que o panorama dos últimos anos não tem sido o mais estimulante. Certamente porque a Cidade não soube encontrar as melhores soluções ou não soube dar-lhes (...) as melhores oportunidades urbanísticas. Porque se os edifícios singulares são importantes para a imagem da Cidade, é nossa convicção que é a construção do espaço público - das ruas e praças, dos jardins e parques, das estações do metro ou das autovias urbanas, das frentes de rio ou dos espaços de encontro cívicos e comerciais, que é este espaço público que melhor configura a imagem da Cidade para as próximas décadas."

"Assim, num momento em que a Câmara de Lisboa lança um primeiro programa de tratamento integrado do espaço público e concentra recursos na melhoria dos bairros consolidados ou históricos - um novo apelo está a ser feito à Arquitectura e portanto privilegiadamente aos (seus) arquitectos."

"Por isso me atrevo a desafiar-vos para um esforço cultural de convergência nas ideias de temas fundamentais, que não impedem as legítimas variações locais e pessoais, convergência que sentimos ser uma demanda legítima dos cidadãos desta metrópole fragmentada, deslçada, intoleravelmente desigual nos seus níveis de qualidade urbana."

Este desafio põe-se-nos, Senhores Arquitectos, nas opções dos tipos de espaços exteriores públicos e da sua continuidade através da

Cidade, nos limites da construção em altura ou no ambiente que queremos para os novos bairros de moradias ou prédios, ou ainda, nos critérios da recuperação do património e renovação funcional dos bairros consolidados."

"Ao criar as condições materiais para que a AAP venha a ter instalações à altura do seu papel no País e na Metrópole em particular, o Município da capital espera que os seus arquitectos não vivam só do prestígio e protagonismo de alguns, mas sejam estimulados a debater vigorosamente estas questões ainda (e sempre?) em aberto - não só entre eles mas sobretudo com os cidadãos."

"S
enhor Presidente da República:

ARQ. SILVA DIAS

Em nome dos arquitectos portugueses agradeço a Vossa presença na Inauguração da Exposição e entrega de prémios do concurso para a recuperação do edifício dos Banhos de S. Paulo, futura sede da Associação profissional."

"Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, nosso anfitrião:

Agradeço a hospitalidade recebida e renovo os votos formulados quando, há menos de um ano, nas Comemorações do Dia Mundial da Arquitectura, foi assinado o Protocolo de cedência da utilização do edifício dos Banhos de S. Paulo, pela Associação dos Arquitectos Portugueses."

"Senhores membros da Comissão de Honra aqui presentes, aos quais agradeço e especialmente aos Senhores Ministro do Plano, todo o apoio concedido à nossa iniciativa.

Agradecimento que estendo aos representantes das entidades que dentro do espírito de mecenato contribuíram já para a sua concretização."

"(...) posso garantir, (...) que das 240 horas-cérebro que o Júri dispendeu na análise dos projectos concorrentes bem perto de 90% tê-lo-ão sido a definir conceitos de integração, de preservação e valorização do património edificado e a imaginar o diálogo que cada uma das propostas, quer na remodelação, quer na ampliação do edifício, estabelecerá com a cidade."

"(...) a modesta, mas preciosa para nós, jóia neo-clássica do edifício dos Banhos de S. Paulo, encosta-se ao último Pombalino, encara a Arquitectura de ferro do mercado da Ribeira, não longe da Art-Deco de mestre Pardal Monteiro, no Cais do Sodré, ou da construção utilitária dos armazéns do porto quasi paredes meias com o "português suave" de Adelino Nunes, no edifício dos correios.

Natural terá sido, que o Júri se tenha preocupado, antes de escolher, em definir princípios."

"O Júri do concurso de recuperação dos Banhos de S. Paulo afirmou, por unanimidade que a intervenção a realizar deveria ser marcante da sua época, como todos os edifícios à sua volta.

E escolhe, sob este aspecto, uma obra de grande valor afirmativo.

Estamos certos que a intervenção da Associação dos Arquitectos irá valorizar a nova cidade não só no aspecto formal, como no sentido vivificador.

O conjunto de actividades que se programam para ocupação do edifício, exposições, encontros, cursos, espectáculos, ultrapassa as meras funções associativas o que já levou o Governo a reconhecer-lhe características de equipamento social.

A sua posição na zona Ribeirinha de Lisboa, que nos programas municipais se pretende fazer reviver, e a sua relação com o eventual aproveitamento do mercado da ribeira para actividades lúdicas poderá contribuir para a génese de um polo cultural integrado na zona central da cidade."

"Se o apoio que até agora não nos tem sido negado, pelo contrário tem sido sempre encorajador, por parte da Presidência da República, da Presidência da Câmara, do Governo e outras entidades se mantiver, esperamos, em breve, erguer as gruas e em 1994, podermos receber-vos em S. Paulo."



"É
ENG.º VALENTE DE OLIVEIRA

com muita satisfação que o Governo se associa ao acto que marca o arranque formal da recuperação do edifício dos Banhos de S. Paulo para nele alojar a Associação dos Arquitectos Portugueses."

Nós chegámos a um estádio do nosso processo de desenvolvimento em que a qualidade não constitui somente um atributo desejável de tudo quanto fizermos mas representa um pré-requisito do alcance de patamares mais elevados da qualidade." Não há nenhuma actividade consumidora de espaço que não reclame competência no seu tratamento e nas múltiplas perspectivas sob as quais ela pode e deve ser apreciada: a funcional, a estética, a económica e muitas outras associadas à durabilidade do que se constrói, à exploração cómoda dos espaços, à conservação dos elementos construtivos, à segurança das pessoas e dos bens e à manutenção de uma memória das épocas que compõem o nosso roteiro histórico."

"Quando se actua sobre um espaço, realizando construções que o adaptam às nossas necessidades, a responsabilidade é muito grande porque o resultado permanece no tempo e porque conforma as condições de vida das pessoas que o usam para trabalhar, para habitar ou para ocupar os tempos de lazer." Cada projecto, cada solução e cada desenho têm de traduzir um acto criativo mesmo que sejam multiplicados em série e elaborados dentro de normas que asseguram economias e compatibilidades."

"As profissões que têm de se associar em torno da adaptação dos espaços são, desse modo, muito variadas e têm de ser exercidas com o mais alto nível de competência, porque os seus produtos são de uso que afecta muitos e têm de perdurar porque são sempre dispendiosos."

"(...) a condição necessária do sucesso é a competência profissional num ramo determinado e a maturidade que garante a serenidade da análise

e a capacidade de avaliação e de julgamento de situações e de pessoas."

"Tudo isto para chegar à necessidade da formação permanente de todas as profissões e, particularmente, dos elementos de cada uma delas que a progressão na carreira faz assumir responsabilidades de síntese e de coordenação da acção."

"Os Arquitectos constituem um grupo profissional em que é grande a probabili-

dade de muitos virem a preencher esse papel. Para tal precisam, naturalmente, de possuir uma sólida formação de base de que a Escola se encarregará e de a completar pelo exercício aplicado da profissão: mas é indispensável que acedam, por outras vias, à discussão de questões que atravessam as fronteiras sectoriais, que aprendam técnicas novas que neste campo estão sempre em evolução e que reflitam sobre as soluções mais adequadas."

"A Associação dos Arquitectos Portugueses já demonstrou ser uma instituição atenta aos aspectos da formação permanente dos seus membros e muito desperta para os problemas da sociedade do nosso tempo."

"(...) acções muito pedagógicas que ela tem organizado, nomeadamente através da realização de concursos."

"Mas ela própria tem de adaptar espaços à numerosa gama de actividades que já desenvolve ou que se propõe vir a realizar. Neste momento, a falta de instalações adequadas representa uma limitação séria à acção multifacetada que a Associação tem de levar a cabo. Urge, por isso, proporcionar-lhe espaços folgados e dignos."

"Escolheu a Associação a via da recuperação de um imóvel com interesse arquitectónico e histórico, encontrando novos usos para espaços velhos e concebidos para utilizações que se tornaram caducas. Promoveu a realização de um concurso para a adaptação de um edifício que se degradava, premiando a solução mais imaginativa e correcta que apareceu. Está a dar-se, assim, o exemplo de como as coisas devem ser feitas: reabilita-se uma construção que a falta de uso condenava à ruína; mexe-se, de forma competente, numa parte do tecido urbano de Lisboa que reclama uma actuação urgente, inteligente e profunda; escolhe-se uma solução criteriosamente analisada; e conciliam-se as diversas formas de apoio disponíveis para levar a obra por diante."

"O apoio do Governo tem muitos sentidos: primeiro, o do apreço pela profissão dos Arquitectos e a vontade que lhes manifesta de ver a sua acção cada vez mais alargada e qualificada; segundo, o do aplauso pela responsabilidade que assumiram de fazer desta reabilitação um caso exemplar; terceiro, o da vontade que exprime de ver os novos espaços servirem de quadro às numerosas actividades que uma intervenção progressivamente mais exigente da profissão vai reclamar; e quarto, o da confiança que tem na Associação dos Arquitectos Portugueses para levar a bom termo não só a reabilitação do edifício mas também o ambicioso programa de actividades que ele pressupõe e justifica."



"Senhores Arquitectos:

A vossa profissão é de importância primordial para o desenvolvimento do País.

As novas instalações permitirão à Associação desenvolver todo um conjunto de acções cuja resultante há-de seguramente ser benéfica para a profissão e para o País; é por isso que o Governo vos apoia. Mas há, ainda, muito trabalho duro pela frente; é por isso que eu vos desejo as maiores felicidades".

DR. MÁRIO SOARES

Eu partilho em absoluto das considerações que aqui foram feitas."

O Dr. Mário Soares salientou o facto da crímonia ter tido lugar pois "houve tempos em que não havia o respeito que a profissão merece." (...) a circunstância de neste momento verificarmos que a nossa Primeira Câmara quer honrar a profissão dos arquitectos, como o faz, e que o Governo da República se associa a essa iniciativa e apoia, também, a AAP é motivo para todos nós nos congratularmos e os arquitectos em especial."

Diz ainda que, pela altura do 4º Congresso dos Arquitectos, no Porto, chamou a atenção para a importância da profissão do

arquitecto, ainda não totalmente reconhecida, "desde então deram-se passos importantes."

Hoje há consciência, por parte do poder local e governativo, de que não se pode construir sem ter sido um arquitecto a projectar: "o que constitui um progresso considerável e um estímulo muito importante."

"Agora, a nova sede vem abrir perspectivas importantes e dignificar a classe."

"É bom que a AAP não se esqueça da ligação histórica aos Banhos de São Paulo, visto que foi nos Banhos de S. Paulo que esteve reunido o directório do Partido Republicano Português, justamente durante a revolução de 5 de Outubro."

O Dr. Mário Soares desejou "as melhores felicidades" e espera que em 1994 os arquitectos estejam a inaugurar os Banhos de São Paulo, cerimónia onde espera vir a estar presente, mostrando-se disponível para tal, "mas antes de 1994", quando terminar o seu mandato.





Banhos de S. Paulo

Este número do JA é maioritariamente dedicado ao Concurso da Nova Sede da AAP - Banhos de S. Paulo. Não posso, numa circunstância destas, deixar de a ele me referir. Quando tomei posse como Presidente da Secção Regional Sul da AAP, há pouco mais de um ano, nas palavras que na ocasião li, dei a entender claramente que esta seria a meta fundamental deste mandato (1). É uma meta com implicações em dois planos da afirmação da Arquitectura:

Não só no plano interno da vida da AAP (seguindo-se à grande conquista dos arquitectos no mandato anterior a este, que foi a Lei da Associação Pública), mas também no plano externo, do envolvimento da profissão e da AAP na realidade política, social, económica e cultural do país. Como profissão e instituição que têm um papel cada vez mais reconhecido. Não é pois de estranhar que a cerimónia de entrega dos prémios e inauguração da exposição tenha mostrado uma forte Comissão de Honra, uma forte divulgação nos média, uma forte repercussão nos meios empresariais, com reflexos imediatos no envolvimento "mecenático" da iniciativa privada, essencial à viabilização económica da "nossa nova casa".

Neste número do JA também, como seria imprescindível, a divulgação dos trabalhos premiados no Concurso realizado pela AAP para a selecção da equipe para o projecto de recuperação e adaptação dos "Banhos de S. Paulo".

Concurso, porque sim. O júri decidiu, porque sim. Graça Dias e Egas Vieira, porque sim.

Clara, transparente e culta, a AAP quer dar o exemplo. O que é bom defende-se por si.

Belo, bom, justo e verdadeiro, como diriam os gregos numa só palavra, o paradigma da Arquitectura.

Ao longo dos próximos meses o projecto vai-se desenvolver. Contamos em 1 de Julho, Dia Mundial da Arquitectura, mostrá-lo em todo o esplendor amoroso de um projecto de execução, participado pelo colectivo dos arquitectos, como quem prepara escrupulosamente uma mudança de casa. Então, é essencial que os membros da AAP vejam com atenção aquilo que os autores apresentaram no concurso, que comentem, que critiquem, que façam chegar opiniões.

Do edifício dos Banhos de S. Paulo, o programa do Concurso dizia o essencial (2) e também quanto à ideia de nele intervir (3). Iremos conhecendo os espaços que Graça Dias e Egas Vieira para todos nós inventaram, brilhando, como eles sabem.

E iremos conhecendo a luz e o cheiro daquele canto da cidade, pois a Arquitectura é assim, sempre está num sítio concreto, com outras coisas à volta:

- O Largo de S. Paulo, do pombalino mais puramente proporcionado, a escala harmoniosa da igreja ao topo, no barroco



Quando tomei posse como Presidente da Secção Regional Sul da AAP, há pouco mais de um ano, nas palavras que na ocasião li, dei a entender claramente que esta seria a meta fundamental deste mandato

...É hoje afinal, um problema de Arquitectura, edificar a casa dos Arquitectos. Desenhar os novos espaços onde se cumprirá o seu novo papel na defesa da Arquitectura e dos Arquitectos, é já fazer habitar a AAP de uma nova vida, estreitamente implicada no dia-a-dia da nossa profissão (...)

(...) Das suas janelas amansardadas avista-se o Tejo e ao longe advinham-se as fronteiras do futuro - a Arquitectura Portuguesa enraizada no país e aberta ao mundo.

Ao todo são mil metros quadrados para a Cultura Arquitectónica em Portugal.

Este não é só o sonho e o projecto de uma nova Direcção da AAP. É o sonho de todos os arquitectos.

E como é algo de que o país precisa para dar ao desenvolvimento significado qualitativo, o desafio que assumimos é também um desafio a todos os que querem estar do lado da cultura, e da qualidade do espaço edificado. Todos têm mais a ganhar tendo a Arquitectura do seu lado.

A nossa nova casa tem alicerces na memória e nós temos o projecto.

Ajudem-nos pois, a pô-la de pé.

(1) Excerto do discurso de tomada de posse do Arq. Pedro Brandão.



"chão" de Remígio Abreu e do quiosque e do chafariz novecentistas.

- O Mercado da Ribeira de Piloto, vasto e cheiroso com a cúpula e minarete brilhando ao sol, o rio e o ferro das asnas e rebites, num dos três lados do largo das palmeiras de D. Luís, no outro os Correios, no outro os Gaioleiros, assim como Lisboa, de colagens feita.

- E ali ao pé a Rua de S. Paulo, caminhando para o elevador da Bica, e do outro lado o Cais do Sodré, perfume de floristas e peixeiras, a "hora legal", o cacilheiro, aquele edifício do Largo do Duque da Terceira, com pequenos óculos ovais na mansarda, os quiosques e Parda! Monteiro dando a partida para Cascais.

A nossa nova casa será tão bonita, ali... A cerimónia do dia 15 de Março ficará na História da Profissão de Arquitecto em Portugal, porque nela se reuniram vários dos elementos simbólicos essenciais da afirmação pública da Arquitectura.

Realizou-se no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Lisboa, (projecto que teve a intervenção do Primeiro Presidente da Sociedade Portuguesa de Arquitectos, o Arqtº José Luís Monteiro), sob a Presidência de vários amigos que a Arquitectura portuguesa conquistou, também nas esferas do poder político.

Não podendo citar e justificar de todos, simbolicamente aqui se registam dois: o Sr. Presidente da República, Doutor Mário Soares, que já no seu primeiro mandato realizara o seu primeiro acto público após a posse, com os Arquitectos, para dizer a quem o quis ouvir, que a Arquitectura é para ser feita por estes; e o sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Doutor Jorge Sampaio, entusiasta desde a primeira hora do projecto dos Banhos de S. Paulo e a quem se deve a forma de concretização encontrada, para este grande sonho dos arquitectos.

Presentes estiveram centenas de convidados.

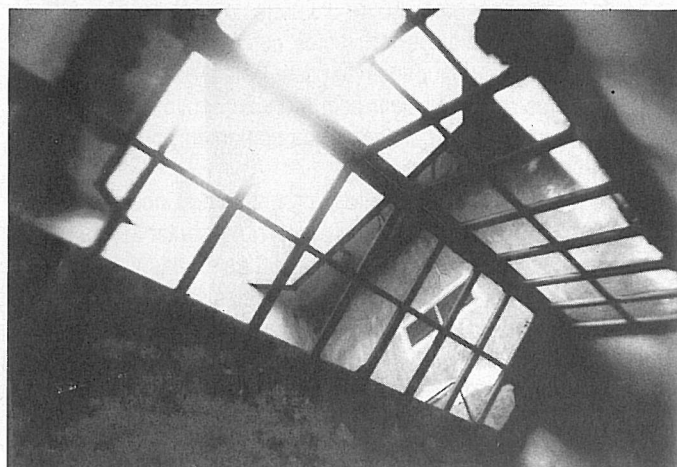
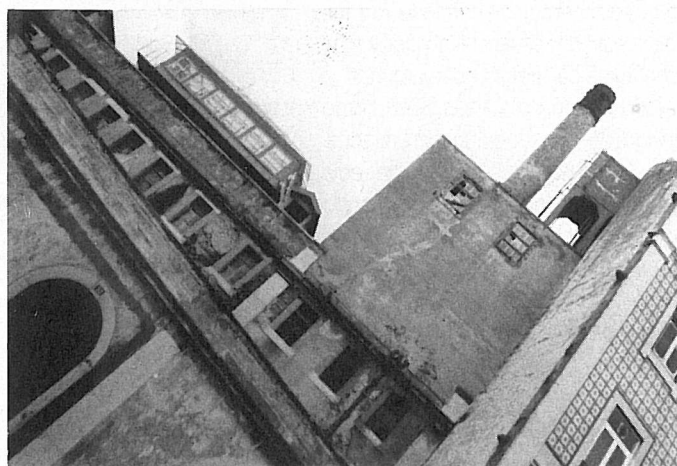
Outros mandaram os seus depoimentos (4). Organismos, jornalistas, empresas e, em maioria, claro, arquitectos. E de tudo se lavrou a presente acta (5).

Pedro Brandão, Arqtº

"PEDRO JOSÉ PÉZERAT (1801-1872), de origem francesa, chegou a Portugal cerca de 1840 vindo do Brasil (estando aí contratado como engenheiro dos trabalhos geodésicos) e onde fora arquitecto particular de D. Pedro. Ocupando o lugar de Engenheiro e Arquitecto da Câmara Municipal de Lisboa desde 1852, deu importante contributo para o desenvolvimento da cidade na década de 60. Em 1865, um ano após a tomada de posse no âmbito do Ministério das Obras Públicas de uma Comissão para estudar um Plano de Melhoramentos da Capital, publicou a "Mémoire sur les études d'améliorations et embellissements de Lisbonne", estudo que, não tendo quaisquer consequências práticas, é fundamental para a abordagem das ideias urbanísticas ao tempo da Regeneração e nas quais Paris de Haussman funcionou como exemplo paradigmático.

A sua obra arquitectónica em Lisboa não sendo muito vasta deixa, contudo, transparecer a sua formação neoclássica. De sua autoria é o Matadouro Municipal (1863), tendo igualmente colaborado com J. Costa e Silva no projecto de adaptação do antigo Colégio dos Nobres a Escola Politécnica, onde mais tarde foi professor de Desenho. A sua melhor obra é sem dúvida o edifício dos BANHOS DE S. PAULO (1855) que, numa modelação de fachada claramente neoclássica, se impõe pelo seu equilíbrio e sobriedade na articulação dos seus diferentes elementos.

Este edifício termal foi mandado construir em 1850 pela Misericórdia de Lisboa e, em 1868, passou a ser dirigido pelo Dr. Agostinho Vicente Lourenço. As águas medicinais provinham de uma nascente descoberta em 1829 quando se procedia à fixação dos alicerces da ala ocidental do Terreiro do Paço. As águas vindas do Arsenal eram conduzidas até às Termas por máquinas a vapor, através de uma canalização de cerca de um quilómetro de comprimento".



(2) Excerto do programa do concurso.
Nota histórica.
Dra. Ana Isabel Ribeiro

(...)Essa mudança de usos é encarada como desejável, quer por vir a dar lugar à instalação de um serviço cujo objecto e actividades se encontram intimamente relacionadas com a própria cidade e que pode culturalmente vir a ter um papel na dinamização local, desencadeando outras operações no mesmo âmbito, quer pelo facto de poder vir a conferir ao imóvel uma dignidade diminuída pelas características da sua difícil inserção urbana.

Procurar-se-á assim que na abordagem do problema se veja salvaguardada, a par da sua fachada principal, a memória da sua espacialidade interior consubstanciada no átrio e grande vazado central, com os diferentes elementos que a definem.

Não será de excluir a recriação simbólica dessa espacialidade, cujos elementos convenientemente explorados, poderão constituir uma factor de valorização do projecto, na perspectiva de que deverá haver abertura à pesquisa de soluções que, pela sua qualidade e rigor, possam afirmar-se como contributos contemporâneos a somar a um património existente.

Será de esperar que as propostas, partindo do reconhecimento dos valores de que se reveste o edifício e determinaram a sua classificação, reflectam o cuidado e a subtilidade que a alteração de usos proposta exige, por forma a não se verem anulados testemunhos importantes, mas assumam também de uma forma criativa a complexidade das questões que hoje se colocam no Universo das reutilizações. Sugere-se uma possível exploração, em termos simbólicos, da memória que o edifício contém enquanto espaço termal.

(4) Depoimentos

Tendo encontrado, enquanto responsável pelo sector energético, na Associação dos Arquitectos Portugueses, o interesse e disponibilidade para conseguirmos atingir a difícil, mas necessária, síntese de soluções arquitectónicas compatíveis com as preocupações de utilizar racionalmente a energia.

O apoio dado pela AAP à elaboração do Regulamento das Características Térmicas dos Edifícios, é passado à fase da sua aplicação, de grande importância.

Na arquitectura tradicional temos o exemplo de soluções inteligentes, que inspiram caminhos bem diferentes de algumas aberrações onde hoje habitamos e trabalhamos. À Associação dos Arquitectos Portugueses cabe uma importante palavra.

A Associação dos Arquitectos Portugueses é para o Ministério de que sou responsável um interlocutor privilegiado pois só com profissionais competentes e atentos se pode garantir a qualidade técnica e estética do perfil e composição das nossas cidades.

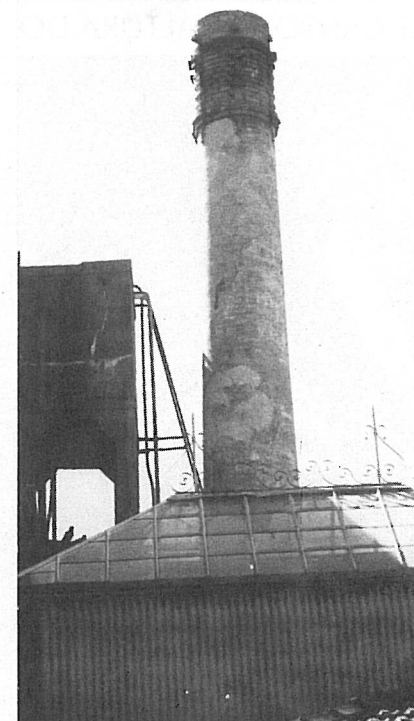
Apoiei desde logo a iniciativa de recuperação dos Banhos de S. Paulo para sede da Associação que uma vez instalada será um núcleo vivo de irradiação cultural indispensável à qualidade do desenvolvimento.

Que esta seja a pedra angular da exacta proporção do ofício de arquitecto na casa de todos nós.

A Associação dos Arquitectos Portugueses pelo que tem feito e pela esperança que nos transmite, merece todo o nosso respeito e consideração como garante da preservação do nosso património e da sua recuperação, valorizando-o como elemento intrínseco da nossa história e da nossa cultura, marcando assim, a nossa identidade e a nossa diferença num mundo em mudança.

A recuperação dos "Banhos de S. Paulo" revela, mais uma vez, esse sentido de oportunidade com uma intervenção que salvará e dignificará para sempre a Associação, Lisboa e as pessoas de bom senso que adoram os elementos culturais e os valores do ambiente.

(3) Excerto do programa do Concurso
- critério de intervenção
Arqtº Manuel Lacerda (IPPC)



(5) Acta da Sessão Solene

Aos quinze dias do mês de Março de Mil Novecentos e Noventa e Um no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Lisboa, reuniram a Comissão de Honra e a Comissão Executiva da "Nova Sede da AAP - Banhos de S. Paulo", sob a Presidência de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, numa cerimónia destinada à entrega dos Prémios do Concurso organizado pela Associação dos Arquitectos Portugueses para o projecto de recuperação do Edifício dos Banhos de S. Paulo e sua adaptação a sede da Associação dos Arquitectos Portugueses. Os presentes salientam o alcance cultural desta iniciativa, e apelam a todas as entidades relacionadas com a Arquitectura para que colaborem na sua concretização que se considera de manifesto interesse público, em benefício da Cultura e do Património Arquitectónico de Portugal.

Dr. Mário Soares, Presidente da República

Engº Valente de Oliveira, Ministro do Plano e Administração do Território

Dr. Jorge Sampaio, Presidente da C. M. de Lisboa

Engº Álvaro Magalhães, Sec. Estado das Obras Públicas

Prof. Artº Antero Ferreira, Pres. Inst. Português Património Cultural

Pintor Fernando Azevedo, Presidente Soc. Nacional de Belas-Artes

Arqtº Nuno Teotónio Pereira, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da A.A.P.

Arqtº Francisco Silva Dias, Presidente do Conselho Directivo Nacional da A.A.P.

Arqtº Pedro Brandão, Presidente do Conselho Directivo Regional Sul da A.A.P.



Nuno Ribeiro da Silva
Secretário de Estado da Energia



Joaquim Ferreira do Amaral - Ministro das Obras Públicas



José Macário Correia
Secretário de Estado do Ambiente



Uma inovação técnica, um novo "design"... um avião, um edifício, um telefone com memória... são os sonhos que fazem progredir a realidade! Com o papel vegetal CANSON, a vossa criatividade e o vosso talento ficam libertos de toda a inibição. Com a sua qualidade inalterável, o papel vegetal CANSON permite que "se esqueça dele", colaborando assim, à sua maneira, na realização do vosso único objectivo: o sucesso do vosso projecto.

O papel vegetal CANSON tem uma transparência, uma resistência à raspagem e uma facilidade de arranque que são realmente perfeitas. De 40 a 110 g/m², em folhas, blocos, resmas ou rolos, o papel vegetal CANSON estará sempre "à altura dos vossos projectos".



CANSON®

A BASE EFICAZ DE TODOS OS PROJECTOS.

Representante para Portugal e Ilhas
ARTUR WESTHEIMER LDA. - Largo Cristóvão da Gama, 10-B Damaia de Baixo - 2700 AMADORA.

Sobre os Banhos de S. Paulo

De longe a mais animada das "Conversas" (até agora). Esta foi sobre o concurso para a nova sede da AAP - os Banhos de S. Paulo. Presentes os arquitectos Francisco da Silva Dias, Pedro Brandão e Joaquim Braizinha (do Júri); Manuel Graça Dias e Egas José Vieira (1.º classificado); Pedro Mendes (atelier de João Carneira, 2.º classificado); Victor Mestre e Sofia Aleixo; Carlos Lúcio Pereira e Ricardo Bak Gordon; João Manuel Nunes dos Santos e João Vasconcelos Ferreira; Nuno Villamariz Oliveira; Elizabeth Martins Lopes; Eduardo Sérgio Gomes e João Ricardo Gomes (dos concorrentes); Olga Quintanilha e Luís Pereira (da AAP).

Amena de início com Pedro Brandão a dizer que "a AAP se empenhou na exemplaridade do processo em todos os passos nomeadamente no que concerne à sua correcção e clareza do programa". Fornece números: 80 pré-inscritos, 60 inscritos e 20 propostas entregues. Manuel Graça Dias aponta factores como a desproporção entre as verbas envolvidas (modestas) e a complexidade do programa para explicar a dissuasão de arquitectos mais consagrados. Fala de "uma espécie de traição da entidade promotora" consubstanciada na possibilidade de expansão de um programa excedentário através do "apêndice ou acréscimo" quase irresistível ainda que de concretização explicitamente incerta. Mais, adivinha alívio do júri perante a falta de viabilidade desse corpo.

Francisco da Silva Dias considera no entanto exemplar a actuação deste Júri. "240 horas/cérebro gastas, na maioria, a discutir critérios". A escolha dos premiados resulta simples: por voto secreto apuraram-se dois grupos de cinco propostas (as melhores e as piores) com unanimidade quanto aos concorrentes incluídos em cada grupo. "O júri furtou-se às ratoeiras mais comuns", todas as propostas cumprem, no seu entender, o programa e resultam de apreciação desapassionada, "de tal forma que posso dizer que não gosto do 1.º Prémio mas considero ser obra de arquitectura merecendo elogios quanto baste". Quanto à "traição" do acréscimo ele serviu para extrapolar actividades, foi útil para o entendimento da coerência das propostas (F. S. Dias). - "Aliás não está definitivamente assente



que não haja apêndice. Há duas velocidades de decisão" (F.S. Dias). "Não há para já" (P. Brandão). "Não há até se fazer a operação ao apêndice. O Braizinha lá estará para deitar uma bomba" (M.G.Dias). "Há que cortar as pernas ao bicho" (F.S.Dias). "Não é necessário, ele cai por si. Já é tão tortinho! Aliás devo dizer que o Júri não ficou incomodado com proposta nenhuma" (J. Braizinha). "Não sei se não ficou. É que já são dois que não gostam do projecto" (M.G.Dias).

Com notável e bem humorada cordialidade o debate subia de tom:

"É mais complicado que isso. Sob proposta minha e, no pressuposto de que quem ganha tem o direito de construir o Júri discutiu a hipótese de um acordo de cedências com o promotor. Toda a gente pôs em causa o "animal agachado". E houve mais votos contra: o Alcino não votou o teu projecto para 1.º lugar" (J. Braizinha. "O Alcino Soutinho não votou nem nesta nem noutra proposta porque não esteve presente à votação" (P. Brandão).

"Mas foi consultado telefonicamente..." (J.Braizinha).

"Deve ser esclarecido que o Soutinho só esteve presente na 1.ª sessão. Indicou três propostas de entre as quais deveria sair o vencedor. Estas ficaram classificadas em 1.º, 2.º e 3.º (a ordem que ele acrescentou é que não é a mesma)" (F.S.Dias).

"Eu penso que tudo isto são problemas morais que revelam pouca disponibilidade... Como a tua declaração de voto também é moralista: Declaro que votei contra a atribuição por considerar que o corpo que constitui a ampliação - 2.ª fase, recorre a uma linguagem a que não reconheço capacidade para ser entendida senão como fenómeno de moda e pernicioso quanto à possibilidade de se instalar como modelo a seguir." (M.G.Dias).



Pedro Mendes



Francisco Silva Dias, Braizinha



Manuel Graça Dias

"Por minha iniciativa foi discutida no Júri a não atribuição do 1º Prémio para não obrigar a construir (J. Braizinha). "Mauzinho sempre!" (M.G.Dias). "Mas outros elementos incluindo o G. Byrne representante dos concorrentes, não concordaram. Foi uma discussão leal e pacífica (J. Braizinha). Divertida também, por vezes, como "essa tua ideia de andares a pôr espelhos na fachada (...) que tu próprio não vais lá pôr... (J. Braizinha). "Não vou, porquê? Tu não deixas? Vais fazer uma campanha contra na Comissão de Estética? Francamente, ó Braizinha!" (M. G. Dias).

Pedro Brandão admite que a parte do programa onde se solicitava um tratamento menos pormenorizado para a ampliação pode ter sido insuficientemente clara.

"O tratamento da fachada pedido implicava problemas de linguagem e de relacionamento com o edifício que conduziam ao seu tratamento interior". Consideramos que aquele espaço não é a melhor solução urbana para tratamento do quarteirão". (P. Mendes).

"Consideramos que não havendo espaço para o auditório e sendo este muito importante para a AAP, esta iria debater-se por isso". (M.G.Dias).



"Tinha que haver rompimento para se cumprir o programa. Nós fizemo-lo para trás. Enfatizamos sempre o facto de aquela não ser a melhor solução" (P. Mendes).

Outra questão importante deu origem à pergunta de Victor Mestre. "O que levou o Júri a uma atitude exageradamente proteccionista (piegas) relativamente ao edifício?".

"A natureza do espaço interior que articula níveis diferentes obrigava a um sistema distributivo muito cuidado. Não houve, no entanto, nenhuma atitude piedosa relativamente ao edifício." (J. Braizinha). "A maior preocupação foi a de determinar com qual das abordagens ganhava mais o edifício. O Júri considerou que tal sucedia com as mais conservacionistas, com as quais o edifício ganhava mais do que perdia" (P. Brandão).

"Eu devo dizer que a solução premiada é das mais desbargadas em relação àquele espaço" (F.S.Dias).

"Como entendemos a intervenção:
1 - Economia - se não estivesse tão degradado poderia considerar-se a oportunidade de fazer apenas uma adaptação;
2 - Pequena dimensão - conservámos o poço e a subversiva diferença de níveis. Conservámos os acrescentes malditos - depósito de água, chaminé, escada - que sempre nos fascinaram. O que salva o edifício, o que o redime é precisamente aquilo que parece desagradar:
- é estar virado a Norte,
- é ser um Portugal dos Pequeninos ali metido,
- é ter uma fachada sul muito possante com aquelas cantarias cheias de força, (parece um palácio renascentista)"

Susana Nogueira Godinho

Banhos de S. Paulo 1º classificado

FICHA TÉCNICA

PROJECTO

Manuel Graça Dias / Egas José Vieira

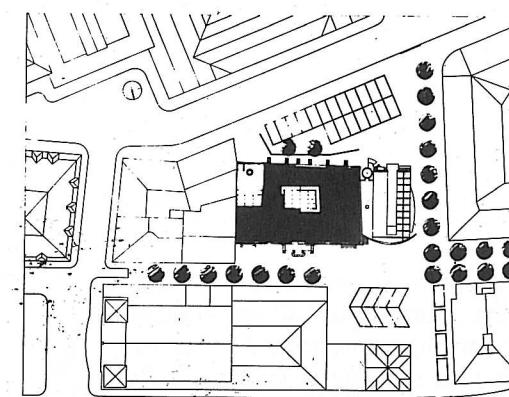
COLABORAÇÃO

Jorge Estriga - 6º ano FAUP

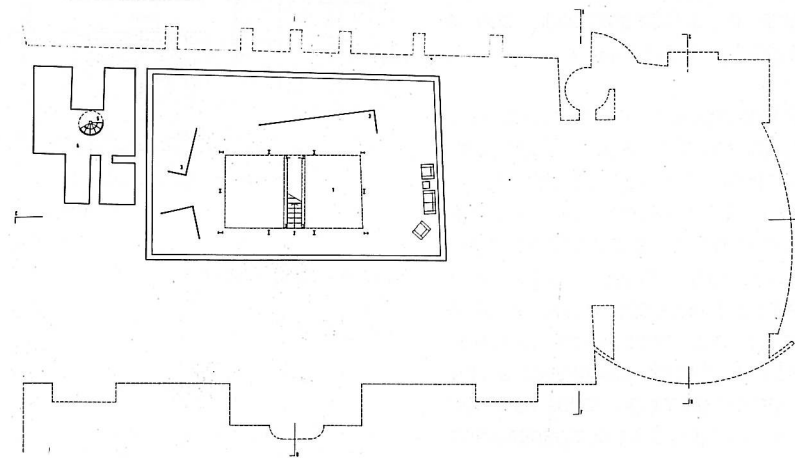
Luis Torgal - 3º ano FA/UTL

João Almeida - 3º ano FA/UTL

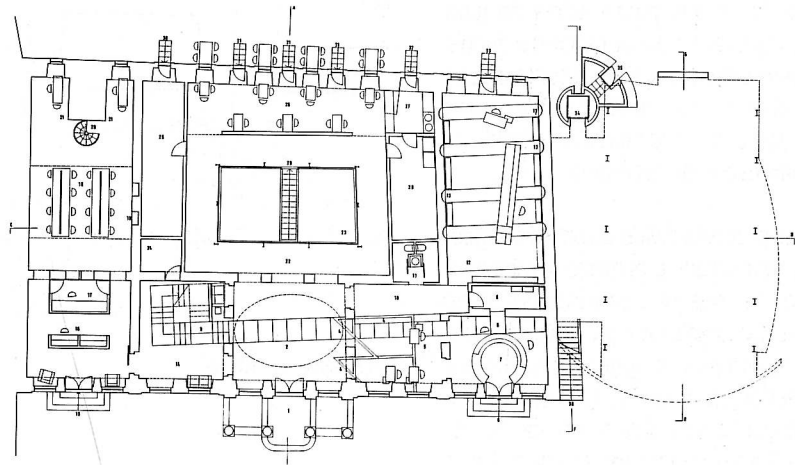
Thomas Goryeb, Arqtº



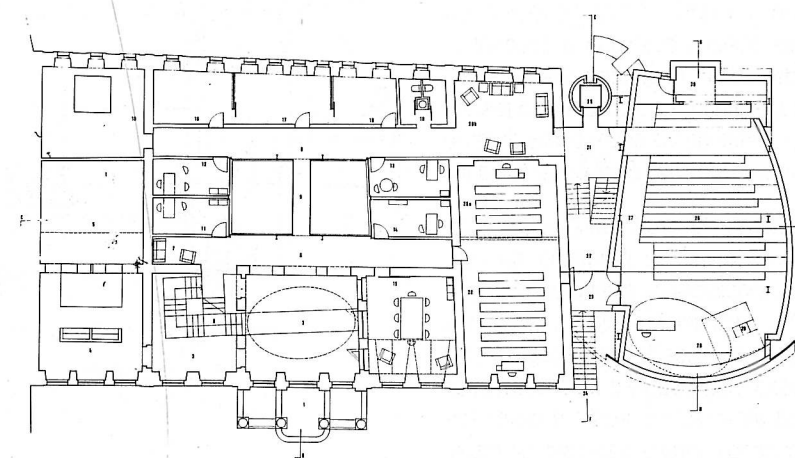
Implantação



Piso -1 (-2,80 m)



Piso 0 (0,00 m)



Piso 1 (+2,80m)

O edifício dos Banhos de S. Paulo (1855) de Pierre-Joseph Pézerat, apesar da classificação de "o mais notável exemplar da arquitectura neoclássica ao seu tempo, bem articulado nos seus valores, bem ritmados nos seus elementos estilísticos", que lhe atribuí José Augusto França em *A Arte em Portugal no século XIX*, é, quanto a nós, um pequeno e modesto edifício entalado num denso canto dos aterros, ao tempo servindo a modernização e higienização da cidade, hoje possuidor de um encanto que lhe advém mais da fidelidade estilística contida nos seus 10,00 m x 30,00 m de fachada principal e no engenho de a caracterizar sem desvios de escala, que de uma magnitude ou imponência de que nunca terá sido possuidor.

Internamente, como se acentua no programa do concurso (Anexo 1) "(...) a memória da sua espacialidade (...) é apenas (...) "consustanciada no átrio e grande vazio central", tudo o resto se resumindo a corredores mais ou menos labirínticos (e por aí ingenuamente evocadores) e a marcações mais ou menos grossas de neoclássico pobre nas zonas de entrada; uma forte forma de captar a luz no vazio do meio a ocorrência talvez mais inesquecível.

A degradação do existente e a sua desadequação ao programa previsto, levou-nos a conservar um *sentido* ao edifício (o seu deambular "claustrofóbico" em torno de um pátio coberto a vidro) e a memória de algumas direcções e paredes secundárias, no apoio à invenção do novo espaço a criar.

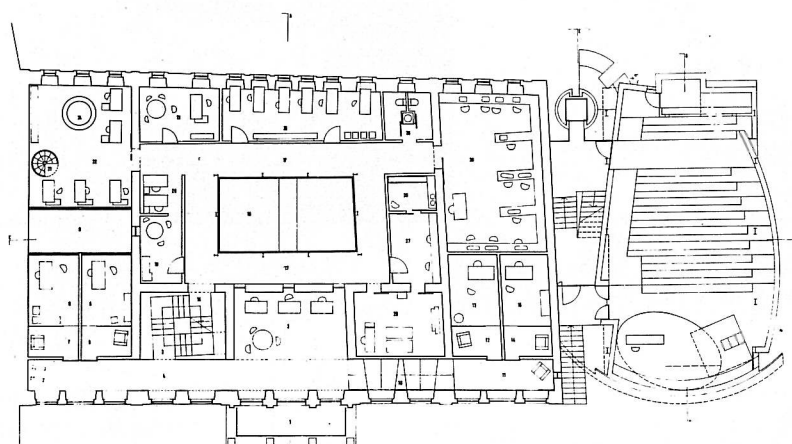
Contraditoriamente com a maioria das opiniões expressas nos documentos apre-

sentados, o que nos seduz mais nesta "caixa", futura sede da AAP, é o seu alçado sul, tensamente marcado de vãos envoltos em cantarias brutas, espécie de traseira sem pretensões que enfrenta o sol e o Tejo numa pujança e nobreza mais abstracta e descomprometida que o "apalaçado" principal alçado.

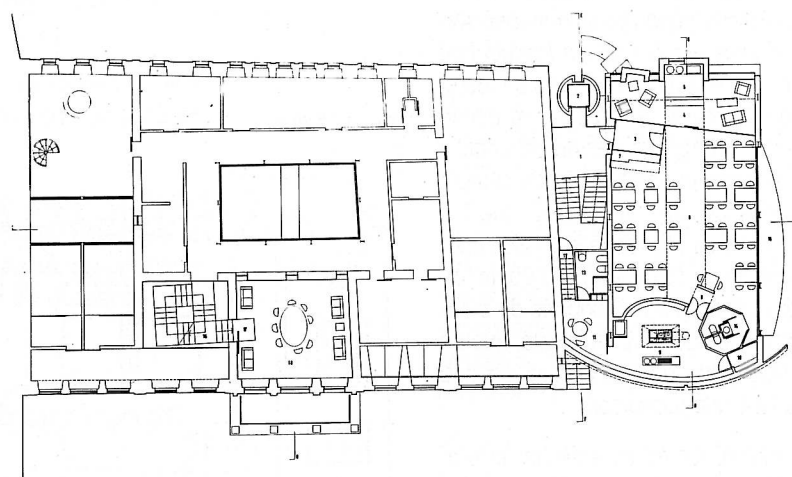
Também os cubos, a chaminé longuíssima, o depósito de água, esses sólidos duros abandonados em desequilíbrio, nos encostos às empenas nascente, são, para nós, valores mais fortes e património mais seguro que o excesso de clarabóias absorventes à cobertura; delas, e dos seus telhados de arrebuques nos procurámos desfazer, achando por demais pleonástica a obrigação da luz entrar por todos os lados, sobre as escadas e os compartimentos, quase "estufando" toda a cobertura. Pensámos que o respeito pela corporeidade do edifício passa acima de tudo pela conservação da luz central, e depois por esse espaço "poço" a nascente, quase escondido da rua, onde quisémos uma biblioteca alta, na dimensão do edifício, nas dimensões do programa.

A nossa proposta divide-se em três aspectos fundamentais; o primeiro revaloriza e esbate, no desenho provinciano, o pó neoclássico, captando-o para fruições mais contemporâneas; o segundo estabelece um interior compatibilizando o programa pedido com a adivinhada vontade do edifício - "daquilo que o espaço quer ser, o desconhecido pode ser revelado ao arquitecto" (Louis Khan); finalmente, sobre a fachada poente, abstracta e decorativa, expectante, um pequeno edifício de encosto que alberga o auditório e o restaurante, animal de luz sobre pilotis de ferro anichado ao lado dos Banhos de S. Paulo.

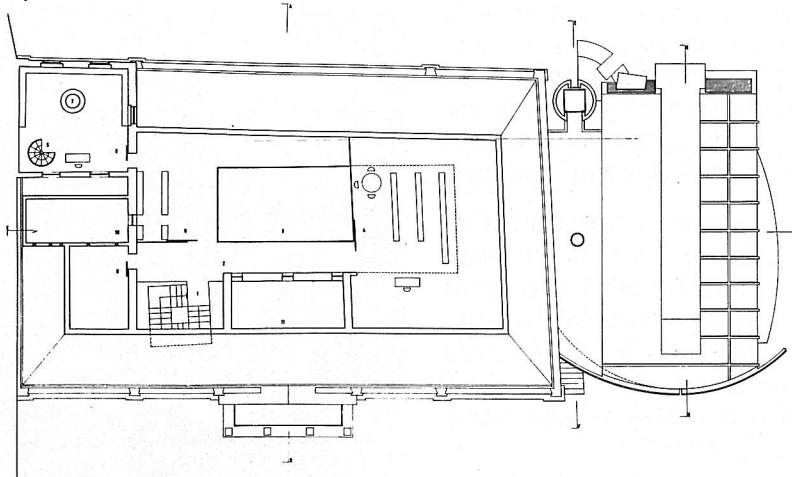
Os arranjos exteriores, sem grandes alternativas, seguindo o programa do concurso, conduzem-nos à semi-pietonização do sítio, com anulamento de lancis e a criação de um desenho de estacionamento em basalto negro sobre o vidro; algumas árvores amenizam o Verão e talvez tornem curioso o atravessamento, de insólitas, enfiadas com o meio das ruas.



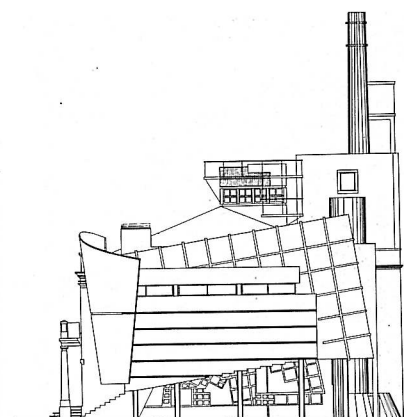
Piso 2 (+4, 20 m; +5,60 m)



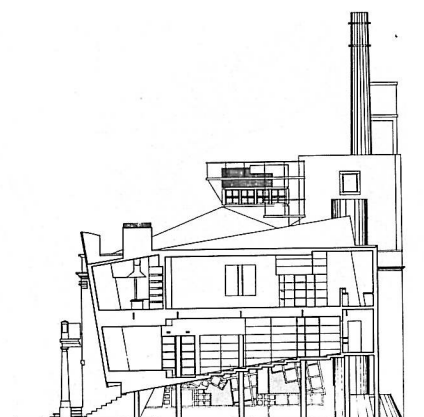
Piso 3 (+5,90 m; +6,80 m)



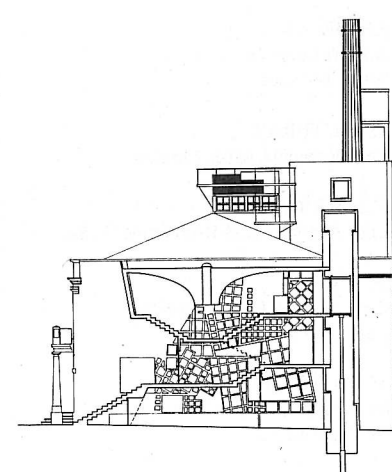
Planta Piso 4 (+8,90 m)



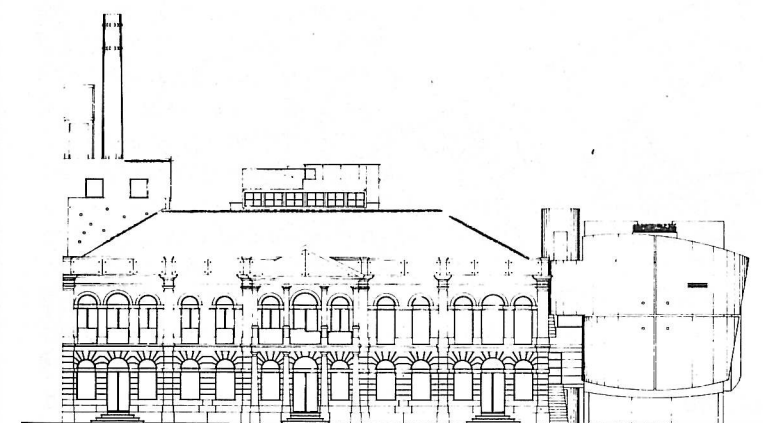
Alçado Poente (2ª fase, ocupação da zona 2)



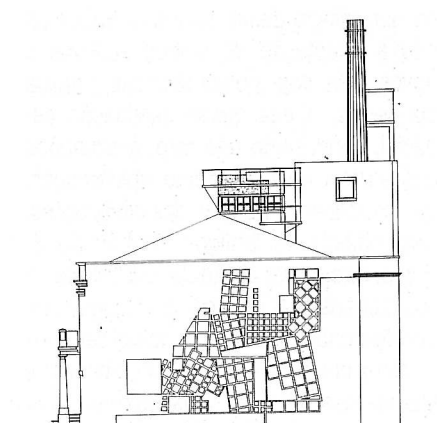
Corte G H



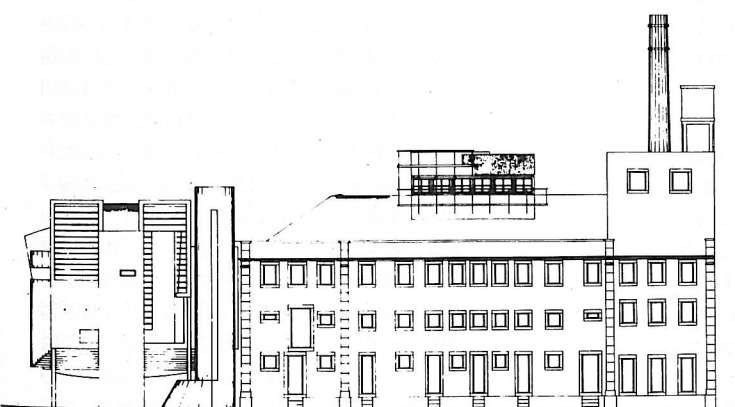
Corte E F



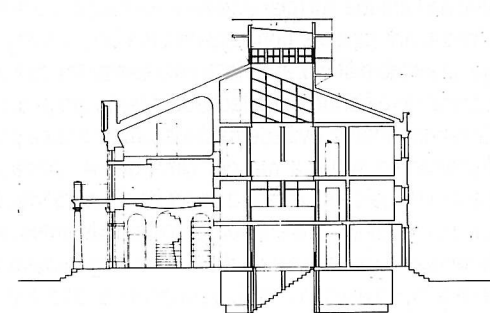
Alçado Norte



Alçado Poente (1ª fase)



Alçado Sul



Corte A B



Banhos de S. Paulo

2º classificado

PROJECTO
João Santos Carreira
Pedro Mendes

ESTRUTURAS
Engº Eduardo Aires Pereira

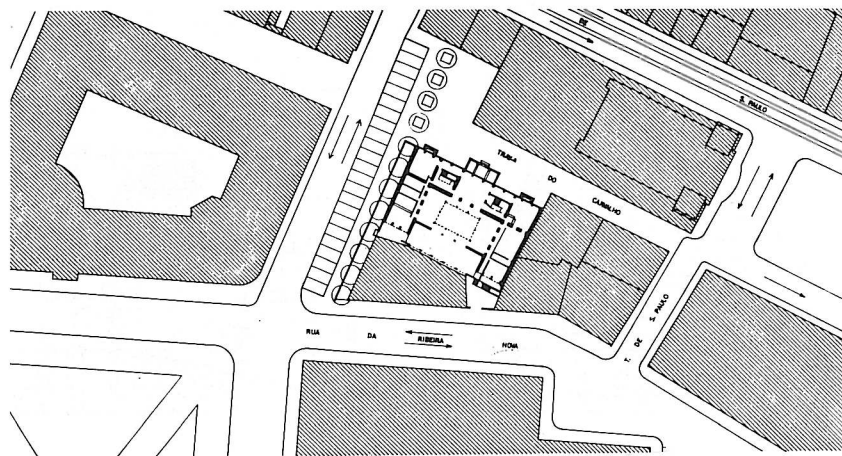
ELECTRICIDADE
Engº António José Rodrigues Gomes

MECÂNICA
Engº Alfredo Costa Pereira
Engº Queiroz de Faria

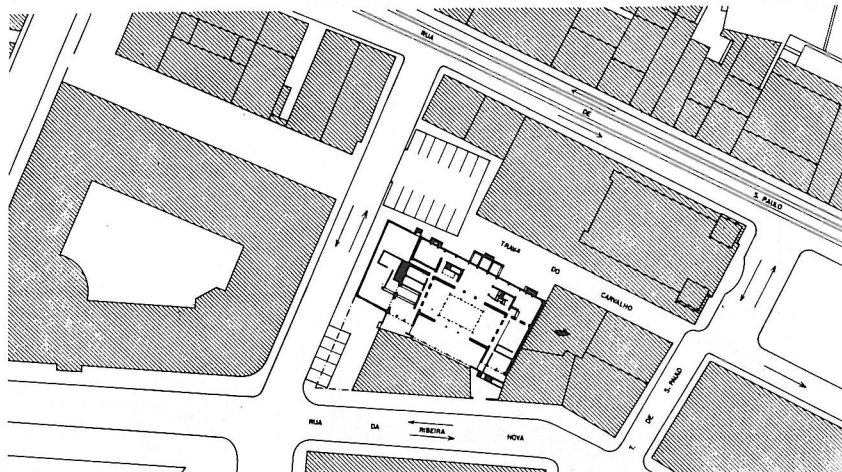
ÁGUA E SANEAMENTO
Engº Fernando Adriano
da Costa Lopes

PROPOSTA A

Pensamos ser delicada, a transformação de um edifício desta natureza. Sabemos que a adaptação de velhos edifícios a novos usos com novas técnicas, implica por vezes, a sua quase destituição espacial, conduzindo não raro, a situações caricaturais ou meramente epidérmicas, que desvirtuam a nobreza das construções. Este edifício, os antigos Banhos de S. Paulo, não corre, à partida, esse risco. A sua fachada principal com os espaços que lhe são contíguos, o grande fosso central e a galeria que o desenha, bem como as alas laterais definidas por uma estrutura física bem marcada, são elementos suficientemente fortes na sua caracterização, cuja manutenção / recuperação (que não é difícil), não impede a organização de novos espaços. Pelo contrário, são elementos valorizadores dos novos usos, pela potencialidade espacial que contém, identificando-se pela adequação, com a instituição a que se destinam. Assim, em termos volumétricos, ligeiras alterações em pontos que julgamos serem menos condizentes com a personalidade do edifício, permitem, que com novas linguagens se obtenham as áreas e os usos pedidos: a) a demolição da zona central da fachada sul (claramente traseiras) e a sua substituição por uma outra parede, conseguem uma boa utilização a toda a altura do antigo edifício, anteriormente bastante estreita no interior e degrada no exterior; b) na fachada poente um pequeno volume do desenho simples, evita demasiadas aberturas na parede nua e, debruçando-se sobre a rua por cima de um embasamento de placagem de calcário, evoca o desenho e centralidade clássicas. No interior, partindo dos elementos fortes existentes, a nova compartimentação responde sem dramas às exigências do programa, quer na relação espaço / funções, quer nas suas áreas, quer inclusivamente (em algumas situações) ao carácter polivalente de usos. No local das antigas caldeiras, colocámos as novas, que alimentam unidades pontuais de aquecimento e desumificação a



Proposta A

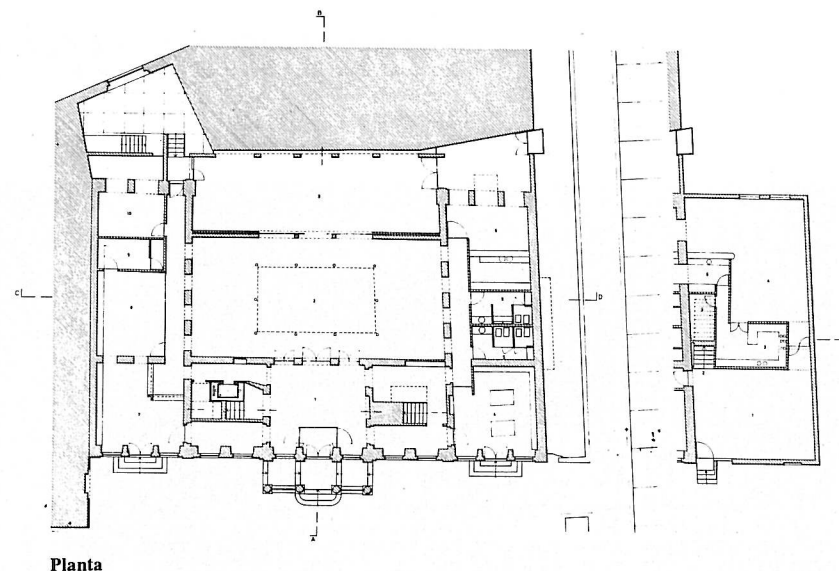


Proposta B

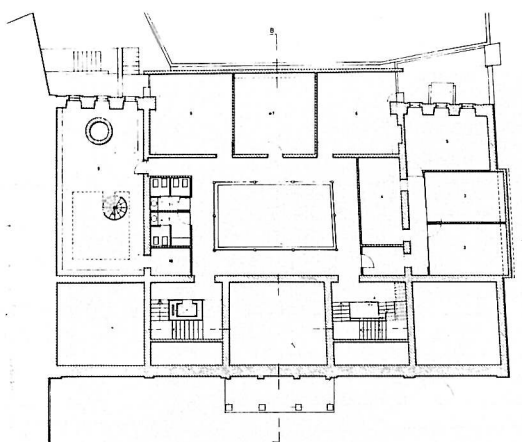
todos os compartimentos. Ar condicionado, pelo tipo de exigências que tem (centrais e condutas), foi considerado um luxo dispensável (substituível), pelas características do edifício (pés direitos). Também a grande chaminé, memória de um uso, se manterá, romanticamente, através do reforço dos vigamentos das novas lages, agora em betão. No interior ainda todas as novas construções e reparação das antigas (executadas pela simplicidade e conveniência numa só fase) serão feitas com técnicas actuais, mas correntes, de modo a permitir a sua boa conservação sem exigir esforços dispendiosos - betão e tijolo em toscos, madeiras, calcários, rebocos, azulejos e pinturas, são os materiais de acabamento. No exterior, com uma ligeira alteração nos sentidos do trânsito "fechou-se" o quarteirão para peões. Uma linha de árvores, estreitas e altas é o cenário transparente e separador entre estacionamento e uma pequena praça, que intimiza o interior do quarteirão.

PROPOSTA B

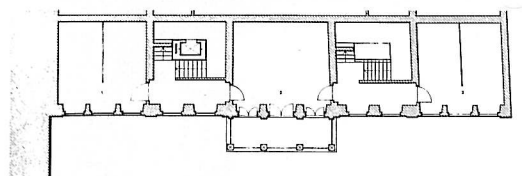
Julgamos que as necessidades do programa estão basicamente salvaguardadas no edifício existente (proposta A). No entanto esta extensão da sede da Associação dos Arquitectos Portugueses (com apenas 280 m²), justifica-se, se efectivamente se confirmarem as necessidades de um restaurante com intenso uso diário e de um auditório que, através de uma dinamização permanente, possa funcionar de tal modo que outros espaços agora polivalentes no edifício existente passem a funções definitivas. Pensamos ainda, que em termos urbanos esta extensão não será muito feliz, uma vez que surge como um "abcesso" no quarteirão, sendo desejável, porque faz sentido como frente de rua o seu prolongamento até à face da Rua da Ribeira Nova. Este novo corpo, de linguagem volumétrica muito seca, justificada pelas funções que alberga, estrutura-se em dois pisos: no primeiro, o restaurante com respectivos apoios (cozinha e bar americano) e ainda "foyer" do auditório, sendo ambas as funções ligadas ao corpo pré-existente; no segundo, funciona exclusivamente um auditório, que por sua vez se liga ao "foyer" por uma escada encimada por um grande lanternim que simultaneamente permite o acesso da luz a outros espaços do corpo principal. Os materiais a usar serão semelhantes aos do edifício existente e na sua continuidade. Os arranjos exteriores da proposta B, preconizando a mesma organização do trânsito limitam-se à regularização de passeios e guias e de uma baía de estacionamento no local onde na proposta A existe uma praça. Nesta proposta, pela ocupação de terreno que o novo volume necessita, não propomos qualquer arborização, que aqui não faz sentido, pelo recorte da fachada da rua. Mantemos no entanto a pietonização de parte da Travessa do Carvalho, mais útil do que o seu atravessamento por parte dos automóveis.



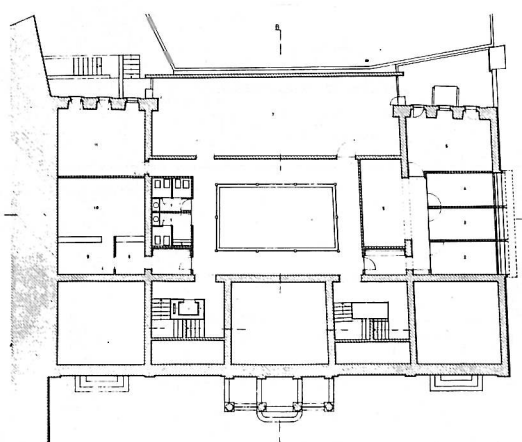
Planta



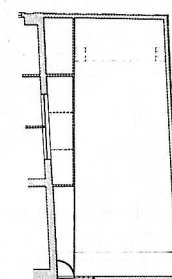
P 4 - A



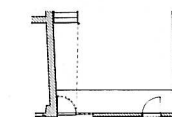
P 3 - A



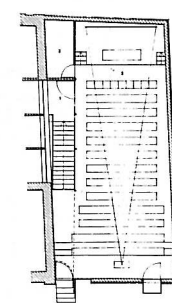
P 2 - A



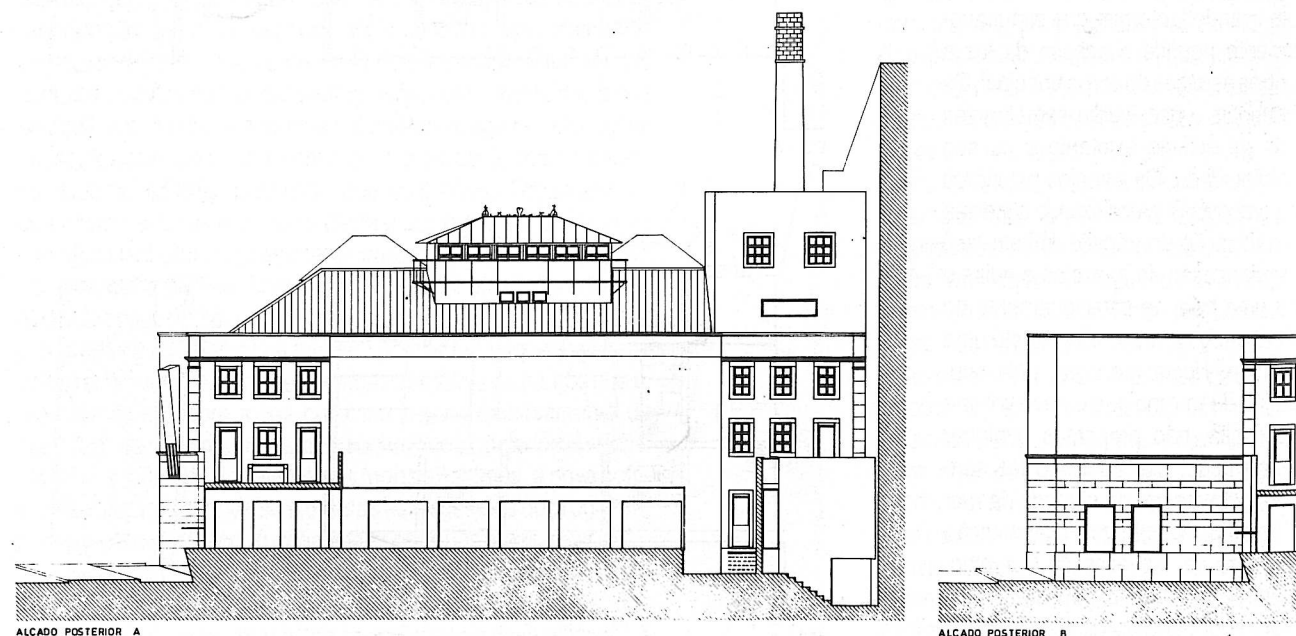
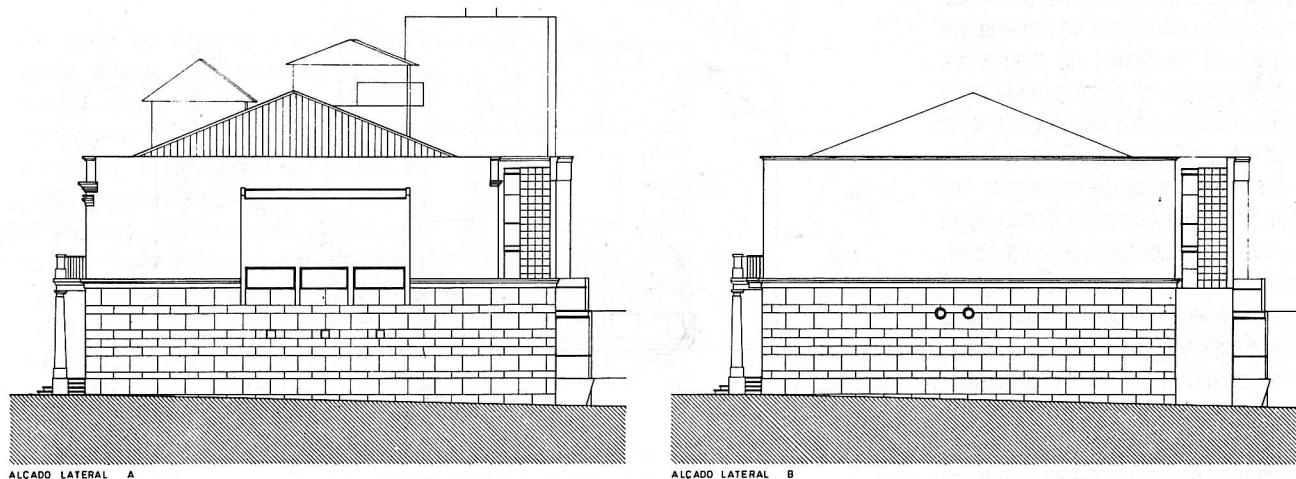
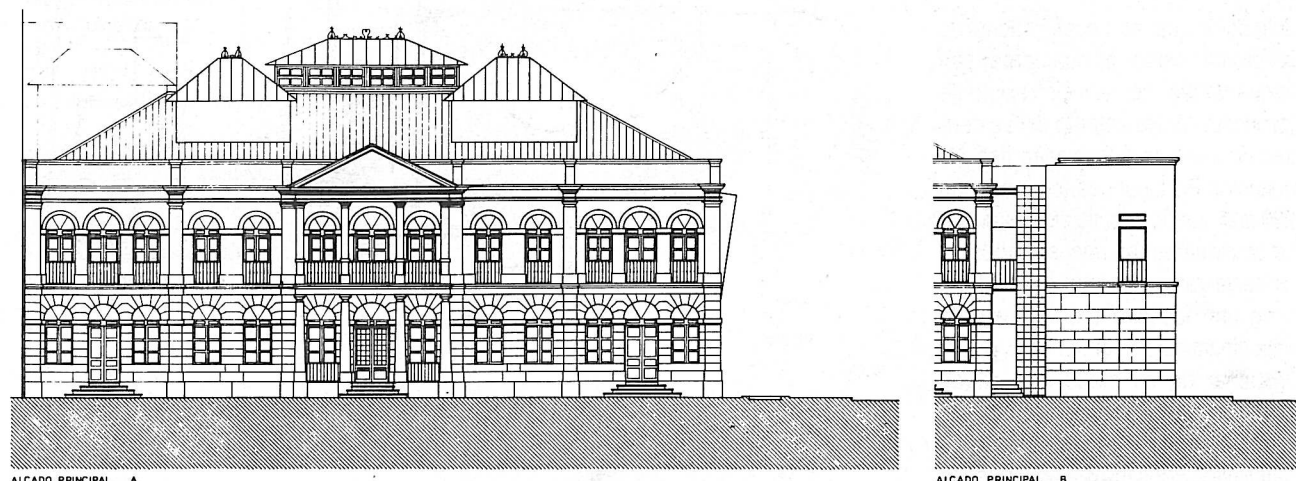
P 2 - B



P 2 - B



P 2 - B

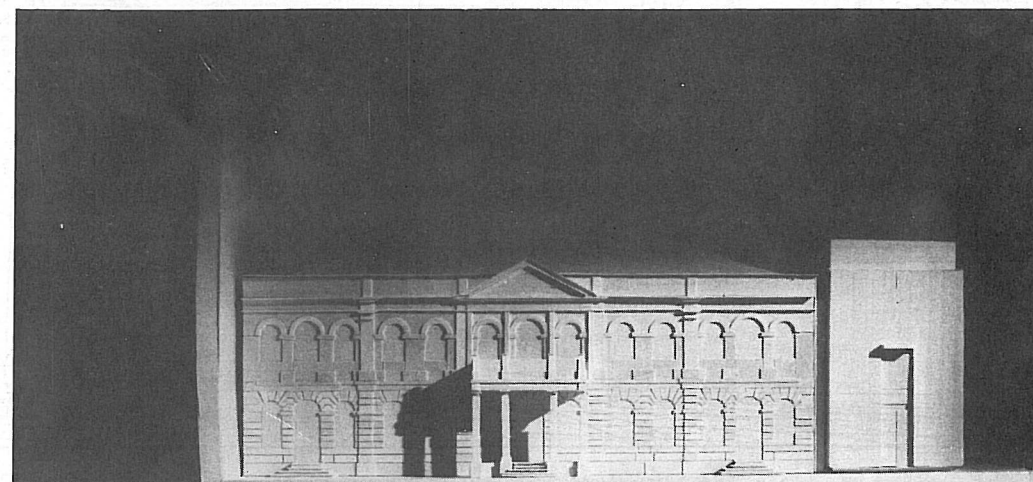


Banhos de S. Paulo 3º classificado

FICHA TÉCNICA

PROJECTO
Jorge Carvalho

COLABORAÇÃO
Teresa Gonçalves
Manuela Lara
Cecília Lau
Vasco Mendia
Pedro Reis

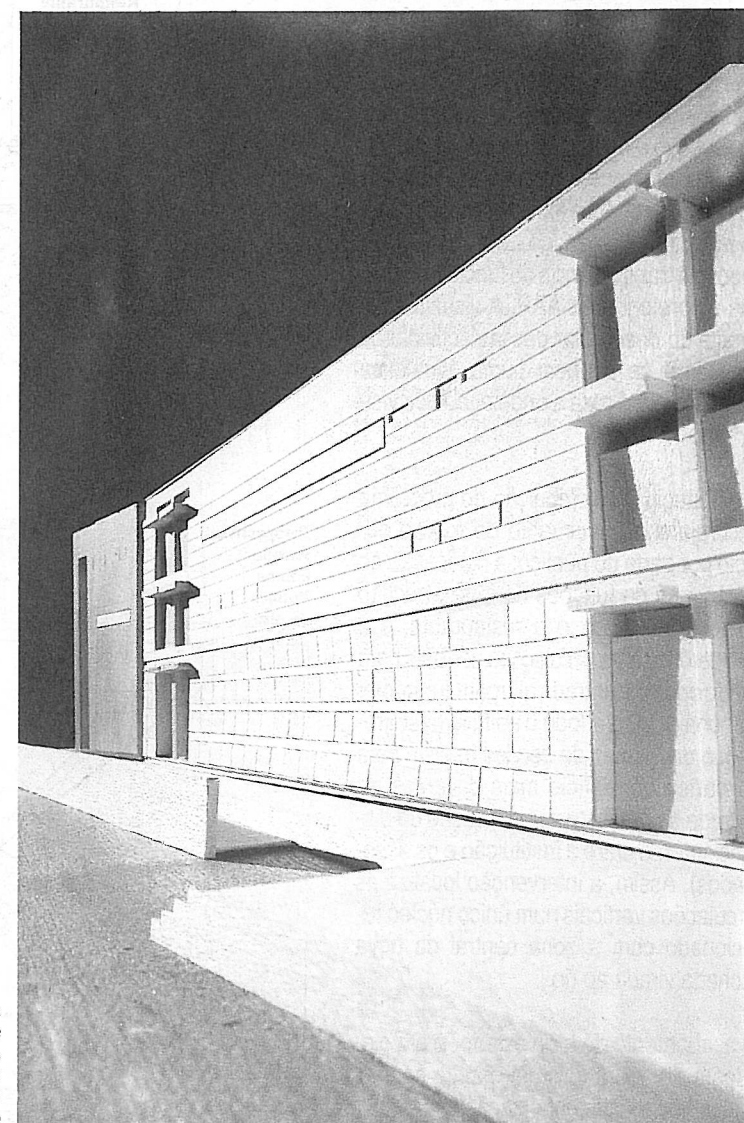


Maqueta de Estudo. Fachada Note

A zona onde se insere o edifício dos Banhos de S. Paulo é densa e descontínua, caracterizada por uma agregação de volumes e linguagem diferentes sem uma interdependência óbvia. A autonomia do "parti" do edifício existente é mais do que adequada ao carácter urbano do sítio. No entanto, a condição actual do edifício inclui intervenções que confundem a leitura desse "parti", urgindo uma clarificação.

A intervenção prevê a remoção de volumes visíveis na cobertura - com excepção do que corresponde ao vazado central - e clarifica a presença do edifício no lado virado ao rio através da renovação dessa fachada. É nesta zona que se concentram as novas estruturas necessárias aproveitando a maior parte do logradouro a sul para aumento da área do edifício.

Em vez de operar um corte com o passado - que pode ser tanto em forma de desrespeito como de veneração - a proposta para o edifício existente exprime a coexistência de vários tempos de intervenção num objecto contínuo, prolongando a estrutura básica do interior e adaptando o telhado existente ao novo contorno do edifício. Pelo contrário, a ampliação para a zona 2 é interpretada como um edifício diferente, apesar de visivelmente ligado ao primeiro.



Maqueta de Estudo. Fachada virada ao rio



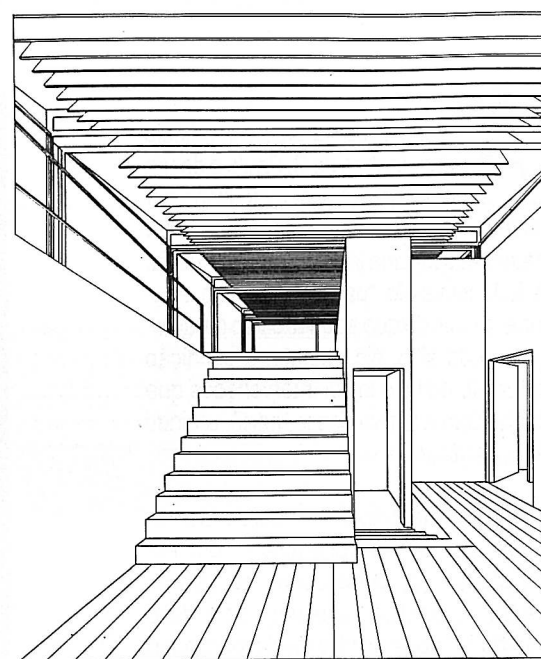
Perspectiva. Travessa do Carvalho

Os princípios de organização interna assentam no relacionamento dos utentes com a instituição. As funções de atendimento, os espaços de distribuição de cada piso e algumas funções de trabalho administrativo e de secretariado são desenvolvidos em "open space" em volta do vazado central. Esta forma prioritariamente aberta da ocupação do espaço corresponde à transparência de funcionamento que se pretende da AAP. A visualização directa do desenrolar dessas actividades transforma-se também numa "sinalética arquitectónica" para a orientação dos visitantes.

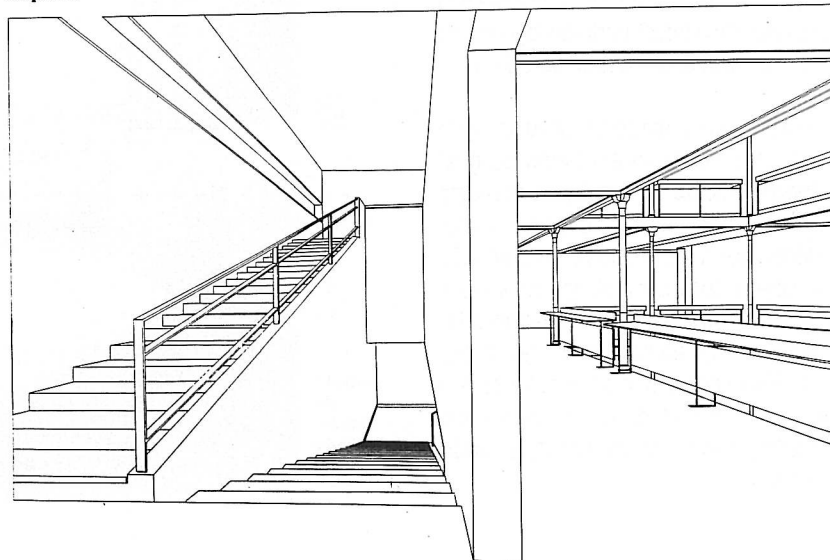
A estratégia de distribuição do programa encoraja o conhecimento de todo o edifício por parte do público: a colocação no último piso de funções de forte atracção como a biblioteca e o restaurante, e a transferência das circulações verticais para o lado oposto à entrada alargam o carácter de zona pública a todo o edifício (a segregação das zonas de serviço interno para as partes do edifício mais distantes da entrada significaria uma sensação de distanciamento entre a instituição e os associados). Assim, a intervenção localiza as circulações verticais num único núcleo relacionado com a zona central da nova fachada virada ao rio.

O acabamento do todo exterior é em placa de pedra calcária branca com as juntas horizontais enfatizada.

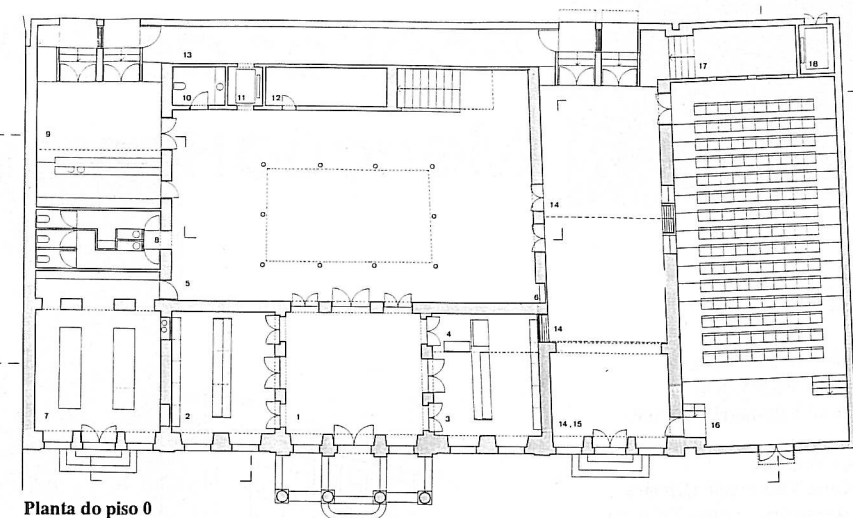
Perspectiva.
Entrada
do
Restaurante



Perspectiva.
Escada
e Zona
Pública
do piso 1

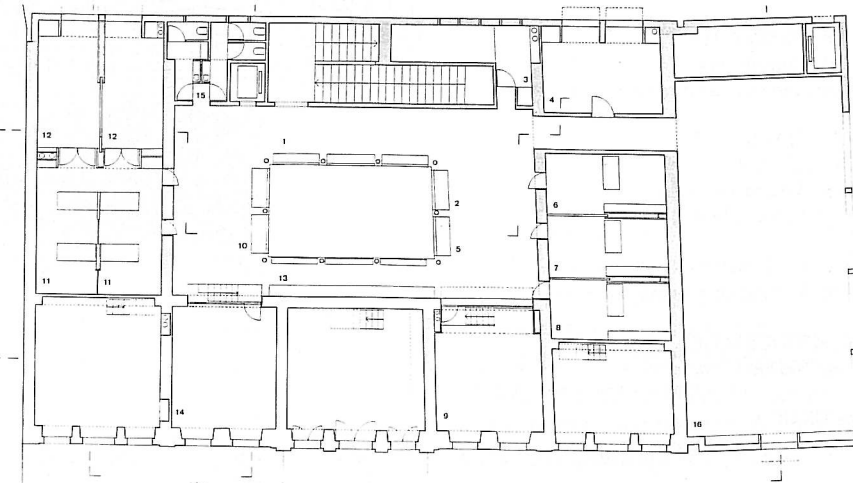


- 1 - Átrio
- 2 - Secretaria
- 3 - Tesouraria
- 4 - Recepção
- 5 - Sala de Exposições
- 6 - Telefone
- 7 - Livraria / Papelaria
- 8 - Sanitários
- 9 - Bar
- 10 - Sanitários para deficientes
- 11 - Elevador
- 12 - Economato
- 13 - Arrecadação
- 14 - Salas Polivalentes
- 15 - Sala de Conferencistas
- 16 - Auditório de 150 lugares
- 17 - Cabine de Projectão
- 18 - Montagem

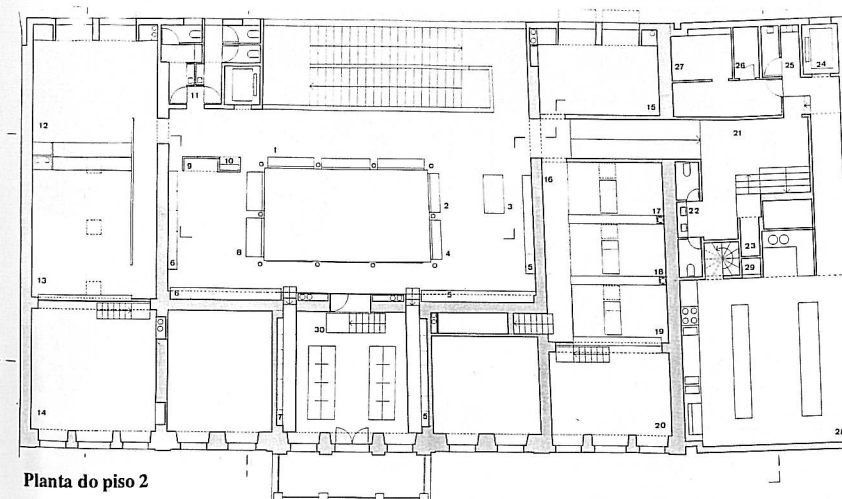


Planta do piso 0

- 1 - Consulta de regulamentos para Concursos
- 2 - Atendimento / Secretariado para Concursos
- 3 - Arrecadação de apoio aos Concursos
- 4 - Gabinete de Concursos
- 5 - Secretariado da Assessoria
- 6 - Consultoria Jurídica
- 7 - Consultoria Fiscal
- 8 - Consultoria de Seguros
- 9 - Sala de Reuniões
- 10 - Secretariado da Direcção
- 11 - Gabinetes da Direcção
- 12 - Gabinetes dos Presidentes das respectivas Direcções
- 13 - Arquivos
- 14 - Sala de reuniões da Direcção
- 15 - Sanitários
- 16 - Zona de Reserva



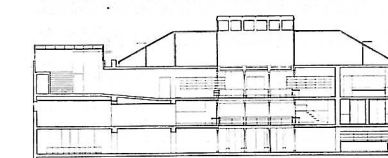
Planta do piso 1



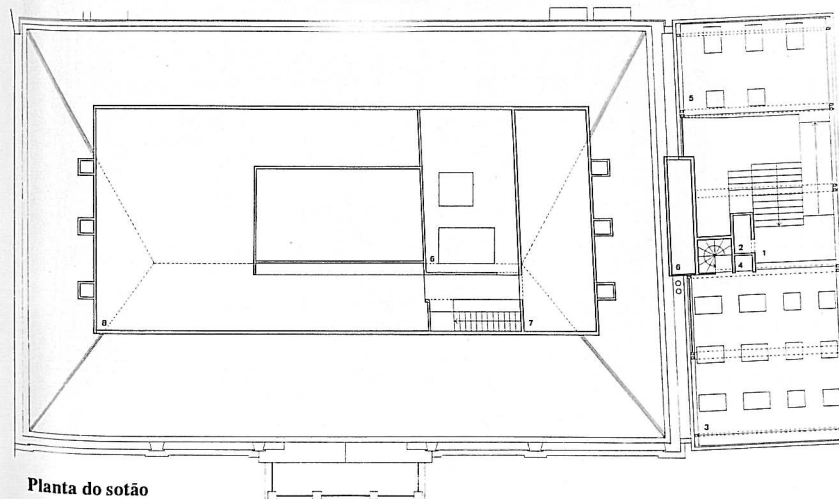
Planta do piso 2

- 1 - Consulta de publicações recentes
- 2 - Venda de publicações
- 3 - Atendimento da Biblioteca / Vestiário
- 4 - Catálogos / Terminal de computador
- 5 - Publicações monográficas
- 6 - Publicações periódicas
- 7 - Reservados
- 8 - Material Audiovisual
- 9 - Fotocopiadora
- 10 - Telefone público
- 11 - Sanitários
- 12 - Documentação técnica
- 13 - Centro de informática
- 14 - Centro de estudos
- 15 - Gabinete do Bibliotecário
- 16 - Publicações periódicas
- 17 - Secretariado
- 18 - Publicidade
- 19 - Gabinete
- 20 - Redacção
- 21 - Acesso ao Restaurante
- 22 - Sanitários
- 23 - Telefone Público
- 24 - Montagem
- 25 - Instalações do pessoal
- 26 - Câmara frigorífica
- 27 - Dispensas
- 28 - Cozinha
- 29 - Elevador de Comida
- 30 - Sala de leitura

- 1 - Zona de espera
- 2 - Vestiário
- 3 - Sala do Restaurante
- 4 - Montagem
- 5 - Esplanada
- 6 - Casa das Máquinas
- 7 - Estúdio de fotografia e Reprografia
- 8 - Arrecadação de livros de apoio às Edições



Corte longitudinal



Planta do sótão



Banhos de S. Paulo

Menção Honrosa

FICHA TÉCNICA

ARQUITECTURA
COORDENADOR
Nuno Villamariz Oliveira

AUTORES:
Nuno Villamariz Oliveira
Alexandre Canuto Teixeira

COLABORAÇÃO:
CPU Consultores
Departamento de Arquitectura

ESPECIALIDADES
ESTRUTURA
Eng.º Álvaro Varanda
Eng.º António Mettelo

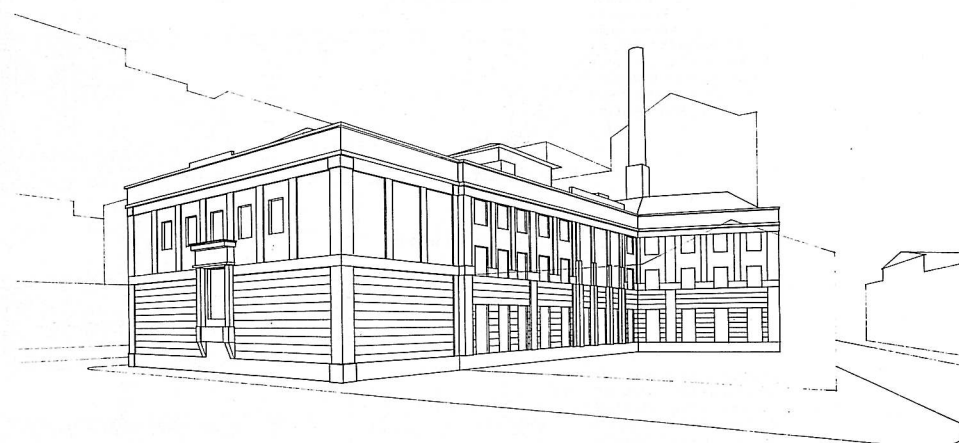
ÁGUAS E ESGOTOS
Eng.º Margarida Carmo

ELECTRICIDADE
Eng.º Nelson Cruz

ACÚSTICA
Eng.º Francisco Nunes

*"Coisa nenhuma, seja ela qual for,
provém do nada, mas isto não pode
senão aplicar-se a todos os inven-
tos humanos."*

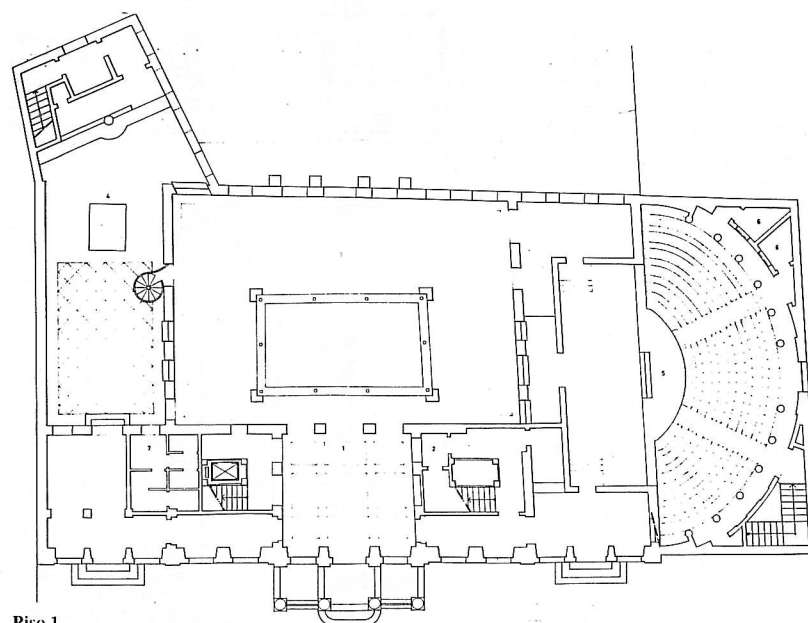
Quatremere de Quincy, 1825



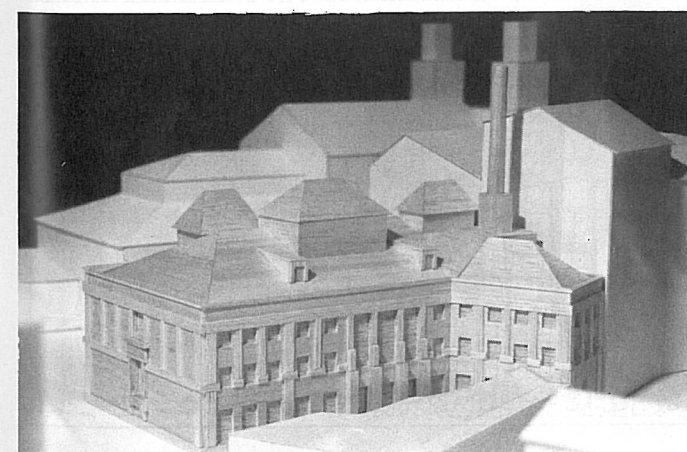
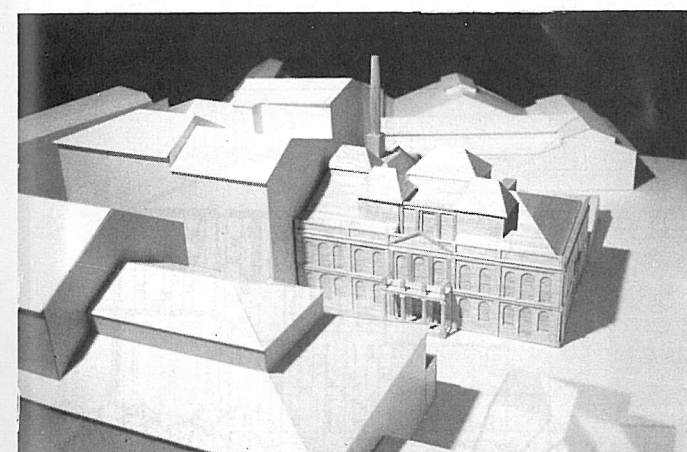
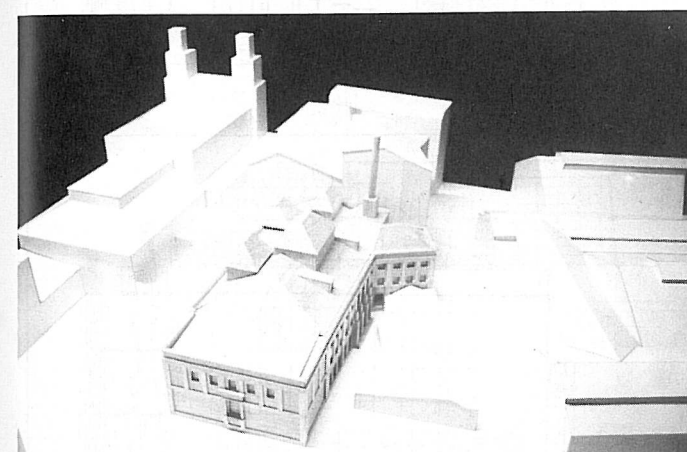
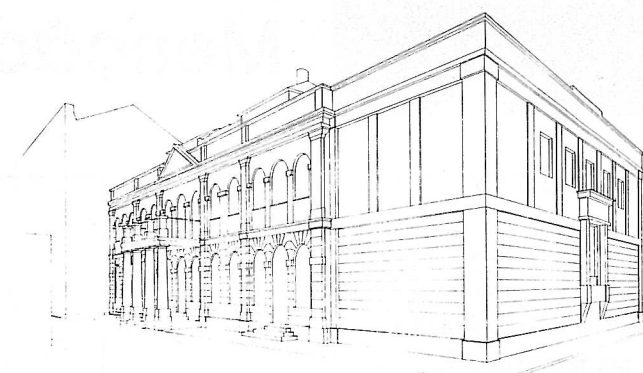
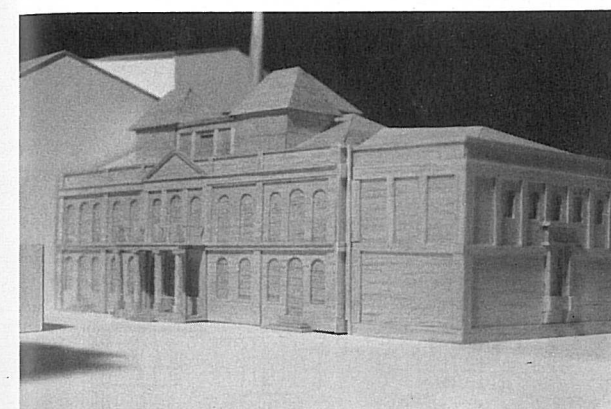
Alçado Principal

A REGRA DA INTERVENÇÃO

O edifício dos "Banhos de S. Paulo", tal como chegou até nós, apresenta claramente uma estrutura organizativa na qual a ordem geométrica é a base da forma arquitectónica. Essa estrutura foi readaptada por se considerar amplamente justificável, dado o carácter único deste bem patrimonial. Partiu-se, por isso, do mesmo esquema organizativo, que permitia desde logo uma grande diversidade de soluções formais. Assim, o processo projectual foi estruturado de modo a introduzir novas formas, novos espaços, numa relação de continuidade com o existente. Em termos gerais, a composição baseou-se num sistema de relações que estabelecem a disposição das partes no seu todo, no plano e no espaço.



Piso 1



A forma arquitectónica encontrada derivou das condicionantes impostas pelo conjunto dos elementos mais significativos da pré-existência. De facto, a fachada principal, com o seu traçado geométrico, e a tipologia de planta centralizada dos vários pisos, foram utilizados como orientadores da nova proposta arquitectónica.

Considerou-se importante, ao nível das diversas fachadas, a manutenção de um traçado regulador que estruturasse toda a nova intervenção. Essa atitude passou pela recuperação de alguns elementos da chamada "Linguagem Clássica da Arquitectura" despidos todavia do seu carácter ornamental, contribuindo para a criação de um sistema racionalizado e reduzido à sua expressão essencial. Exemplo disso é a utilização do embasamento, que, definido na fachada principal, se prolonga a todas as fachadas, embora constituído por um tipo de acabamento diferente daquele, unificando o testemunho de um passado com a afirmação inequívoca de uma obra actual. Para além deste aspecto, a manutenção da cêrcea original contribui para que, a nível volumétrico, do conjunto resulte uma forma harmoniosa.

Particular importância é atribuída à zona 2 de ampliação, de modo a que esta parte possa ter uma correcta integração arquitectónica no edifício pré-existente. A atenção dada ao auditório reflecte essa preocupação, na medida em que a sua configuração é resultado de uma aplicação do modelo do anfiteatro clássico, adaptado às necessidades da sua função actual.



Banhos de S. Paulo Menção Honrosa

FICHA TÉCNICA

PROJECTO

Carlos Vilela Lúcio / Ricardo Bak Gordon

COLABORAÇÃO

Lourenço Vicente, final. arq.

ESPECIALIDADES

O.G.B. SA.

FOTOGRAFIAS MAQUETE

José Manuel Cerqueira

Procurou-se tirar partido da qualidade arquitectónica do edifício, não através de uma mumificação pitoresca, mas de uma adaptação a novas exigências dos acontecimentos arquitectónicos com interesse (o vazado central, a iluminação zenital, os jogos de pé-direito e de cotas de pisos) e da introdução de outros valores (transparências, materiais, percursos, etc).

A aparente estaticidade dos espaços interiores do edifício é perpassada, quer pelos acontecimentos arquitectónicos já descritos, quer pelo sistema de circulação proposto, que permite uma "promenade architecturale" pelo edifício.

Outros exemplos desta pulsação do edifício são a laje elevatória em vidro que percorre o vazado central, a projecção permanente de diapositivos num écran de vidro baço suspenso no mesmo vazado, ou o ser espectral do auditório insuflável em polyester translúcido, cujo topo norte anexo à fachada neoclássica permite a projecção de filmes, visíveis tanto do interior como da travessa do Carvalho transformada em plateia / drive-in.

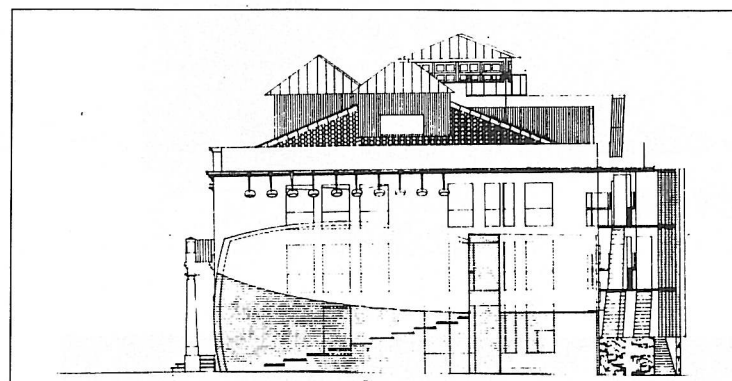
No exterior, os novos desenhos de fachada propostos ensaiam uma gradual transformação do carácter introvertido do edifício existente, à medida que este se contorna e se abre por fim o desafogo da praça D. Luís I e do rio pressentido.

A meio do percurso (fachada poente), retoma-se o tema das janelas de sacada agrupadas em trípticos da fachada principal. Algumas delas, tomando balanço, espreitam já o rio ou a colina a Norte.

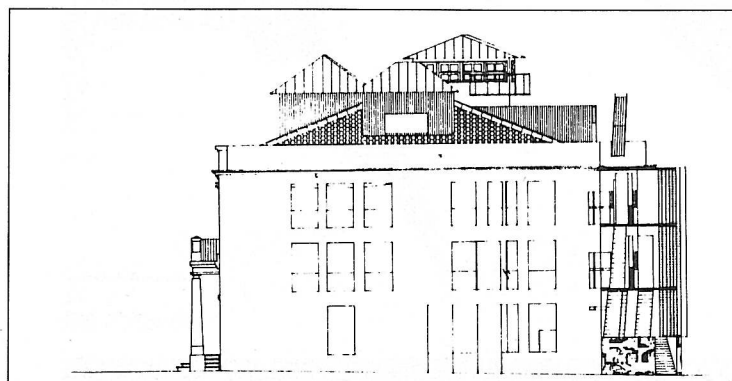
A fachada "permeável" do restaurante deixa entrever a praça D. Luís I pela parte inferior e torna-a omnipresente graças ao grande envidraçado superior, que é invadido pelas copas das árvores.

A Sul, as janelas rasgam horizontalmente a parede. O parapeito reflecte para o tecto a luz do Sol que a espessura da parede e o écran de lâminas orientáveis intimidam.

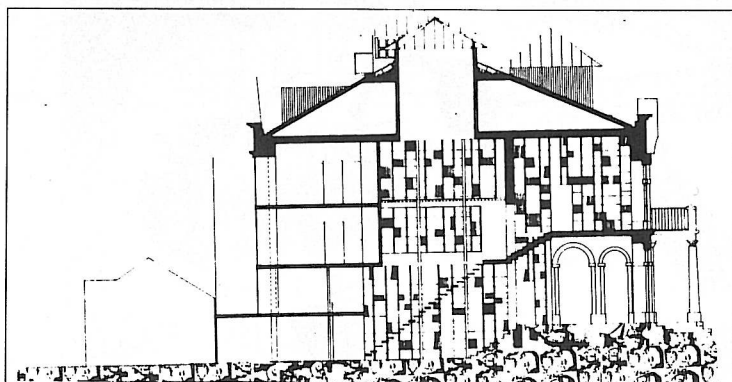
Por sobre este écran-gelasia desfocante que provoca um olhar míope aos que o olham da praça a Sul, reúnem-se, clarividentes, os arquitectos portugueses.



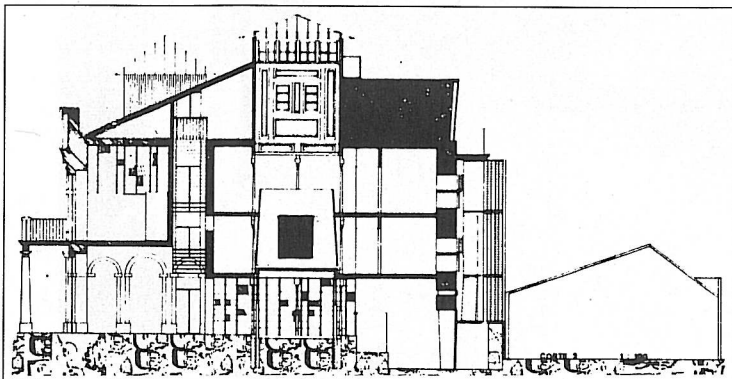
Alçado Lateral (zona 2 construída)



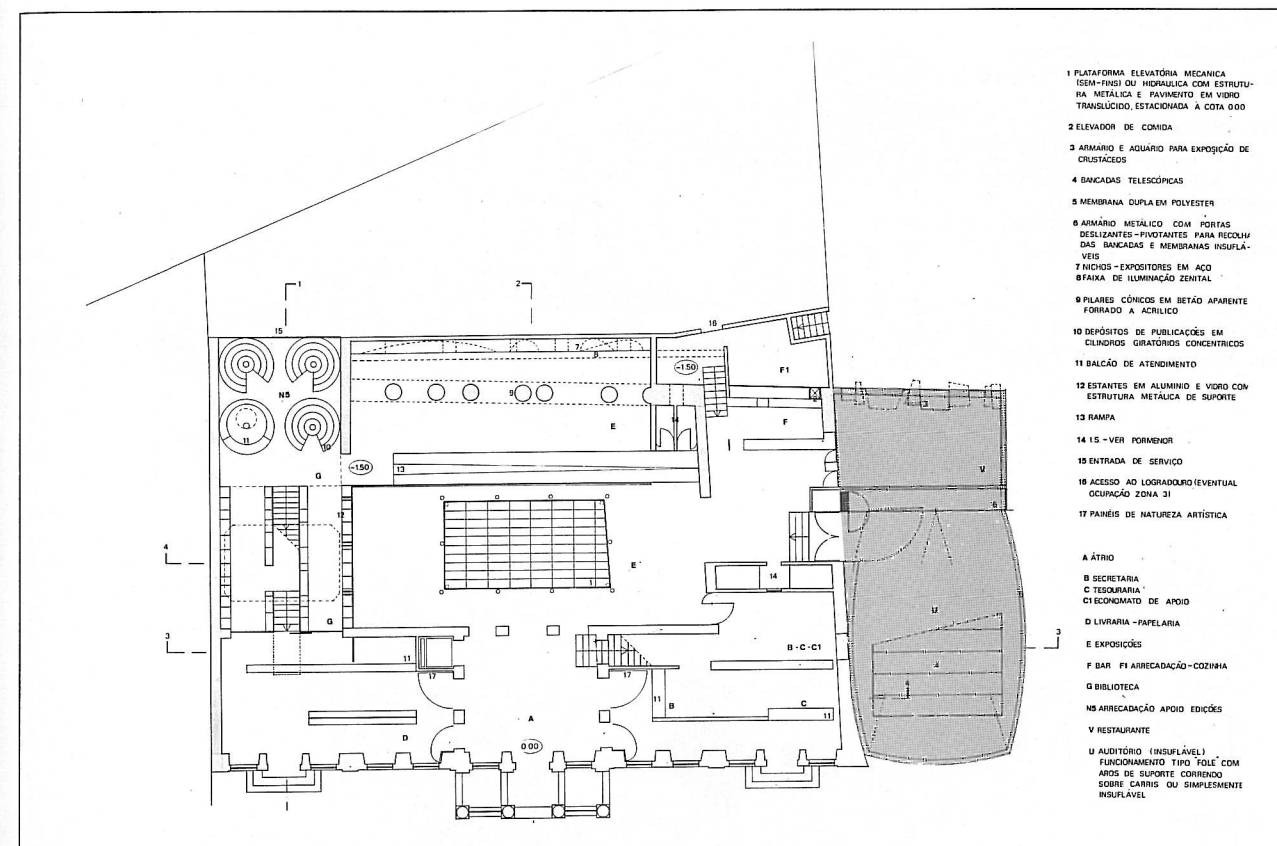
Alçado Lateral



Corte 1

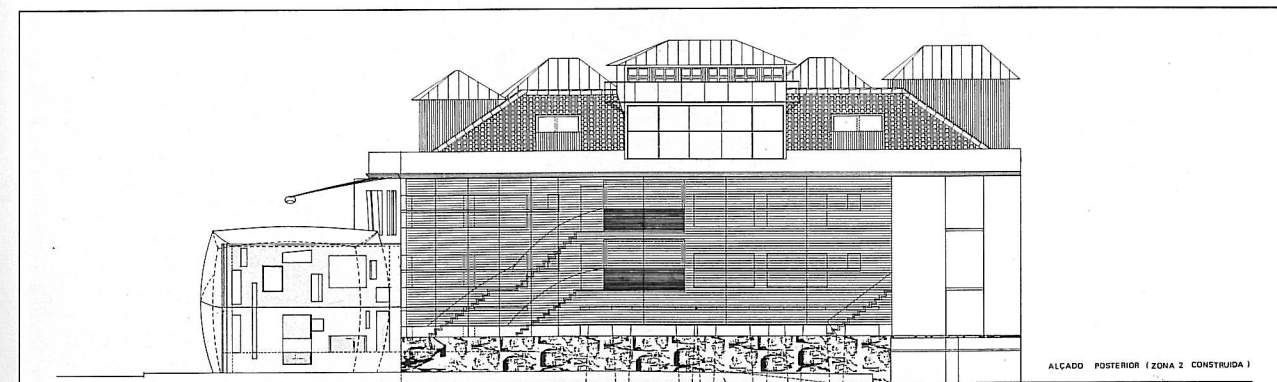


Corte 2

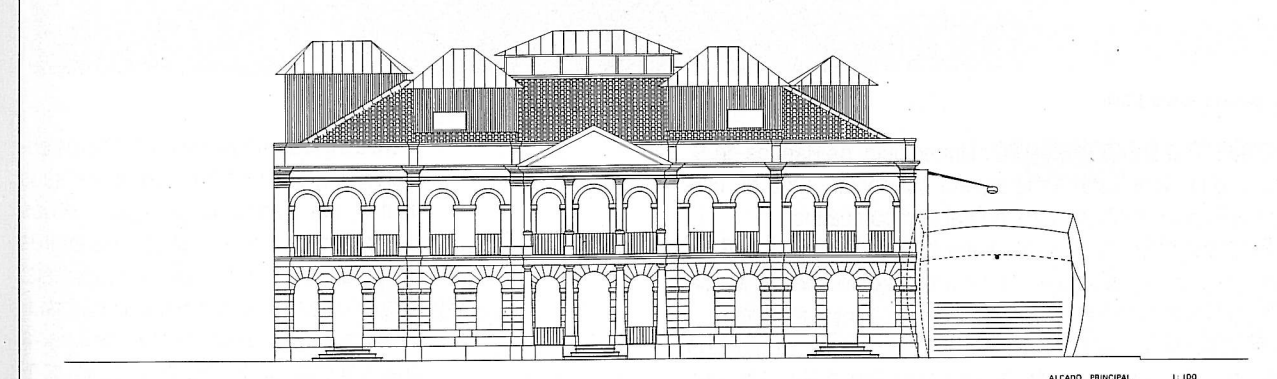


- 1 PLATAFORMA ELEVATÓRIA MECÂNICA (SEM-FINIS) OU HIDRÁULICA COM ESTRUTURA METÁLICA E PAVIMENTO EM VIDRO TRANSLÚCIDO, ESTACIONADA A COTA 0.00
- 2 ELEVADOR DE COMIDA
- 3 ARMÁRIO E AQUÁRIO PARA EXPOSIÇÃO DE CRUSTÁCEOS
- 4 BANCADAS TELESCÓPICAS
- 5 MEMBRANA DUPLA EM POLYESTER
- 6 ARMÁRIO METÁLICO COM PORTAS DESLIZANTES-FIXANTES PARA RECUPERAÇÃO DAS BANCADAS E MEMBRANAS INFLÁVEIS
- 7 NICHOS-EXPOSITORES EM AÇO
- 8 FAIXA DE ILUMINAÇÃO ZENITAL
- 9 PILARES CÔNICOS EM BETÃO APARENTE FORRADO A ACRÍLICO
- 10 DEPÓSITOS DE PUBLICAÇÕES EM CILINDROS GIRATÓRIOS CONCENTRICOS
- 11 BALCÃO DE ATENDIMENTO
- 12 ESTANTES EM ALUMÍNIO E VIDRO COM ESTRUTURA METÁLICA DE SUPORTE
- 13 RAMPA
- 14 15 - VER FORMEIR
- 16 ENTRADA DE SERVIÇO
- 18 ACESSO AO LOGRADOURO (EVENTUAL OCUPAÇÃO ZONA 31)
- 17 PAINÉIS DE NATUREZA ARTÍSTICA

- A ÁTRIO
B SECRETARIA
C TESOURARIA
D LIVRARIA-PAPELARIA
E EXPOSIÇÕES
F BAR-FRIGIDEIRAS-COZINHA
G BIBLIOTECA
H ARRECADADOR APOIO EDIÇÕES
I RESTAURANTE
J AUDITÓRIO (INSUFLÁVEL)
K FUNCIONAMENTO TIPO "FOLE" COM APOIO DE SUPORTE CORRIGIDO SOBRE CARRIS OU SIMPLEMENTE INSUFLÁVEL



ALÇADO POSTERIOR (ZONA 2 CONSTRUIDA)



ALÇADO PRINCIPAL 1:100



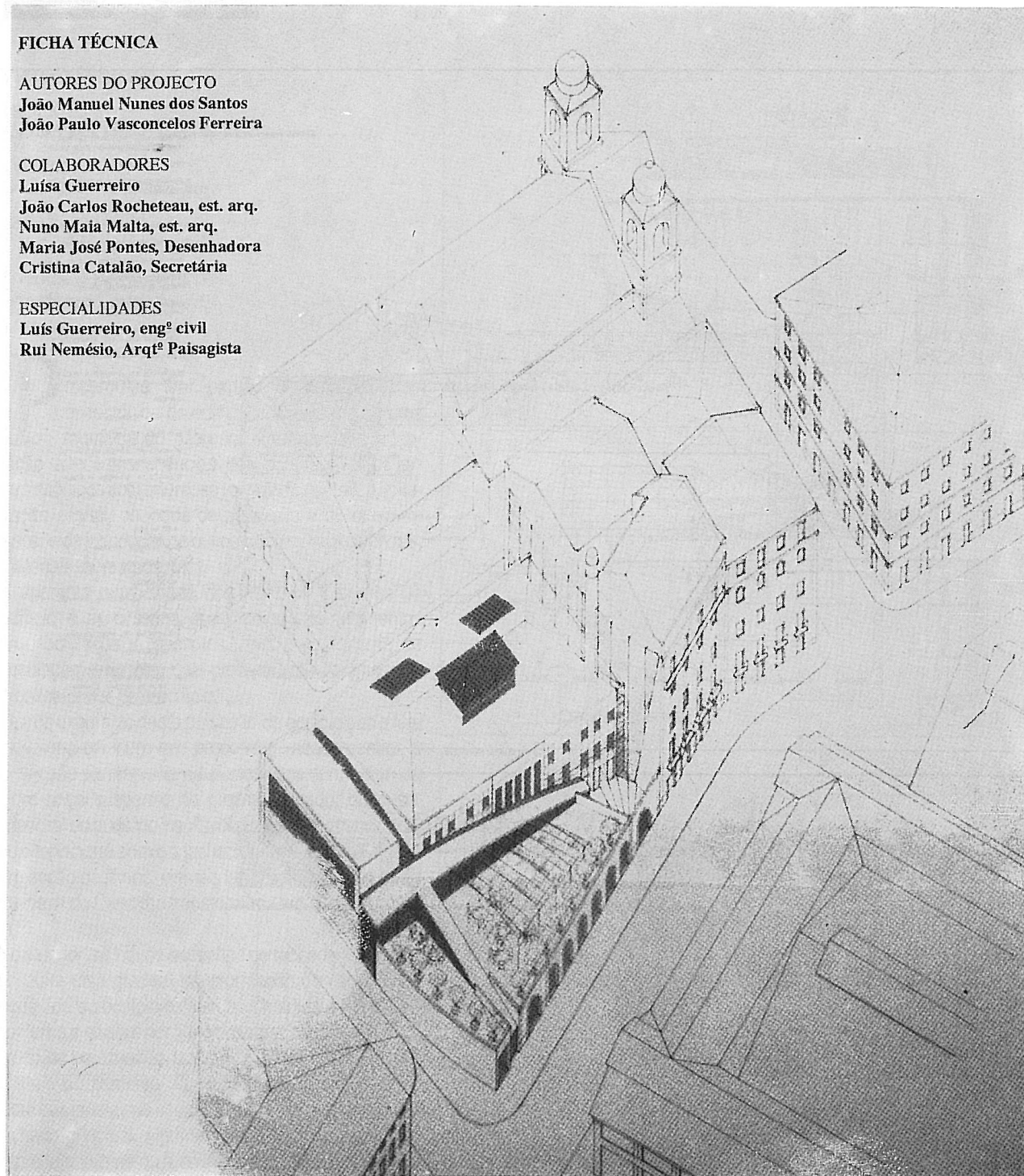
Banhos de S. Paulo Menção Honrosa

FICHA TÉCNICA

AUTORES DO PROJECTO
João Manuel Nunes dos Santos
João Paulo Vasconcelos Ferreira

COLABORADORES
Luís Guerreiro
João Carlos Rocheteau, est. arq.
Nuno Maia Malta, est. arq.
Maria José Pontes, Desenhadora
Cristina Catalão, Secretária

ESPECIALIDADES
Luís Guerreiro, engº civil
Rui Nemésio, Arqtº Paisagista



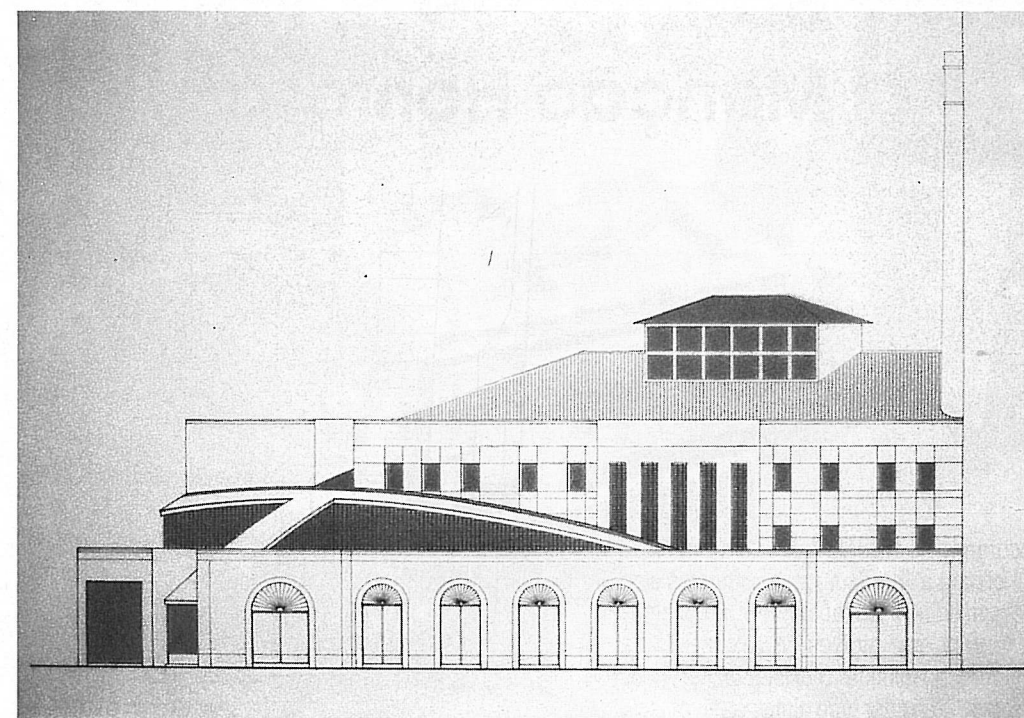
Perspectiva escala 1/200

O OBJECTO DE CONCURSO: Um edifício, os Banhos de S. Paulo, duas estruturas urbanas em confronto - uma de características ribeirinhas, outra de traçado pombalino.

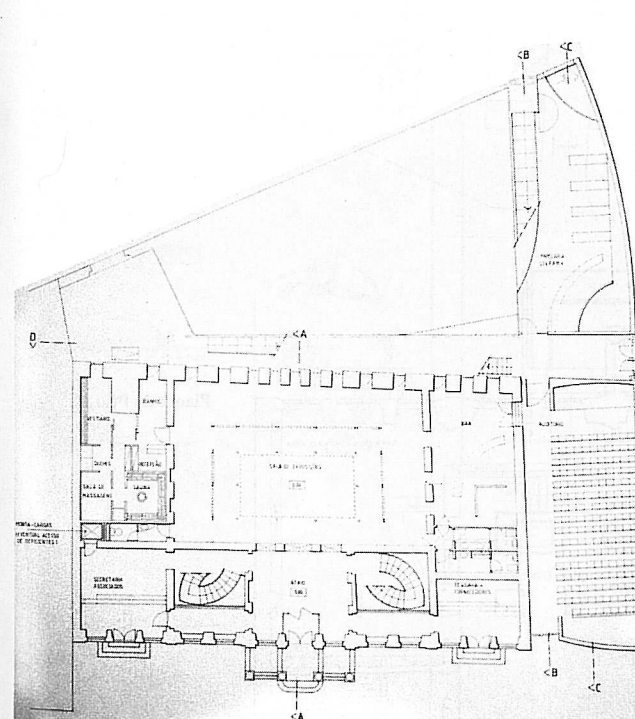
O PROGRAMA: Instalar a Sede da AAP no edifício dos "Banhos", criando no edifício existente a sul (frente para a Rua da Ribeira Nova), espaços para actividades complementares.

O PROBLEMA: Contextualizar ambos os volumes na malha definida pelo inacabado quarteirão pombalino, o Mercado e os CTT.

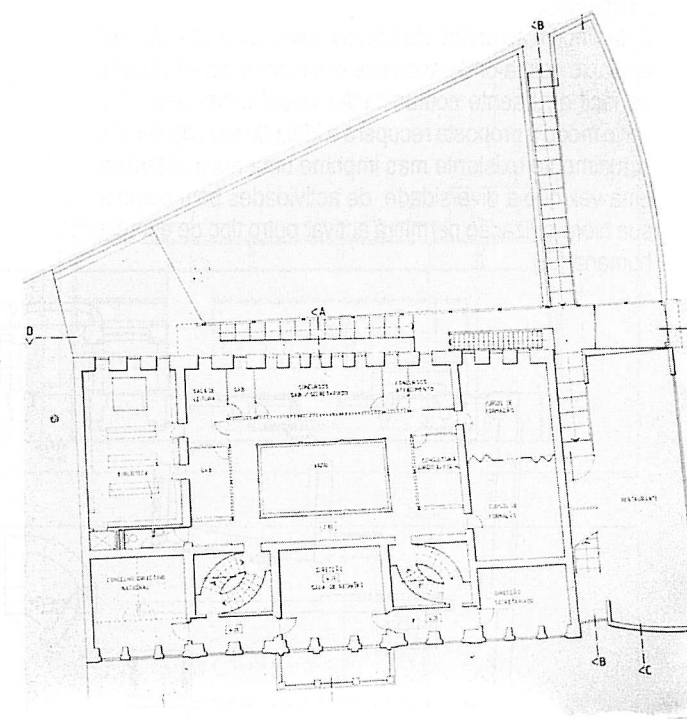
A SOLUÇÃO: Ampliar linearmente os edifícios, marcando com clareza os seus limites, articulando-os, contudo, através de elementos mais dinâmicos, geradores de percursos e relações interespaiais. Erguer uma estrutura tridimensional justaposta às empenas confinantes, de modo a criar um cenário de remate a todo o conjunto.



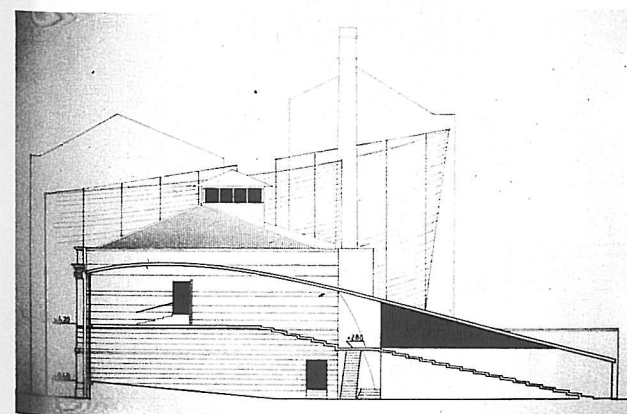
Alçado Sul



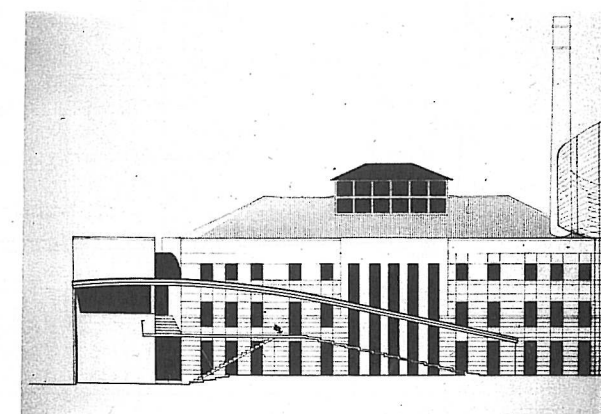
Planta piso terreo



Planta nível 1 + Piso intermédio



Corte BB



Corte DD



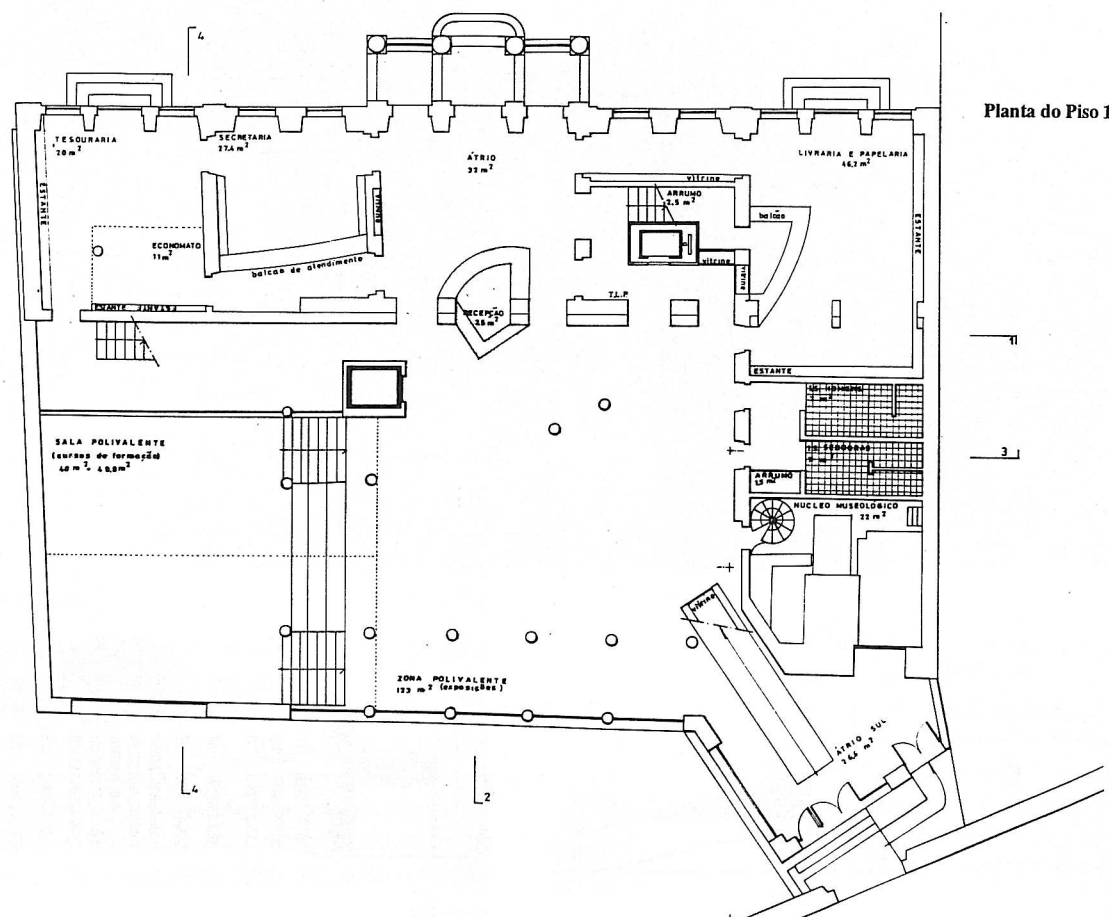
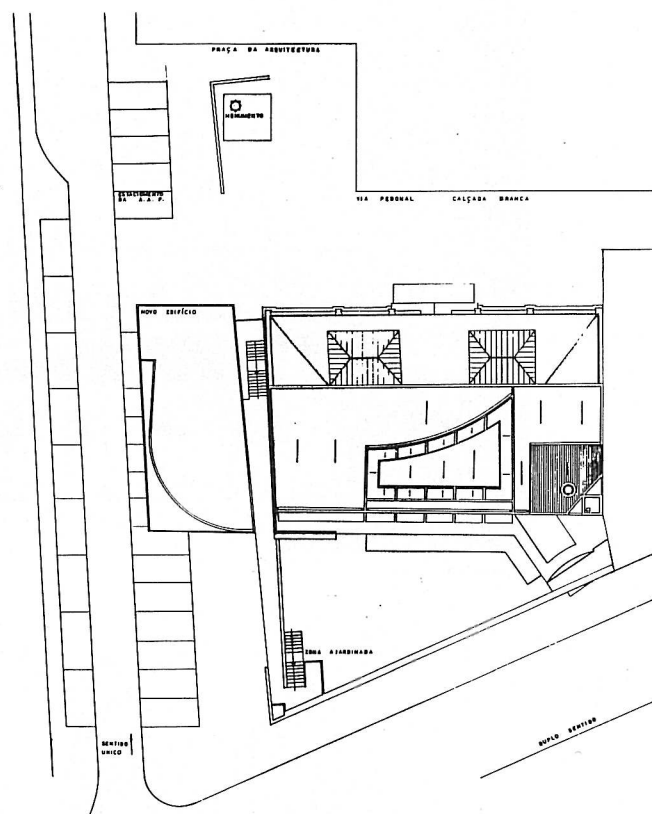
Banhos de S. Paulo Menção Honrosa

FICHA TÉCNICA

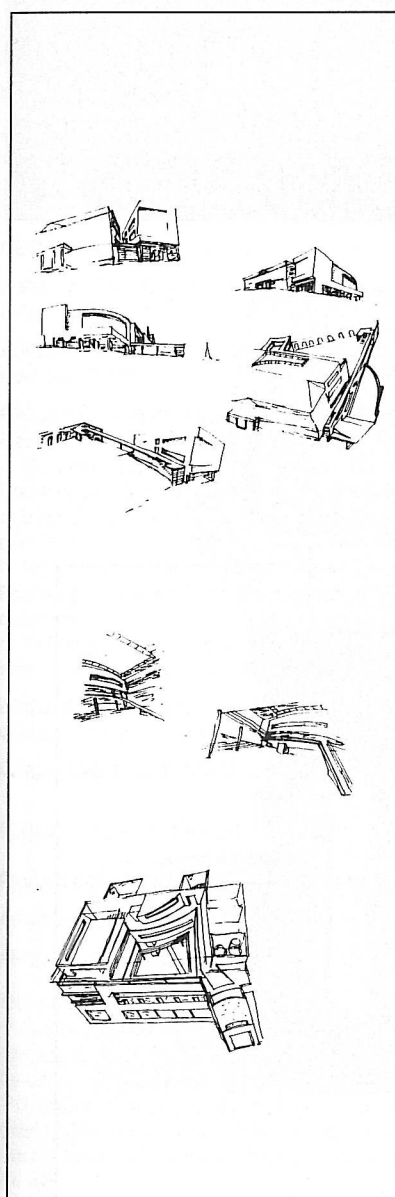
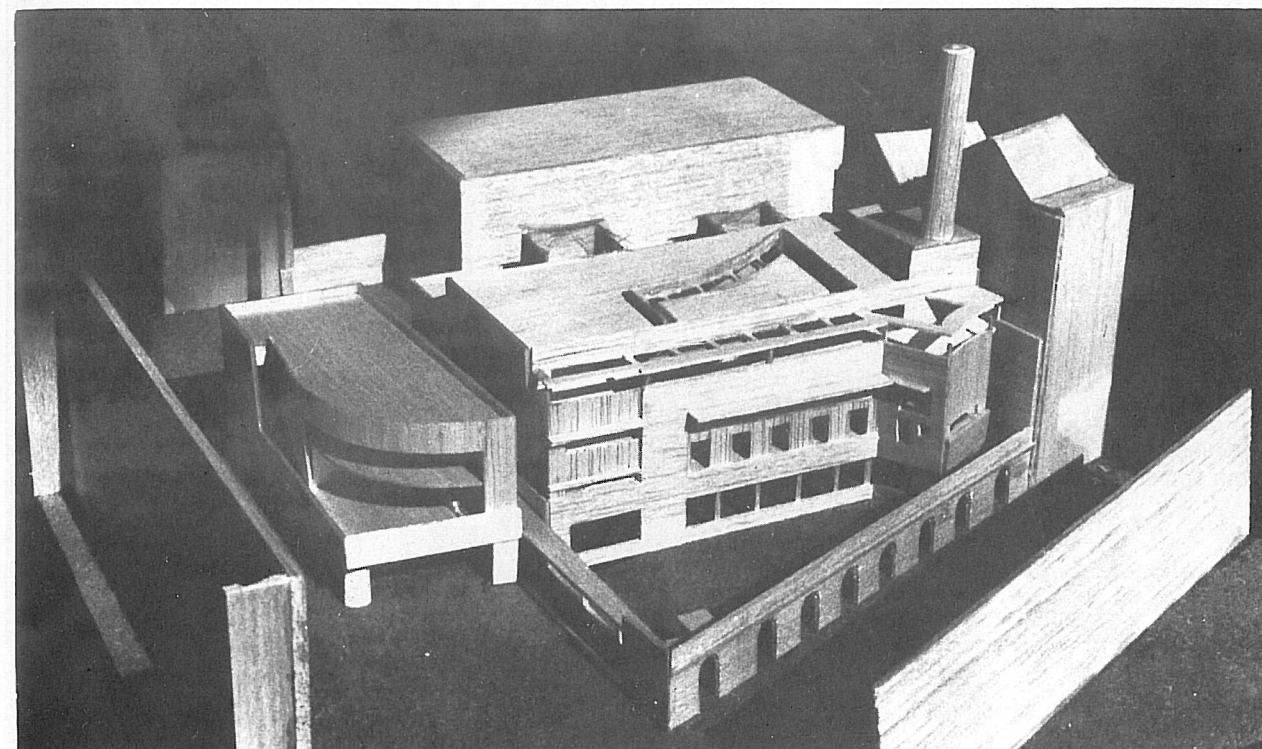
COORDENAÇÃO
Victor Mestre

ARQUITECTURA
Victor Mestre
Sofia Aleixo

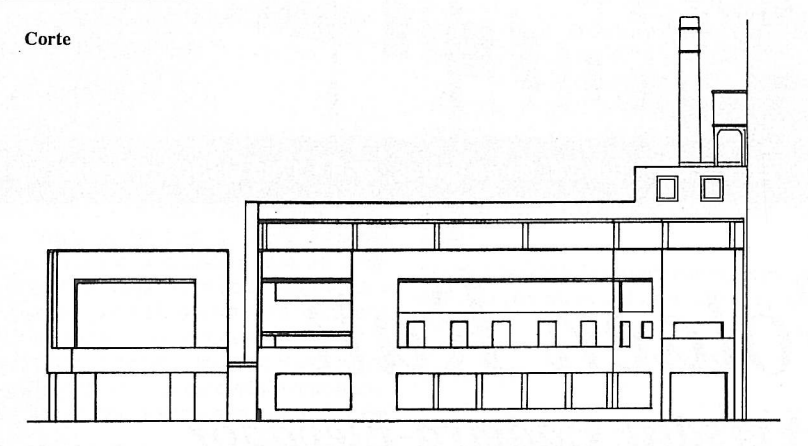
Ao procurarmos o desafogo, a luz e a amplitude possível para a liberdade de movimentos e de vistas num edifício tão "acanhado", apostamos num novo sentido para este através da valorização da entrada sul, sem contudo eliminar a existente. Por outro lado procurou-se criar uma alma para o edifício e fazer desta nova entrada a via para o deslumbramento inesperado. Esta viagem ao centro do edifício culmina na zona aberta de baixo acima onde acontece o encontro social através da fácil e atraente comunicação visual entre pisos. De certo modo a proposta recupera a ideia do vazado central actualmente existente mas imprime uma nova dinâmica uma vez que a diversidade de actividades bem como a sua hierarquização permitirá activar outro tipo de energia humana (...)



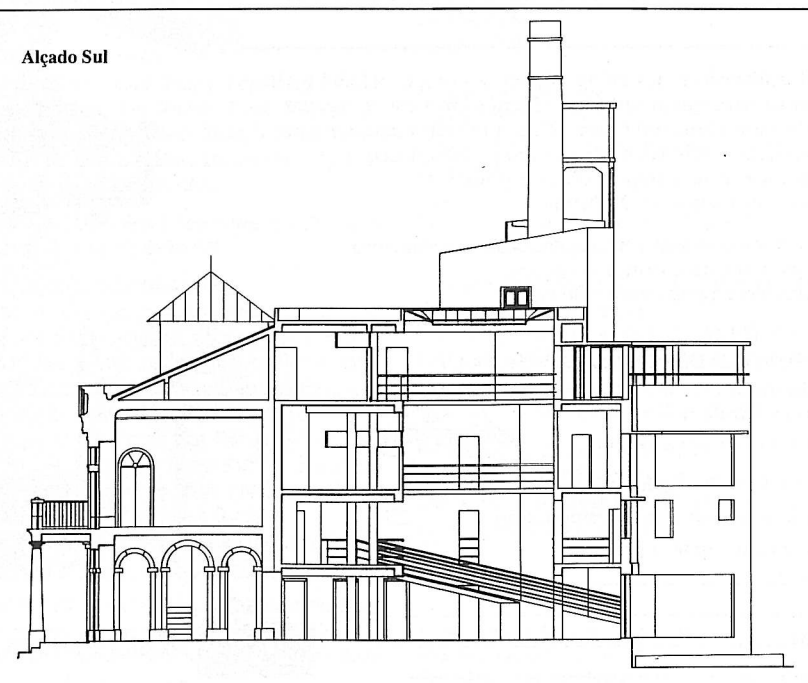
Planta do Piso 1



Corte

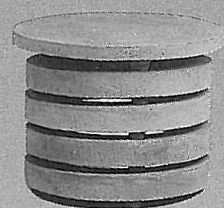


Alçado Sul



A VENTILAÇÃO TÉRMICA "FÉRIA" também é Prémio Valmor!

Em Dezembro de 90 o Júri de Apreciação deliberou atribuir em Mérito Absoluto o Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura a um conjunto urbano de 27 edifícios em Telheiras. Féria & Féria também contribuiu para a distinção. O sistema é nosso.



FÉRIA & FÉRIA, LDA. - Rua Dr. Gama Barros, 27-B • 1700 LISBOA • Telef.: 89 47 34 - 80 55 10 • Fax: 80 48 15

Golden Rail

A Versátil Cadeira-Elevador para todas as Escadas!

De fácil utilização e design agradável, a nova GOLDEN RAIL é a solução para quem tem dificuldades em vencer escadas. Especialmente concebida para se integrar em qualquer tipo de arquitectura, descrevendo as curvas mais difíceis! A sua instalação não requer obras e pode ser efectuada em menos de 24 horas.

Contacte-nos e conheça as vantagens deste equipamento. Temos para si esta e outras soluções, nomeadamente para cadeira de rodas.

GOLDEN RAIL

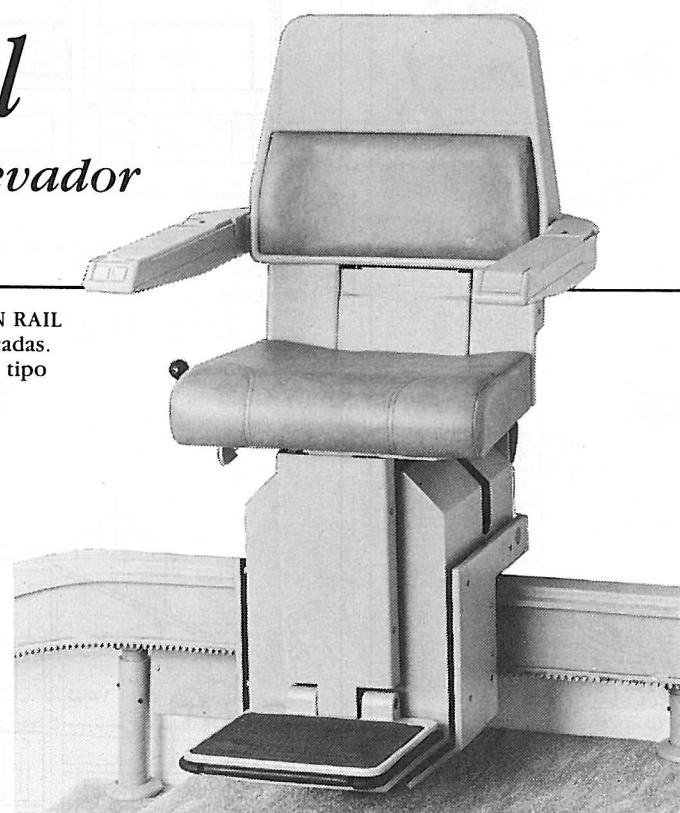
PARA SUBIR E DESCER SEM ESFORÇO!

Informe-se sobre as nossas facilidades

Telefone ou envie-nos o cupão



Gostaria de receber grátis	☐
Gostaria de assistir a uma demonstração	☐
Gostaria de ter apoio a projecto	☐
Nome _____	
Morada _____	
Tel. _____	



Mais Segurança no seu Lar!

Av. Infante Santo, 59 r/c Dt.º • 1300 LISBOA • Tels. 67 91 12 - 396 10 04 • Fax 67 91 11

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS PORTUGUESAS

ARCHITÉCTI, nº 6
(Manuel Graça Dias: Belém-Clube Museu; AES-SOM: João Castro Filho, Igreja de S. Paulo - Macau; Josep Llinás: Museu Arqueológico de Barcelona)

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS DE MACAU, nº 5

BOLETIM DA C. M. DE OIRAS, nº 12

CASA & DECORAÇÃO, nºs 64 e 65

COLÓQUIO ARTES, nº 87 - (A Exposição do Mundo Português 1940; O sítio de Belém, estratégias, polémicas, ideias, críticas e vivências; Grandeza e virtudes na arte moderna 1939)

INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO - Rev. Técnica de Construção Civil e Obras Públicas, nºs 101, 102 e 103

INGENIUM - Rev. da Ordem dos Engenheiros, nº 45

JURIZ - Boletim do Parque Nacional da Peneda-Gerês, nº 6 / 7

MACAU, nº 30

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO - Associação Portuguesa dos Comerc. de Materiais de Construção, nº 32 - (Património, conceitos de intervenção; dos imóveis aos tecidos urbanos)

OIRAS MUNICIPAL, nº 29

A PEDRA - Revista Técnica de Mármore, Granitos e Ramos Afins, nº 38

PODER LOCAL - Revista de Administração Democrática, nº 100

PROJETO - Revista Brasileira de Arquitectura, Planeamento, Desenho Industrial e Construção nº 135: Influências, raízes e força da arquitectura no interior do país; Uma homenagem e um texto inédito de Edgar Graeff; Três projectos no contexto da cultura colombiana

nº 136: Hotéis - as novas tendências; Centro Hovet, Estocolmo; Tange em Paris; Fibrocimento na Arquitectura

nº 137: Arquitectura religiosa; Habitação e Urbanismo; Centros comerciais; Ar condicionado

ROCHAS E EQUIPAMENTOS MUNICIPAIS - Revista de Informação Técnica, nº 20

URBANISMO E CONSTRUÇÃO, nºs 261 e 262

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS ESTRANGEIRAS

REV. INTERNACIONAL DE LUMINOTECNIA, nº 2

AC (Moscou), nº 12

ARCH & LIFE (Bruxelas), nº 39

THE ARCHITECT'S JOURNAL (Londres), nº 1 / 2
nº 4 - News: Workless unite at the RIBA; unreasonable appeals warnings. Feature: Hidden Romania, Buildings: The rise of the Hong Kong skyline
nº 5 - News: First science city for UK; Putting the green in Greenwich. Buildings: Worth abbey church; Beigel's "house within a house". Practice: changes in the law

nº 6 - News: Part 2, Ruling challenged; Cambridge planning battle. Feature: Play design in Newham. Buildings: Practice makes perfect; Forty yares of Guther

ARCHITECTURAL DESIGN (Londres) - nº 1 / 2 - The Aga Khan awards of architecture; Urban concepts

ARCHITECTURE - The American Institute of Architects (Nova Iorque)

nº 11 - Adding new to old; Curtain wall restoration

nº 12 - Patrons of architecture

nº 13 - Academic architecture; Precast concrete

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI (Paris)

nº 272 - 1930-1990, soixante années d'architecture d'aujourd'hui

nº 273 - Venturisme, un bilan; Problèmes de la grande dimension

D'ARCHITECTURES (Paris)

nº 12 - Rueil 2000, la panne; Le centre universitaire de Ripault. Bayrouth inédite; musées version Isozaki

ARCHITECTUUR / BOUWEN - (Associação dos Arquitectos Holandeses), nº 12

BYGGEGUNST (Oslo), nº 8

CASABELLA - Rivista Internazionale di Architettura (Milão), nº 574

(Projectos de Richard Maier & Partners na Europa apresentados por Kenneth Frampton; Outros projectos - Museu de Mario Botta, Tóquio; Fundação Tapiés, Barcelona; Uma casa no Porto; um "show-room" em Copenhaga de Jorn Utzon; projecto para o novo quarteirão dos Museus em Viena. Documento histórico dedicado a três projectos em Berlim de Hans Poelzig com comentários de Julius Psevner. Bernardo Secchi escreve sobre a "condição do urbanista" e o editorial aborda o "território do Museu")

DER ARCHITEKT (Estugarda), nºs 12 e 13

IL LABORATORIO - Rivista Trimestrale di Cultura (Florença), nº 1

L'ARCA (Milão), nº 46

(Projectos de Kenzo Tange, Dominique Perrault, Fumihiko Maki, Jan Ritchie, Rémy Butler, Coop Himmelblau, Willim Mileto, Philippe Chaix e Jean-Paul Morel, Ottavio di Blasi, Lorenzo Papi Stefano e Bernardo Tori, Pica Ciarrarra)

LE MAUSOLÉE - Arts & Techniques des Roches de Qualité (Givors), nºs 649 e 650

LOTUS INTERNATIONAL (Milão)

nº 65 - Reutilização cristã de edifícios da antiguidade clássica, cidades romanas e transformação cristã; A Santa Casa de Loreto; A Igreja de Bogojina; A restauração da Catedral de Mallorca; Igrejas inacabadas, no território sagrado

nº 66 - Renovação de Fort Russel, Texas; Soho Gallery, Nova Iorque; Gillette Studio, Nova Iorque; Riverfront Apartment, Nashville; Photography Studio, Los Angeles, Electric Center, Dallas

nº 67 - Vila Olímpica de Barcelona; O desenvolvimento das Docklands de Londres

PROSPECT - The Quarterly Magazine of the Royal Incorporation of Architects in Scotland, nº 42

RIBA JOURNAL - Royal Institute of British Architects, nº 1 e 2

SITÉS COMERCIAUX (Paris), nº 5
(Centros Comerciais)

TECHNIQUES & ARCHITECTURE - Revue d'architecture et de Design (Paris), nº 393
(Dossier: Les lieux du sport)

URBANISMES & ARCHITECTURES (Paris), nº 244
(Dossier: L'université en ville)

MONOGRAFIAS

ANDRADE, Ferreira de - Cascais Vila da Corte; oito séculos de história. Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1990, reimpressão em fac-símile* (cota 2787)

CÂMARA, Ferreira de - Quinta da Alagoa. Cascais. Câmara Municipal de Cascais, 1989* (cota 2785)

CARITA, Helder - Bairro Alto: Tipologias e Modos Arquitectónicos. Lisboa, Câmara Municipal, 1990, 192 p. (cota 2783)

D'ORS, Eugenio - O Barroco. Lisboa, Vega, 1990, Coleção Artes-Ensaio, 158 p. (cota 2781)

LUCIE-SMITH, Edward - Dicionário de termos de arte. Lisboa, D. Quixote, 1990, 214 p. (cota 2784)

Olhar (Um) sobre Cascais através do seu património. Cascais, Câmara Municipal, 1989* (cota 2786)

* Estas publicações foram gentilmente oferecidas à Biblioteca pelo Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães

CATÁLOGOS

ANTONIO PALACIOS: 1874-1945. Coruña, Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1991, (cota CAT.M/ARQ.18)

LEGISLAÇÃO
Janeiro 1990

Ministério das Finanças
Decreto-Lei nº 10 / 91, I série - A (7) de 9 / 1
Aprova o Regime dos contratos de locação financeira de imóveis

Decreto-Lei nº 42 / 91, I série - A (18) de 22 / 1
Altera as formas de retenção do IRS

Ministérios das Finanças, e das Obras Públicas Transportes e Comunicações
Portaria nº 2 / 91, I série - B (1) de 2 / 1
Fixa a percentagem a que se refere o artigo 8º do Regime de Arrendamento Urbano, aprovado pelo decreto-Lei nº 321 - B / 90, de 15 de Outubro

Presidência do Conselho de Ministros
Disp. Normativo nº 23 / 91, I série - B (24) de 29 / 1
Cria o Prémio de Defesa do Património Cultural e aprova o respectivo Regulamento

Movimento da Biblioteca AAP/SRS
Mês de Janeiro/Fevereiro 1991
Organizado por Ana Isabel Ribeiro e Fátima Coelho

Participação da AAP na reforma da legislação urbanística

Enquanto associação pública e nos termos do seu estatuto, a AAP tem por atribuição "contribuir para a defesa e promoção da arquitectura, podendo ser ouvida sobre os projectos de diplomas legislativos que interessam à prossecução dos seus fins institucionais e, em especial, ao exercício da profissão" (DL 485 / 88: artº. 3º, e).

Tomando por referência os projectos respeitantes à prática urbanística, o presente artigo dá conta da actividade que, a partir de Janeiro de 1990, foi desenvolvido pelo actual Conselho Directivo Nacional (CDN), no âmbito da sua competência para "emitir parecer sobre projectos de diplomas legislativos que interessam ao exercício da profissão de arquitecto e propor as alterações legislativas que se entendam por convenientes, ouvidos os conselhos directivos regionais" (idem: artº 25º c).

ANTECEDENTES

No seu programa de Governo (Agosto de 1987) o actual XI Governo Constitucional anunciou uma profunda reforma da legislação urbanística, envolvendo a feitura de uma **Lei Quadro do Ordenamento do Território** e uma série de diplomas relativos a:

- Planos Municipais de Ordenamento do Território (PMOTs);
- Planos Regionais de Ordenamento do Território;
- Loteamentos;
- Lei dos Solos;
- Código das Expropriações;
- Estudos de Impacte Ambiental;
- Reserva Ecológica Nacional;
- Publicidade e Paisagem.

O empenho dos arquitectos na reforma da legislação urbanística ficou demonstrado no último Congresso da AAP (Coimbra, Junho de 1989), dedicado à **Qualidade do Espaço Edificado**. Nele se afirmou a necessidade de "combater os processos secretistas, promover a transparência da Administração" e lançar as bases de uma "disciplina urbanística clara e concisa", expressa numa **Lei Quadro da Arquitectura e do Urbanismo**. Procurando concretizar estas aspirações, a lista vencedora das eleições para os órgãos sociais da AAP (Dezembro de 1989) abriu o seu programa de candidatura com os seguintes pontos:

1. *Apresentar ao Governo e à Assembleia da República um projecto de Lei da Arquitectura, enquadrando a revisão dos Decretos 166/70 e 73/73 num conjunto de princípios e procedimentos relativos à prática profissional da Arquitectura, em particular à exclusividade dos Arquitectos, à responsabilização profissional, às regras gerais da concorrência, da constituição de empresas de arquitectura e regime fiscal.*

2. *Participar na revisão da Legislação Urbanística, exigir o seu debate, dando cumprimento à necessidade de um "Código de Urbanismo" e de estabelecimento de regras de transparência da Administração.*

DIPLOMAS ELABORADOS SEM AUDIÊNCIA DA AAP

Sendo deixado ao critério do Governo a participação da AAP na feitura das leis que disciplinam o exercício da profissão, sucede que nem sempre o CDN é chamado a dar parecer sobre as iniciativas que interessam aos arquitectos. No domínio da legislação urbanística, foi designadamente esse o caso dos diplomas referentes às seguintes matérias:

- Caducidade de licenças de construção (DLs 19 / 90 e 382 / 90);
- Reserva Ecológica Nacional (DL 93 / 90);
- Avaliação de impacte ambiental (DL 186 / 90; DR 35 / 90);
- Regime de gestão urbanística do litoral (DL 302 / 90);
- Regime jurídico dos PMOTs: adaptação à Região Autónoma dos Açores (DLR 5 / 91 / A).

Por vezes sucede também que um mesmo projecto de diploma conhece várias versões, podendo a AAP apenas ser ouvida no estágio inicial da preparação da lei. Foi o que aconteceu no caso do novo regime dos PMOTs (DL 69 / 90): após um primeiro parecer (Janeiro de 1988), a AAP viu-se afastada de um processo que culminou na entrada em vigor de um sistema de planeamento municipal que, no seu entender, é criticável sobre diversos pontos de vista, designadamente por desvalorizar o planeamento de pormenor e não dar o devido relevo ao desenho urbano.

Colocado perante o facto consumado da entrada em vigor do novo regime dos PMOTs, o CDN aproveitou a oportunidade do debate da sua ratificação pela Assembleia da República - a pedido do PS e do PCP - para apresentar os pontos de vista da AAP junto dos diversos grupos parlamentares (Abril de 1990). Embora desta iniciativa não tenha resultado o desejado aperfeiçoamento do diploma - o DL 69 / 90 foi ratificado sem alterações -, e devemos registar que a generalidade dos partidos políticos foram sensíveis às sugestões apresentadas no parecer então enviadas pelo CDN.

DIPLOMAS ELABORADOS COM O CONTRIBUTO DA AAP

Dado a incidência do novo regime dos PMOTs no exercício da profissão, o CDN organizou um primeiro encontro sobre a nova legislação urbanística (**A Lei que Temos, os Planos que Faremos**, Lisboa, 8 / 9 Junho de 1990), em cuja sessão de abertura entreviu o Secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, Nunes Liberato. Para além de ter servido para expor e discutir os pontos de vista veiculados pela AAP, este encontro ficou a marcar o início de um extenso contributo prestado pelo CDN à preparação dos diplomas em estudo no departamento do Estado responsável pelo ordenamento do território. O quadro que acompanha este artigo resume os passos mais significativos dessa colaboração.

Neste espaço do JA não é possível resumir os diversos diplomas apreciados pelo CDN, nem destacar as questões mais relevantes para o

exercício da profissão que cada um deles suscita. Num segundo encontro - a realizar na cidade do Porto no próximo mês de Maio - o CDN irá divulgar os seus pareceres e promover a discussão dos novos caminhos para aonde vem sendo conduzida a prática urbanística em Portugal. Por agora apenas acrescentaremos algumas considerações sobre determinados aspectos que dificultam o cumprimento das tarefas atribuídas ao órgão directivo da AAP.

A preparação de pareceres sobre projectos de diploma reveste-se de uma certa complexidade, sobretudo quando o legislador manifesta a vontade de consagrar inovações que não encontram quaisquer antecedentes entre nós. Neste caso e por razões óbvias, o CDN tem procurado fundamentar os seus pontos de vista na experiência de outros países membros da Comunidade Europeia. Implicando a realização de estudos comparativos, tal orientação reflecte-se necessariamente na morosidade com que têm sido apreciados os documentos enviados pelo Governo.

Embora com a utilidade que se lhes reconhece, a verdade é que os estudos comparativos não deveriam dispensar uma auscultação dos arquitectos, tão ampla quanto possível. Neste ponto a acção do CDN encontra-se relativamente limitada, uma vez que é ao Governo que cabe publicitar os seus projectos de diplomas, sobretudo se respeitarem a matérias reservadas à Assembleia da República, como é o caso das leis que interferam no estatuto das autarquias locais. Simplesmente, ainda não se instituiu entre nós o hábito de debater publicamente as iniciativas legislativas que afectam os interesses da generalidade dos cidadãos. Nestas circunstâncias, ao CDN apenas resta assegurar uma publicidade *a posteriori*, divulgando os seus pareceres e fazendo-os acompanhar dos projectos a que se referem.

COMISSÃO DE ESTUDO DAS LEIS DA ARQUITECTURA

Para minimizar os efeitos negativos das circunstâncias que acabamos de referir, o CDN procedeu à organização de uma comissão permanente destinada a prestar-lhe assessoria nas matérias relacionadas com os quadros legal e regulamentar do exercício da profissão. Designada por Comissão de Estudo das Leis da Arquitectura (CELA) e integrando os arquitectos Jorge Silva (Presidente), Eugénio Graça, Helena Roseta, Joaquim Menda, Manuel Bastos, Manuela Vieira Pereira e Margarida Sousa Lobo, este órgão consultivo tem

desempenhado um importante papel na preparação e fundamentação dos pareceres emitidos pela AAP.

A recente redistribuição de pelouros entre os membros do CDN deverá determinar a reformulação da CELA, prevendo-se a sua substituição por duas outras comissões permanentes, uma dedicada aos assuntos relativos ao **urbanismo**, outra destinada a tratar das questões referentes ao **património arquitectónico**. Espera-se que esta reestruturação seja acompanhada pela constituição de idênticos grupos de trabalho na Secção Regional do Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a próxima entrada em funcionamento das novas comissões permanentes, com o reforço dos meios de consultoria jurídica ao dispor da AAP e com a dinâmica que certamente será gerada pelo segundo encontro a realizar no Porto, o CDN espera alcançar as condições de trabalho que lhe permitam participar mais atempadamente na reforma da legislação urbanística em curso. De facto, ao cabo de um ano, há que reconhecer algumas importantes falhas no trabalho entretanto desenvolvido. Assim, para além de não ter sido possível corresponder aos pedidos de parecer sobre projectos de lei apresentados pelo PCP e pelo PS na Assembleia da República, ficaram por desenvolver os estudos tendentes à formulação de propostas de alterações legislativas que permitam melhorar o exercício da profissão no que respeita ao desenho urbano, um campo de actividade em que assume pleno sentido a dimensão de serviço público inerente à arquitectura.

Fernando Gonçalves

Membro do CDN; responsável pelo pelouro do Urbanismo e Património Arquitectónico

Antigos diplomas	Título do projecto de diploma	Autor do projecto	Nº de Artºs	Envio à AAP	Pareder do CDN	Novos diplomas
DL 560/71 D 561/71 DL 208/82 DR 91/82 P 989/82	Planos Municipais de Ordenamento do Território	1ª versão 2ª versão	SEALOT ?	59 não enviado	08/07/87 17/04/90 *	DL 69/90
DL 400/84	Operações de Loteamento Urbano e Obras de Urbanização	1ª versão 2ª versão	SEALOT 70+35 **	05/90 20/12/90	19/10/90 13/02/91	
	Lei de Bases do Ordenamento do Território	SEALOT	40	07/06/90	Em Ultimação	
	Plano de Salvaguarda e Valorização	IPPC	30 + A ***	18/07/90	12/12/90 ****	
DL 166/70	Licenciamento Municipal de Obras Particulares	SEALOT	76	16/11/90	Em Ultimação	

* O parecer refere-se ao Dec-Lei 69/90

** Projecto de Portaria "Reg. das Licenças de Loteamento e Obras de Urbanização

*** Anexos: I Ficha de Inquérito Arquitectónico

II Ficha de inquérito aos Espaços Urbanos

**** Parecer elaborado com base na apreciação efectuada pelo Arquitecto Massapaiva

Plano de Actividades e Orçamento para 1991

A proposta (para o Plano de Actividades e Orçamento) do Conselho Directivo Nacional da AAP, examinada pelo Conselho Fiscal da mesma associação, reflecte uma lógica de continuidade nas linhas programáticas que vêm sendo seguidas, no sentido de ultrapassar a situação de transição em que a Classe se encontra. Esta proposta demonstra (e não só) uma tentativa de reforço institucional e fortalecimento a nível pedagógico e profissional, (como também) a intensão de adoptar medidas que visem a intervenção da arquitectura portuguesa na crescente internacionalização da prática profissional. Assim, tendo em consideração o parecer do Conselho Fiscal, foi aprovada a proposta (por unanimidade) na Reunião do Conselho de Delegados da AAP que decorreu no dia 16 de Fevereiro.

Publica-se em seguida o orçamento CDN - 1991

ORÇAMENTO - CDN - 1991

Nota explicativa

Administração

Os valores estimados em 1, 5, 8, 11, 12, 13 19 e 21 resultam da repartição em partes iguais dos encargos gerais CDN/SRS.

Os transportes de pessoas (14) incluem as despesas de deslocação dos membros do CDN e Conselho de Delegados residentes fora de Lisboa.

Os honorários de dirigentes (18) correspondem à remuneração de um membro do CDN.

Os vencimentos previstos em (25) e encargos correspondentes até (29) referem-se ao pessoal afecto ao CDN, com os vencimentos mensais de:

Chefe de escritório	107.000\$00
Secretária	57.000\$00
Técnica	90.000\$00
Secretária (a contractar)	60.000\$00

As cotizações (32) referem-se às cotizações do C.N. das Profissões Liberais.

O valor da venda de listas/mailling (42) baseia-se na previsão de venda de cerca de 60 conjuntos/ano.

A receita de quotas (47) corresponde a 25% das cotizações de 4.200 sócios, deduzida da quebra média mensal de 200 contos verificada durante os três primeiros trimestres de 1990.

Jornal Arquitectos

Os valores estimados em 1, 5, 12, 13, 19 e 21 resultam da repartição em partes iguais dos encargos gerais CDN/SRS, relativos às instalações da R. Barata Salgueiro (JA/Biblioteca). O valor estimado em (11) inclui a expedição de 10 números do J.A. As comissões (16) representam os encargos com angariação de publicidade do J.A.

Os honorários (17) referem-se aos dois elementos actualmente remunerados e à previsível contratação de dois novos colaboradores.

Os subcontratos (23) correspondem aos serviços prestados para produção, execução gráfica e impressão de 10 números do J.A. Os vencimentos previstos (25) e encargos correspondentes até (29) referem-se ao pessoal (2 empregadas) afectas ao J.A. As vendas (41) referem-se às assinaturas e vendas previsíveis do J.A. A Publicidade (43) baseiam-se na angariação de cerca de 2.500 contos de publicidade por número do J.A.

Arquitectura Popular em Portugal

Previsão de venda (41) de cerca de 700 exemplares

Arquitectura dos Açores

Previsão de encargos e receitas com a conclusão da exposição e ficheiro a fornecer ao Governo Regional dos Açores.

Publicações

Previsão de venda de exemplares ZEP's, Manual de Serviços, publicações e catálogos existentes e ainda da receita de publicidade do Dicionário UEA.

Novas Publicações

Encargos e receita previsível com edição e venda do "Anuário AAP" e "Estatutos".

Concursos

Receitas residuais da actividade de serviços prestados na organização de concursos.

Relações Internacionais

Encargos com deslocações a reuniões, do Comité Consultivo (4), CEA (2), UIA (3), CIANA (1) e cotizações CEA (50 c.) e UIA (1.500 c.).

Cursos e Encontros

Receitas resultantes da organização das seguintes iniciativas:

- Congresso de Arquitectos de Língua Portuguesa
- Encontro sobre Ensino de Arquitectura
- Encontro sobre Legislação Urbanística
- Curso de Planeamento Urbano / Licenciamento da Construção
- EUROPLAN

e ainda as receitas resultantes do encerramento de contas de:

- Curso CEE 89/90
- Seminário UIA - Equipamentos Educativos

Exposições e Prémios

Receitas resultantes da organização do PNA

ORÇAMENTO PARA 1991 CONSELHO DIRECTIVO NACIONAL

Quadro A

	FORNECIMENTOS E SERVIÇOS DE TERCEIROS	ADMINIST.	JORNAL ARQUITECT.	ARQUITECT. POPULAR	ARQUITECT. DOS AÇORES	PUBLICAÇÕES	NOVAS PUBLIC.	CONCURSOS	RELAC. INTERNAC.	CURSOS ENCONTROS	EXPO. E PRÉMIOS	TOTAL
1	Água e Luz	135	40									175
5	Mat. Escritório	380	120									500
8	Rendas Imóveis	2080										2080
11	CTI	330	2100									2430
12	Telef./Fax	900	360									1260
13	Seguros	150	50									200
14	Transp. pessoal	630	85									715
15	Deslocações/Estadas	50	100						1700			1850
16	Comissões		2500									2500
17	Honorários		4200									4200
18	Honor. - Dirigentes	1200										1200
18a	Honor. - Consultores	1440										1440
19	Conservação/rep.	660	180									840
21	Limpeza	60	40									100
22	Outros form/serviços	50	350									400
23	Subcontratos		13500									13500
	TOTAL	8065	23625	0	0	0	0	0	1700	0	0	33390

ORÇAMENTO PARA 1991 CONSELHO DIRECTIVO NACIONAL

Quadro B

	PESSOAL	ADMINIST.	JORNAL ARQUITECT.	ARQUITECT. POPULAR	ARQUITECT. DOS AÇORES	PUBLICAÇÕES	NOVAS PUBLIC.	CONCURSOS	RELAC. INTERNAC.	CURSOS ENCONTROS	EXPO. E PRÉMIOS	TOTAL
24	Corpos Sociais											
25	Vencimentos	3768	1600									5368
26	Subsídios Fer/Natal	628	270									898
	SUBTOTAL	4396	1870									6266
27	Taxa Social	923	393									1316
28	Seguro	132	56									188
29	Subsídio refeição	290	190									480
30	Outras									850		850
	TOTAL	5741	2509	0	0	0	0	0	0	850	0	9100

ORÇAMENTO PARA 1991 CONSELHO DIRECTIVO NACIONAL

Quadro C

	OUTROS CUSTOS	ADMINIST.	JORNAL ARQUITECT.	ARQUITECT. POPULAR	ARQUITECT. DOS AÇORES	PUBLICAÇÕES	NOVAS PUBLIC.	CONCURSOS	RELAC. INTERNAC.	CURSOS ENCONTROS	EXPO. E PRÉMIOS	TOTAL
31	Marcadorias											
32	Cotizações	250							1550			1800
33	Outras Desp.				1400	60	400					1860
34	Amortizações											
	TOTAL	250	0	0	1400	60	400	0	1550	0	0	9100

ORÇAMENTO PARA 1991 CONSELHO DIRECTIVO NACIONAL

Quadro D

	PROVEITOS	ADMINIST.	JORNAL ARQUITECT.	ARQUITECT. POPULAR	ARQUITECT. DOS AÇORES	PUBLICAÇÕES	NOVAS PUBLIC.	CONCURSOS	RELAC. INTERNAC.	CURSOS ENCONTROS	EXPO. E PRÉMIOS	TOTAL
41	VENDAS											
42	Publicações		830	4200								5030
43	PRESTAÇÕES SERVIÇOS	1500										1500
44	Listas		25000									25000
45	Publicidade					840	200	100				1140
46	Outras											
47	SUBSÍDIOS				1400					3000	1000	5400
48	Patrocinios									1000		1000
	SUBSÍDIOS ASSOCIATIVAS	10200										10200
	Quotas											
	FINANCEIRAS											
	TOTAL	11700	25830	4200	1400	840	200	100	0	4000	1000	49270

	TOTAIS DO ORÇAMENTO	ADMINIST.	JORNAL ARQUITECT.	ARQUITECT. POPULAR	ARQUITECT. DOS AÇORES	PUBLICAÇÕES	NOVAS PUBLIC.	CONCURSOS	RELAC. INTERNAC.	CURSOS ENCONTROS	EXPO. E PRÉMIOS	TOTAL
A	CUSTOS											
B	Form. Serviços Externos	8065	23625	0	0	0	0	0	1700	0	0	33390
C	Pessoal	5741	2509	0	0	0	0	0	0	850	0	10970
	Outros	250	0	0	1400	60	400	0	1550	0	0	3660
	TOTAL dos CUSTOS	14056	26134	0	1400	60	400	0	3250	850	0	48020
D	PROVEITOS	11700	25830	4200	1400	840	200	100	0	4000	1000	49270
	SALDO DE EXPLORAÇÃO	- 2356	- 304	4200	0	780	- 200	100	- 3250	3150	1000	1250

Informação Fiscal

1 - OBJECTIVO

Dando continuidade ao tema já tratado na informação nº 1 "Dedução Específica aos Rendimentos da Categoria B" esta tem como objectivo clarificar alguns pontos que possam ainda suscitar dúvidas.

2 - ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO

Os aspectos a tratar nesta informação, são os seguintes:

- Descontos que podem ser efectuados aos rendimentos da categoria B. Alguns esclarecimentos.
- Obrigações que ocorrem durante o mês de Abril.

3 - DESENVOLVIMENTO

O nº 1 do artº 28 do CIRS, nas suas diversas alíneas enumera o tipo de deduções específicas, relativas ao trabalho independente tendo em vista abranger o maior número possível de custos inerentes a esta Categoria de Rendimentos.

As limitações impostas às deduções definidas naquele artigo justificam-se pela impossibilidade de na prática ser difícil distinguir entre a utilização profissional ou pessoal de certos bens e/ou na dificuldade de controlo de certos encargos.

Assim temos:

1º As despesas relativas à valorização profissional do Contribuinte, à sua representação profissional e outras despesas indispensáveis à formação do rendimento não podem exceder, em conjunto, 10% do rendimento bruto da categoria.

Consideram-se enquadráveis na valorização profissional, nomeadamente, despesas em livros, participação em colóquios, conferências, congressos, publicações periódicas da especialidade e outras acções de formação profissional. Na área da valorização profissional devem ser consideradas despesas de natureza social conexas com a actividade.

2º As despesas com deslocações, viagens e estadas do contribuinte também não podem exceder 10% do rendimento bruto desta categoria.

3º As despesas relativas a aluguer, amortização, grandes reparações e seguros com viaturas afectas à actividade, são consideradas em 50%.

O cálculo das amortizações e reintegrações quer de instalações quer dos equipamentos serão feitas de acordo com o estabelecido no CIRC (artº 28).

No que diz respeito à reintegração de imóveis serão deduzidos aos rendimentos da categoria B, as que forem calculadas com base no preço da aquisição do imóvel, proporcionalmente à área afectada ao exercício da actividade do sujeito passivo, devendo as mesmas ser obrigatoriamente efectuadas pelo método das quotas constantes e sendo o bem propriedade do mesmo, comprovado documentalmente.

- Todos os encargos previstos no artº 26 do CIRS, terão de ser sempre documentados através de factura recibo.

4 - PRÓXIMAS OBRIGAÇÕES FISCAIS E DATAS LIMITES

DIA/MÊS

a) Entrega de retenções 20 DE ABRIL

na fonte (artº 91 nº 3) verifica-se quando os contribuintes possuam, contabilidade organizada e tenham efectuado retenções na fonte do pagamento de rendimentos de trabalhos dependente ou independente no trimestre anterior; e de rendimentos prediais pagos no mês anterior.

b) Entrega da declaração 30 DE ABRIL

periódica e respectivo pagamento do IVA se se estiver em regime mensal (nº 1 do artº 26 e nº 1 do artº 40 do CIVA)

c) Entrega da declaração 15 DE MAIO

periódica e respectivo pagamento do IVA se se estiver em regime trimestral (nº 1 do artº 26 e nº 2 do artº 40 do CIVA)

d) Entrega da declaração 10 DE MAIO

Mod. 2 (artº 60 CIRS)



ROBINSON

TRABALHAMOS CORTIÇA DESDE 1840

PRODUTORES / EXPORTADORES

POUPE ENERGIA
PREFIRA QUALIDADE **ROBINSON**

AGLOMERADOS DE CORTIÇA

- Em mosaicos - para pavimentos, paredes e tectos
- Em folhas e rolos (soft) - para juntas, isolamento, placards, etc.

AGLOMERADOS NEGROS DE CORTIÇA

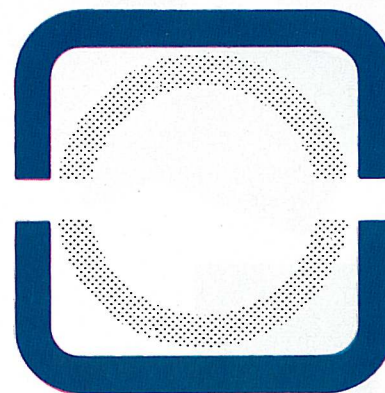
- Para isolamento térmico, acústico e vibrático (em placas e regranelado)

Observe o REGULAMENTO DE COMPORTAMENTO TÉRMICO DE EDIFÍCIOS

Em vigor desde 91.01.01

SOCIEDADE CORTICEIRA ROBINSON BROS., S.A.

AV. DA REPÚBLICA, 62 F, 5º - 1000 LISBOA - APARTADO 1914 - 1004 LISBOA CODEX - PORTUGAL
TEL.: 797 91 73 (6 Linhas), 797 24 00 - TELEGRAMAS: CORROB - TELEX: 64 285 CORROB P - FAX: 797 23 88



PREMOLDE

ESTRUTURAS ESPECIAIS DE BETÃO, S.A.

- | | |
|---|--------------------------|
| ★ Pavimentos pré-esforçados | ★ Lancis |
| ★ Perfis pré-esforçados para coberturas | ★ Pré-lajes |
| ★ Blocos de betão para alvenaria | ★ Painéis pré-fabricados |
| ★ «Pavês» simples e autoblocantes | ★ Pavilhões industriais |
| ★ Pré-fabricados à sua medida | ★ |

DIRECÇÃO COMERCIAL CENTRO
PAU QUEIMADO — 2870 MONTIJO
TELEFS. 231 07 86 - 231 24 99

DIRECÇÃO COMERCIAL BEIRA INTERIOR
ARGIBLOCO, LDA • 6001 CASTELO BRANCO CODEX
APARTADO 67 • TELEFS. (072) 9 62 70 - 9 61 17

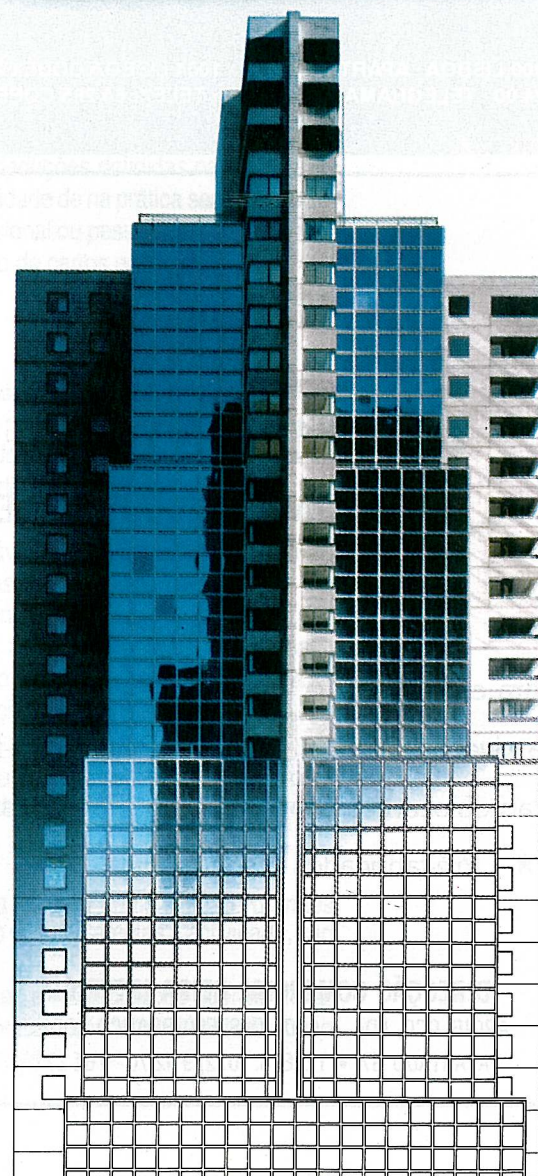
DIRECÇÃO COMERCIAL SUL
BELA MANDIL • 8700 OLHÃO
TELEFS. (089) 70 53 18 / 19 / 20

rotring rapidograph

O PROFISSIONAL

O rotring rapidograph. O instrumento para desenho técnico, considerado em todo o mundo como o padrão máximo de qualidade, precisão e funcionamento.

Com a substituição da recarga capilar, obtém um sistema de ventilação novo e limpo. O rotring rapidograph existe em 15 espessuras de traço diferentes, à venda no seu fornecedor habitual.



rotring

forbo FORBO PERGOL, SA

REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS
REVESTIMENTOS

KROMMENIE DESK TOP
E BULLETIN BOARD:
REVESTIMENTOS PARA
MOBILIÁRIO, PORTAS
E PAREDES.



Rua Sá da Bandeira, 342 - 4000 Porto
Telef.: 32 43 02/32 44 50
Telex: 22364 Marito P - Fax: 56 54 53

Rua Latino Coelho, 8-A/8-B - 1000 Lisboa
Telef.: 56 32 04/7
Telex: 16456 Pergol P - Fax: 57 75 14

Rua D. Estefânia, 163-C - 1000 Lisboa
Telef.: 54 60 10

WIRSBO

DEZ VEZES A VOLTA AO MUNDO COM TUBOS PEX DA WIRSBO

A WIRSBO foi a primeira Companhia a fabricar tubos PEX em larga escala (1972).

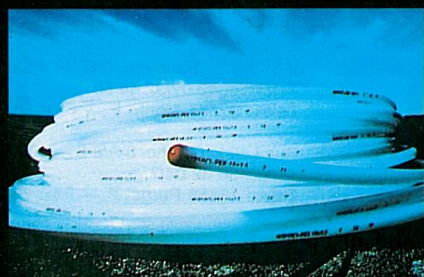
Hoje a sua produção atingiu já os 400.000.000 de metros, o que equivale a mais de 10 vezes a volta à Terra na linha do equador.

Actualmente, a produção anual ultrapassa uma volta à Terra.



Na liderança de fabrico em PEX, a WIRSBO tem muito mais para oferecer do que somente tubo. Também oferece sistemas completos e tecnologia de instalação.

A WIRSBO é uma companhia internacional operando já em mais de 25 Países. E nossa filosofia continuar o processo de introdução dos tubos WIRSBO - PEX através do mundo e, desse modo, servir cada vez mais clientes.



Os tubos WIRSBO-PEX são, dadas as suas excelentes propriedades, um produto da mais alta qualidade. O material não sofre corrosão e é aplicável na condução de águas quentes e frias.



Para as instalações domésticas de águas quentes e frias a WIRSBO desenvolveu um sistema completo que compreende a tubagem e respectivos acessórios. Este sistema satisfaz todas as necessidades de condução de água e é o ideal quer em edifícios novos quer na remodelação de edifícios antigos.



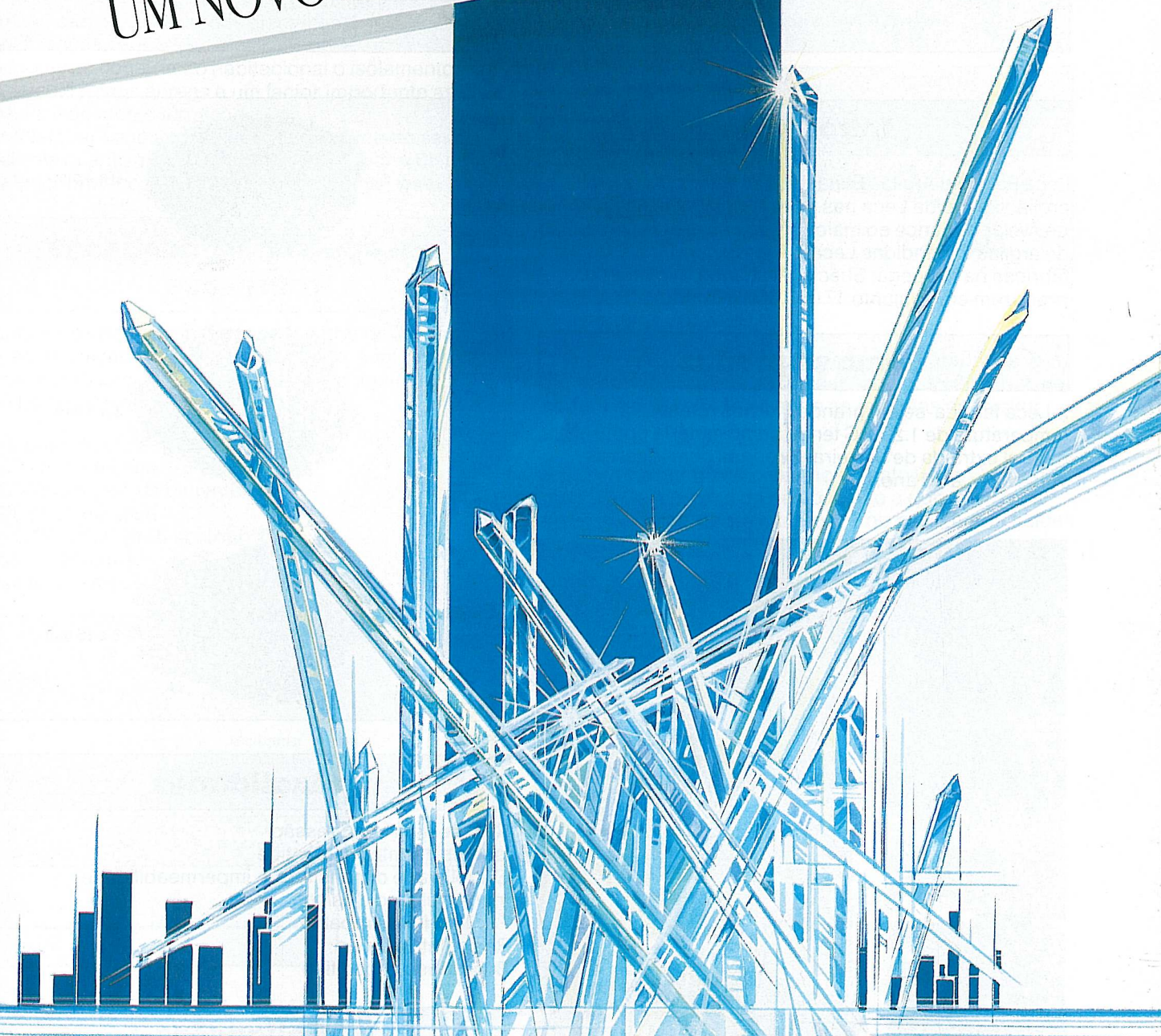
O aquecimento por chão radiante WIRSBO é desenhado para um moderno aquecimento de espaços a temperatura equilibrada.

WIRSBO

SEDE: Av. da República, 2290
4400 V.N. Gaia, Fax. 308000
Telef. 308564/309181

ARMAZ.: R. Central do Olival, 1100
S. Martinho de Arnelas,
4415 Carvalhos, Fax. 7829644
Telef. 7825905/7829669

UM NOVO MUNDO TECHNAL



A alvorada amacia as linhas cruas da cidade. Insinua-se pelas transparências dos edifícios que a Technal converte em moradas de luz. Com o Sistema Technal, nasce um mundo de produtos que dão forma à mais ousada concepção arquitectónica e decorativa.

O alumínio Technal integra-se no dia a dia citadino, tanto em construções novas como em projectos de restauro. Personaliza a moradia particular inovando os conceitos de estética, racionaliza harmoniosamente o espaço do escritório, transfigura as fachadas dos edifícios.

Um sem número de aplicações Technal modificam o rosto da cidade, fazendo surgir um novo mundo onde cultura e natureza enfim, se unificam.

TECHNAL®

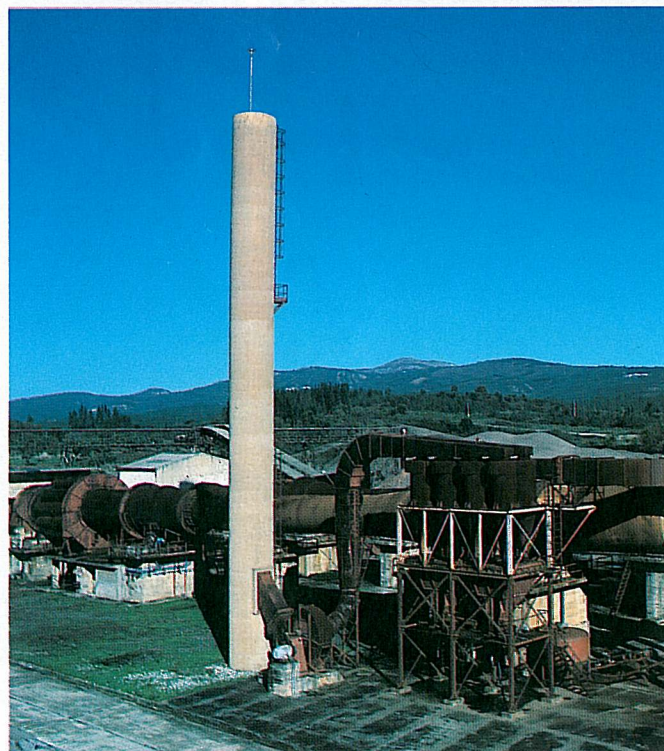
O QUE É A LECA

Introdução

Leca Portugal Argilas Expandidas Lda. produtora da argila expandida Leca nas suas instalações fabris de Avelar pertence ao maior grupo europeu de produção de argilas expandidas Leca a Aker Exclay Group cujas fábricas na Noruega, Suécia, Alemanha, Dinamarca, produzem em conjunto 17.000.000 m³ ano.

Como se produz

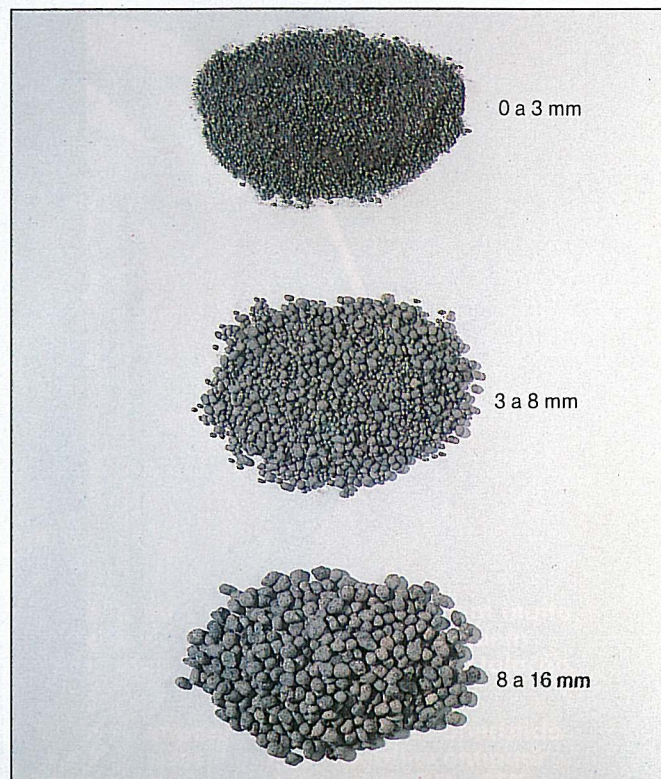
A Leca fabrica-se em grandes fornos rotativos à temperatura de 1.200°C tendo como matéria prima argila natural extraída de barreiras próprias com reservas superiores a 30 anos.



Fábrica em Avelar

O que é a Leca

A Leca é um agregado ligeiro de argila expandida em grânulos com uma estrutura interna celular e uma dura e resistente superfície externa. Os grânulos são de forma arredondada e isentos de materiais orgânicos, combustíveis ou poluentes.



Qualidades

Resistente à compressão
Isolante térmico e acústico
Estabilidade dimensional e impermeabilidade
Inerte químico e físico
Facilidade de trabalho
Resistente ao fogo
Baixo peso específico

Aplicações

Isolamentos

Esteiras — Terrços — Coberturas — Paredes duplas — Caixas de ar — Caves — Pisos térreos.

Enchimentos

Pavimentos — Casas de banho — Regularização de cotas.

Pré-fabricados

Condutas de fumos — Caixas de estores — Molduras de vãos.

Betões resistentes e estruturais

Ampliação de estruturas — Pontes para peões — Paineis fachada — Laminas de compressão.

Enchimentos

Conforme é do conhecimento geral é muito frequente fazerem-se enchimentos sobre o tosco da construção até uma cota próxima da dos acabamentos.

A espessura desse enchimento depende assim da natureza dos acabamentos previstos que requerem alturas diferentes para cada caso.

Outras vezes o enchimento existe apenas para corrigir certos erros de cotas, ou conseguir ao mesmo tempo a instalação de certas redes eléctricas, telefónicas, ou canalizações.

Na moderna construção habitacional o isolamento acústico a ruídos aéreos é um factor importante assim como o isolamento térmico.

Em qualquer caso interessa que o enchimento seja **eficiente** quanto à função **resistente** de modo a dispensar qualquer protecção, e tanto quanto possível **leve**.

Enchimentos de pequena espessura

Quando os enchimentos se situam entre os 3 e 5 cm de espessura a que se segue o acabamento final, aconselha-se um betão Leca 3/8 mm com uma dosagem de 200 a 250 kg de cimento.

Para obter 1 m³ deste betão precisa:

1100 litros de Leca 3/8 mm

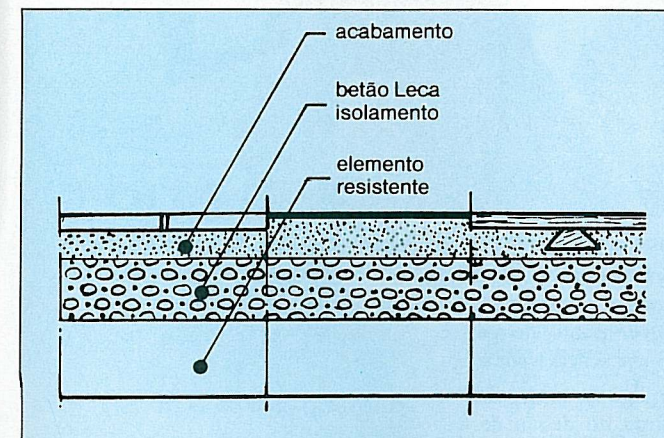
200/250 quilos de cimento

100 litros de água

$\lambda = 0,19 \text{ W/mK}$ (0,16 kcal/mh°C)

Peso = 750 kg/m³

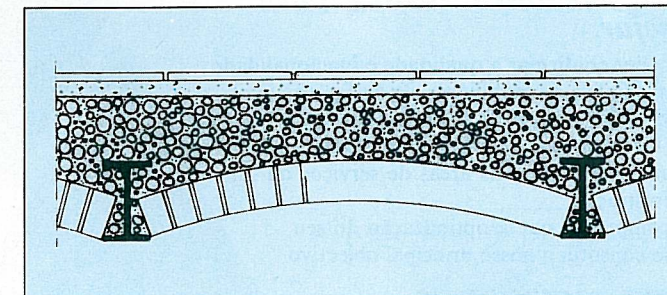
Resistência mecânica = 70 kg/cm²



Enchimentos em construções antigas

Tem por finalidade a reconstrução de habitações degradadas. A utilização do betão de enchimento leve Leca tem como fim a regularização de pavimentos desnivelados quer estes sejam de madeira ou de betão pobre.

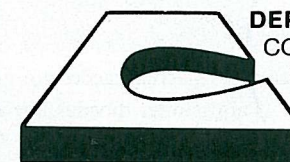
O peso de betão leve Leca não excede os 750 kg/m³ o que não sobrecarrega as estruturas antigas.



Como exemplo da correcção de pisos degradados veja-se o pormenor que se expõe cuja composição de betão poderá ser escolhida de entre as referidas na página anterior.

É fácil trabalhar o betão de enchimento Leca. Se a sua obra não tem central de betão, então a dosagem para o seu enchimento será o traço 4:1 ou seja, quatro baldes de Leca 3/8 ou 8/16 mm, um balde de cimento, mais a água de amassadura. Após secagem aplique o acabamento final que pretende.

Um enchimento com betão leve Leca dá-lhe bom isolamento térmico e acústico. Razão suficiente para uma boa habitabilidade.



DEPARTAMENTO DE VENDAS

COLASA Materiais de Construção, Lda.
Rua Inácio de Sousa, 8, r/c - Dto.
1500 Lisboa

Telefone 74 05 32 / 78 63 50 — Telex 62501 P — Fax 78 13 61

DESEJO MAIS INFORMAÇÕES:

NOME _____
EMPRESA _____ CARGO _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
CÓDIGO POSTAL _____ TELEFONE _____

Leca®

EM TODA A CONSTRUÇÃO

Argilas Expandidas, Lda. — 3245 Avelar — Telefone: 036-32160 — Telefax 036-32166 — Telex 52 861 Lecapo P

SABEMOS QUE JÁ NOS CONHECE. PRETENDEMOS QUE NOS CONHEÇA MELHOR.

Temos bastantes razões para o desejar.

- Para poder confirmar a qualidade e funcionalidade das nossas linhas de mobiliário, de design nacional, concebido ergonomicamente.
- Para também verificar a sua versatilidade e adaptabilidade a todas as áreas de serviços ou de administração.
- Para comprovar que a optimização do seu escritório constitui o nosso principal objectivo



METROPOLIS



LOGOS

e que por isso procedemos regularmente a actualizações dos nossos conceitos estéticos e técnicos.

- Para não ter dúvidas que cumprimos prazos de entrega e que os nossos serviços lhe asseguram a entrega e montagem do nosso mobiliário em qualquer ponto do país e lhe garantem uma adequada assistência técnica.
- Para constatar que, por alguma razão, nos mantemos na vanguarda do design de mobiliário para escritório em Portugal.



LONGRA/ROVO

- E por fim, para que possa comprovar todas as nossas razões, solicite a visita de um delegado LONGRA.

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA

Rua Dr. João Couto, Lote C - 2.º - 1500 LISBOA
Tel. 715 44 20 - Telex 16476 METLON P - Telefax 714 21 96

Rua Gonçalo Cristóvão, 86 - 4000 PORTO
Tels. 31 44 93 - 31 49 71 - Telex LONNOR P

LONGRA

É PARA SEMPRE

ORGANIZAÇÃO E EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO, S.A.



CERÂMICA CONSTÂNCIA

FUNDADA EM 1836

FÁBRICA DE CERÂMICA CONSTÂNCIA - R. DE S. DOMINGOS (A LAPA), 8 PORTA C - 1200 LISBOA - PORTUGAL - TELES. 66 38 98 - 66 39 51 - TELEX 14340 AZUCER P - FAX 60 26 93

soluções **FORMICA®**



Que facilitam a instalação de laminados para revestimentos de parede em obras que requerem ordenação, conforto e limpeza.

Hoteis, Hospitais, Armazéns, lojas, escritórios, lar, etc. Os elementos semitransformados em laminado FORMICA Alta Pressão e acabamento postforming, resolvem todas aquelas necessidades que se devem tomar sobre si uma obra: colunas, armários, ar condicionado, áreas de tubagens, portas, marcos de divisões, etc., com umas condicionantes de duração, alegria e modernidade, integrando-se no conjunto do projecto. As suas colecções de desenhos e cores estão estudadas de modo a adaptar-se à integração harmónica com qualquer material de índole natural ou sintético. Para qualquer informação sobre FORMICA, dirijam-se a:



DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA PORTUGAL:

SARDINHA & LEITE, S.A.

Sede: Rua da Voltinha - 4415 CARVALHOS Codex - Telef. (02) 7829511 BAL
Filial: EN 117-km. 2,3 - Qta. Grande - Alfragide - 2700 AMADORA - Telef. (01) 47 55 21

Ciclo de colóquios
Arquitectura na Cidade
Abril-Maio 1991

David Chipperfield
Manuel Salgado, Vittorio Gregotti
Arsénio Cordeiro
José Miguel Fonseca
Enrique Alvarez-Sala Walther,
Carlos Rubio Carvajal, Cesar Ruiz-
-Larrea Cangas
Gonçalo Byrne
João Lúcio Lopes
Fabrice Dusapin, François Leclercq
Gravata Filipe, David Colley

ARQUITECTOS



Ciclo de colóquios
Arquitectura na Cidade
Abril-Maio 1991

David Chipperfield
Manuel Salgado, Vittorio Gregotti
Arsénio Cordeiro
José Miguel Fonseca
Enrique Alvarez-Sala Walther,
Carlos Rubio Carvajal, Cesar Ruiz-
-Larrea Cangas
Gonçalo Byrne
João Lúcio Lopes
Fabrice Dusapin, François Leclercq
Gravata Filipe, David Colley



Projectos recentes de David Chipperfield

pp. 8-9

A obra de David Chipperfield coloca-se algo singularmente no panorama britânico. Apesar de toda a sua envolvimento e da gente com quem trabalhou ao longo da sua ainda curta carreira, Chipperfield parece ter optado pela pequena expressão no seu país, a qual talvez seja o resultado da grande variedade dos seus contactos e do momento cultural, de grande informação, ou seja, de ele ter tantas possibilidades à sua frente, num tempo de fim de euforia pós-modernista, num tempo, como tenho vindo a dizer noutros escritos, de reflexão e cuidados.

De certo modo, David Chipperfield preferiu muito mais a "linha racionalista" à "linha construtivista", afastando-se de Foster e Rogers, com quem trabalhou inicialmente, e recebendo uma certa influência corbusiana, não a versão brutalista, mas a da primeira influência do grande arquitecto suíço nas Ilhas Britânicas após a Segunda Guerra Mundial. E, ao referir-se a esta posição, não é possível deixar de colocar o problema da continuidade do Moderno, tal como a põe Kenneth Frampton, e relacioná-la com o regionalismo.

David Chipperfield relê os mestres modernos racionalistas dos anos 20-30 de uma forma elegante, marcada possivelmente pela subtilidade de Foster e não pela brutalidade esventradora de Rogers. Evoca o classicismo subjacente a esses mestres modernos, mas sem aderir ao neoclassicismo depurado que tem marcado a obra recente de alguns arquitectos, com Byrne e Tainha, por exemplo. Há ainda uma fase tectónica, que o aproxima da linha "construtivista", mas essa fase nunca é dominante. Este entrecruzar de linhas de força permite comparar David Chipperfield ao portuense João Álvaro Rocha, um europeu do Sul, integrador das duas linhas, a "construtivista", que se poderá explicar pela sua passagem pelo singular atelier Gigante (no panorama português), e a "racionalista", certamente mais típica da cultura portuguesa.

Os edifícios e interiores de David Chipperfield organizam-se na rigorosa interpretação

octogonal do espaço arquitectónico, o qual, desenvolvido em sucessivas aberturas e continuidades, pode ser pontuado, delimitado ou definido através de formas puras (paralelepípedo, cilindro) e linhas rectas, mas a octogonalidade tudo contém. Os materiais são sólidos e tendem a mostrar-se em bruto, jogando-se com a qualidade visual das texturas e das cores naturais.

A loja londrina de Jsey Miyake tira partido da montra, grande rasgamento delimitado apenas por vidro, o que permite a leitura visual de todo o espaço, que se oferece inteiramente ao olhar de quem passa, com os seus longos planos e rítmicas sucessões de luzes, roupas e prateleiras. Não há ornamento aplicado ou visualizações imagéticas.

A escolha da madeira à vista do mármore raiado, e do balcão com tampo "amarrotado" faz coincidir ornamento e material.

Na casa Knight, na área residencial de Richmond, Londres, Chipperfield, que teve imensa dificuldade em impor as suas ideias aos urbanistas locais, depois de acordar dos fantasmas da tradição britânica (parece que a vizinha da frente mantém as cortinas cerradas desde a construção da casa), trabalhou cuidadosamente a integração no local, criando uma fachada para a rua e uma forte interpenetração interior/exterior para o quintal das traseiras. O interior da casa revela a abertura espacial, a escolha de materiais sólidos e duráveis, a estética da presença visual destes e o cuidado do pormenor bem executado, mas não obsessivo. Um interior quase puritano, não fosse a riqueza abstracta das relações espaciais e dos planos e volumes de belos materiais.

A partir da loja e da casa se pode avaliar a qualidade da sua obra daqui para o futuro e talvez dar razão à sua já grande celebridade, curiosamente não baseada na produção de grandes objectos arquitectónicos aclamados pela crítica internacional. Como diz a revista "Royal Institute of British Architects", "parece que [a sua carreira pessoal] tem sido conduzida de trás para a frente". Esperemos então! [Michel Toussaint].

O segundo ciclo dos colóquios organizado pela Secção Regional do Sul da AAP responde ao êxito do primeiro ciclo, como uma necessidade de aprofundamento do debate da prática profissional.

Naturalmente, mantêm-se algumas características da iniciativa: o tema geral – A Arquitectura na Cidade –, o privilégio dado a obras recentes com papel activo no discurso urbano, a confrontação da prática do ofício no nosso país com exemplos marcantes da arquitectura de outros países europeus. Naturalmente introduziram-se novidades: o envolvimento dos críticos na estruturação dos colóquios, procurando-se sistematizar a relação do discurso próprio da arquitectura com os discursos teóricos que a antecederam ou lhe sucedem. Naturalmente também, inflexões trazidas pelos arquitectos agora convidados. No "lado português", escolhemos como enquadramento a cidade de Lisboa e alguns projectos recentes que nela "são assunto". No "lado estrangeiro", escolhemos jovens arquitectos com obras premiadas. Em comum o tratar-se sempre de encomendas públicas.

Em tudo isto, qual o traço de união? Aquele que mais facilmente se nos oferece é o das relações entre os poderes políticos e a arquitectura, revelando simultaneamente o carácter "público" desta arte.

A nossa época, neste final de século, tem vindo a ser marcada, na cultura arquitectónica, por uma revalorização da cidade, e nela, dos aspectos singulares e simbólicos da arquitectura-monumento. Eis que o problema do simbolismo na arquitectura está hoje de novo colocado. Como se reintroduziu a noção antes proscrita?

A civilização urbana supõe uma distinção essencial, a marcação do limite no sítio: entre onde é e onde não é, o aqui e o ali, a cidade e o resto. É uma recusa da indiferença, do "vivido", da monotonia, do "autismo", que reintroduz a necessidade de comunicação na arquitectura.

Um novo sentido do espaço arquitectónico na forma da cidade conduz-nos a olhar a história da arquitectura com novos olhos, menos nostálgicos e menos heróicos: as grandes obras de "arquitectura pública" não se colocam na cidade para fixar a sua forma definitiva, antes são signos e condições das novas mudanças. "A forma de uma cidade muda mais depressa, felizmente, que o coração de um mortal..." (Baudelaire).

Pedro Brandão

Centro Cultural de Belém, de Manuel Salgado e Vittorio Gregotti pp. 10-11
Torre do Tombo, de Arsénio Cordeiro pp. 12-13
Centro de Congressos, no Parque Eduardo VII, de José Miguel Fonseca pp. 14-15

A tarefa que nos é proposta neste colóquio tem tudo menos de simples. Trata-se de discutir e analisar criticamente três edifícios que, pela sua dimensão e complexidade, levantam problemas de difícil enquadramento, até porque significativos das práticas e perplexidades características da nossa arquitectura, no começo da derradeira década do século.

O sentido e ambição dos programas, a coerência da sua descodificação, a caracterização da resposta formal que suscitaram, o entendimento urbano implícito, quer como parâmetro de intervenção quer como avaliação do impacto deles resultante, são outras tantas vertentes, entre muitas outras, de um questionamento que, mais que possível, se torna necessário, na definição, certamente plural, dos caminhos que se nos podem abrir como imediata exploração finisecular.

A apresentação comparativa dos trabalhos, se por um lado enriquece naturalmente esse questionamento, por outro lado torna-o, na mesma medida, ainda mais exigente e mais complexo. Não se trata, quanto a mim, de dar quaisquer respostas aos problemas em discussão, que para cada um serão diversas, nem de tentar formular juízos definitivos, bons ou maus, sobre os casos em presença, mas de, em colectivo, tentar aprofundar o sentido desse mesmo questionamento que, esse sim, nos pode surgir, até surpreendentemente, comum. [Pedro Vieira de Almeida].

Bloco de 36 fogos em Tres Cantos, Madrid, de Enrique Alvarez-Sala
Walther, Carlos Rubio Carvajal,
Cesar Ruiz-Larrea Cangas pp. 16-17

"Les vivants ont un corps qui leur permet de sortir de la connaissance et d'y entrer. Ils sont faits d'une maison et d'une abetile" (Paul Valéry "Eupalinos ou l'Architecte", 1921).

Se num primeiro momento a razão de invenção do novo exprimiu a eclosão inevitável de um conflito com o tempo, a sua errância no mundo domesticou-o à sombra da história, das periferias, das racionalidades locais. Permanência e ruptura medem-se, associam-se como comportamentos/conhecimentos complementares e/ou autónomos que se permutam na consolidação de integridade orgânica do projecto e do ofício, na revelação do lugar específico contra a indiferença do espaço técnico e económico. Processo em que as itinerâncias do desenho entre circunstância e manifesto se envolvem num sistema de dialecticas múltiplas – o permanente e o novo, o universal e o particular, o erudito e o popular, os tipos edificatórios e os tipos urbanos, as formas e os padrões culturais e institucionais seus referentes.

"Em Espanha existe uma espécie de silêncio, de espaço imóvel, figurativamente antigo, alheio à ânsia transparente e em movimento do espaço arquitectónico centro-europeu". No conjunto, a cultura arquitectónica espanhola demonstra escasso impulso para a utopia, para o estudo não realizável, para a exercitação teórica; se os projectos ficaram no papel foi em geral por má conjuntura e não por vontade teórica dos autores. Pondo de lado a euforia patética com que, nos últimos anos, os centros brindaram as periferias, prefiro compreender a densidade crítica e a dimensão poética desta Arquitectura a partir de permissas mais locais: a mudança de clima ocorrida na década de setenta; a exploração conflitual e intercomunicante da condição de heterogeneidade deste território de territórios, de povos, de culturas; a argumentação solidária entre Disciplina e profissão, entre teoria, projecto e investigação, desenho e construção, edificação e cidade; o equilíbrio sensível, integrador e operativo entre continuidade e inovação, entre identidades locais e contributos externos, entre segmentos geracionais; o jogo solidário e conflitual entre

decoração e solidez material na estruturação do facto arquitectónico.

Na trama colectiva com que a convivência modernidade-eclectismo-convenção explicita gestos (d)e tendências, a arquitectura de Carvajal/Larrea/Walther sustenta-se como expressão da necessidade e ordem, recusando conceptualismos alimentados na única justificação do gesto. Daí certamente a sua insistência na composição como sistema de relações estruturantes da construção formal, a insistência na retícula estrutural como suporte para a autonomização da parede e para a erosão do volume, a sustentação do programa como condição de ordem, justificação do sentido de necessidade, princípio de síntese orgânica do facto arquitectónico.

Pelo que a propósito cito Eduardo Lourenço: "a emergência universal de seitas, de gurus, e proliferação do profetismo nesta espécie de Índia universal em que o planeta se está convertendo são apenas sinais no meio do Deserto iluminado de uma Cultura que, há meio século, Husserl e Freud supunham doente, antes de se fazer da doença dela a interminável glosa. Mas não é do delírio nem da fantasmagoria que nascerá a cura, mas da vontade de recusar uma Cultura sem sujeito nem memória. Os deuses mortos regressarão, a exigência de inteligibilidade e do conceito, marca do Ocidente e sua cruz, impedirão que o mundo se torne, em sentido próprio e figurado, terra de ninguém. E será um outro século. Talvez o nosso, mas lido do avesso pela inocência dos que escaparam às delícias fúnebres do seu discurso dominante". [Manuel Mendes].

Palácio da Ajuda, plano de pormenor da Envolvente, de Gonçalo Byrne pp. 18-19
Escola Superior de Economia e Gestão, de Gonçalo Byrne pp. 20-21
Escola Superior de Medicina Veterinária, de João Lúcio Lopes pp. 22-23

Resistência – Estes projectos são, todos eles, desde o primeiro momento, malhas urbanas; o

da área da Ajuda por definição, os das Faculdades por escolha. Esta escolha implicou algumas rejeições: não há edifícios-monumentos, não há um interesse primordial pelo desenho dos alçados, não há um conjunto entendido como conjunto de "objectos". A planta é, em todos os casos, o ordenador por excelência – e é sempre uma planta urbana moderna porque, antes de fixar monumentos formais, distribui percursos, arruma funções, estabelece hierarquias. A individualidade de cada sector submete-se à ordem urbana geral. Em vez de focos simbólicos (ou de malhas também predominantemente simbólicas), impera uma ordem técnica e funcional.

Referência – A orientação das encostas e da luz, a existência dos restos do aqueduto da Ajuda ou do muro da tapada de Agronomia, as estradas e caminhos, as vistas sobre o Tejo e Belém, a orientação dos antigos projectos para o Palácio da Ajuda e seus jardins, a malha regular do Bairro da Ajuda feita contra os patamares da encosta de modo a ter o rio nos enfiamentos. Estes são os principais pontos de ancoragem dos projectos.

A sua escolha implica a referência a um mundo construído (e a uma visão do mundo) assentes aquilo que está enraizado. Implicam a ideia de solidificação e de refundação. *Divergência* – Note-se que os projectos para as duas Faculdades criam pedaços de cidade onde esta não existia; o Plano para a área da Ajuda, por seu lado, retoma a ideia moderna (não a "modernista") de cidade. Esta atitude comum aos três projectos pode (e talvez deva) ser comparada com as arquitecturas que escolhem "desconstruir" os locais.

Estes projectos são, afinal, divergentes em relação à ordem metropolitana que hoje se vai estabelecendo: a ordem da periferia (que muitas vezes se diz "desordem").

Reconduzindo ao centro, estão em frontal desacordo, tanto com o estado de coisas da urbanidade actual, como com as correntes arquitectónicas que querem estabelecer a paz com esse estado de coisas.

Uma tal atitude seria de resistência se a periferia não fosse já – como é – dominante. Assim, trata-se de divergência, trata-se de um outro caminho. [Paulo Varela Gomes].

**Projectos recentes de Fabrice Dusapin
e François Leclercq**

pp. 24-25

Herdeiros legítimos de ideias que marcaram os debates dos anos 70 e 80 em França, Fabrice Dusapin e François Leclercq vêm emergindo decididamente como referências importantes de uma nova geração na arquitectura francesa contemporânea, marcada pela pluralidade temática e por uma intensa pesquisa de linguagem. Obras como o edifício de habitação da rue Bellière ou a escola maternal da rue Cloys em Paris, ambas de 1985-87, reflectem uma experimentação que se exerce privilegiadamente nos limites dos centros históricos, reorientando a vocação dos anos 70 para as "cidades novas". Demonstram igualmente uma extraordinária capacidade de síntese entre o contextualismo como princípio definidor da forma arquitectónica e a preocupação em criar a obra única, determinante para o significado da intervenção e reflexo duma essencialidade clássica. Neste sentido, poder-se-á falar da recusa numa simples continuidade contextual: simultaneamente à leitura do sítio, em que as preexistências estabelecem razões para uma regra a seguir e aperfeiçoar, das quais fazem também parte os próprios erros urbanísticos, os elementos residuais e as desfigurações, surge uma "obra-prima", determinada intrinsecamente, e que dá um novo significado à envolvente. De algum modo, estamos perante a síntese do todo a partir das partes, em que pontuam diversidade, acumulação, justaposição e complexidade, e a continuação do Belo como projecto estético, reflexo duma ordem universal. Resultado desta tensão é uma estratégia de construção do objecto, uno mas não unitário no sentido tradicional, que se revela a partir dum conjunto de polaridades múltiplas. A essência clássica da composição é geometricamente fragmentada e articulada por eixos estruturantes, e dinamizada (ou até subvertida) por elementos secundários que fazem lembrar os objectos-tipo periféricos de Le Corbusier. Cumpre-se assim um mundo

arquitectónico ponderado na tensão mediadora entre a estabilidade e o movimento, a resposta ao sítio e a liberdade de formalização. De igual modo, verifica-se uma eficaz separação dos elementos principais do programa, constituindo famílias que surgem de forma autónoma e cujas ligações são consequentemente evidenciadas. Paralelamente, inscrevem-se em volumes formalmente identificáveis, tão elegantes e delicados quanto precisos e rigorosos, características também partilhadas pela cuidada pormenorização e qualidade construtiva, às quais não será estranha a afirmação do design francês contemporâneo. Desta estratégia pressente-se a importância que reveste o usufruto visual, nomeadamente na ênfase com que os edifícios se anunciam, permitindo talvez falar de uma nova geração de "máquinas de emocionar". Razoavelmente legítimo será recordar a formação de Dusapin e Leclercq na famosa UP n.º 6, onde leccionam Roland Castro e Fernando Montes, referências obrigatórias no restabelecimento de relações contextuais com a forma da cidade existente. De igual modo, o expressivo zelo formal é reflexo da maturidade que se desenha nos anos 80, nomeadamente na obra de Henri Ciriani, tantas vezes atacado pela crítica mais "ortodoxa" pelos respectivos "abusos formais" no confronto com as necessidades funcionais, e que também testemunha uma progressiva aproximação ou reinterpretação dos pioneiros da época heróica do Movimento Moderno (leia-se, herança de Le Corbusier). À arquitectura como modelação de forma, ou até como novo Maneirismo, não será igualmente estranho Christian Portzamparc, também acusado pelo "cuidado excessivo no exterior dos seus edifícios" e, sobretudo, pelo recurso a motivos arquitectónicos aparentemente arbitrários, mas fundamentais no equilíbrio geral da composição. Enfim, nada mais natural para quem acredita na questão do visível como campo específico da Arquitectura. Nesta sua primeira apresentação pública em Lisboa, cumprir-nos-á confirmar ou não a oportunidade das considerações anteriores. Resta, porém, uma certeza: Fabrice Dusapin e François Leclercq comprovam a existência de uma nova geração de arquitectos,

"cirurgiões da cidade" capazes de fornecer respostas precisas e pertinentes aos problemas que lhes são colocados, adquirindo nova legitimidade profissional e uma sensível melhoria da qualidade dos projectos, apesar dos riscos contemporâneos de isolamento e da excepcionalidade que estas obras revestem. Protagonistas na transformação qualitativa da cidade, fica-nos a sensação que esta, para além de cultura, deve ser também e claramente lúdica. [João Belo Rodeia].

**Projecto para a Zona Ribeirinha,
de Gravata Filipe e David Colley
Valorização arquitectónica e urbana
de Lisboa**

pp. 26-27

pp. 28-29

A zona ribeirinha de Lisboa revelou-se nos últimos anos aos cidadãos, pela acção cívica e profissional dos arquitectos, como o tesouro escondido na cidade. Após o "Concurso de Ideias" promovido pela Associação dos Arquitectos Portugueses, não mais o assunto deixou o imaginário dos amantes de Lisboa, nem a atenção dos media, nem as referências dos políticos, que no Tejo procuraram suporte emblemático ou de estrutura programática. Passados dois anos, dois "planos-projecto" estão aí. Um deles resultou directamente do "Concurso de Ideias" — o do arq.º Gravata Filipe, para a frente Santos - Santa Apolónia. Agora desenvolvendo novas propostas, procurando com uma sucessão de elementos, usos e formas, não só uma teoria de "interpenetração" (como um anfiteatro entrando pelo rio e um espelho de água entrando pela margem), como ainda abrir novos contactos da malha urbana com o plano de água, com a abertura das docas da Marinha e do Jardim do Tabaco ao Campo das Cebolas, à Alfama ribeirinha. O segundo é o VALJS que, se procedeu de uma iniciativa com palco no Parlamento Europeu, não deixa de se referir ao "Concurso da AAP". Não tanto pelas propostas para a faixa ribeirinha, mas pelo entendimento das relações desta com os

vales, em particular três, Alcântara, Baixa e Oriental, onde são propostos novos centros mobilizadores da vida urbana: administrativos, comerciais, de serviço, de habitação, de turismo, conjugados com a intenção de criar novo património, de ligar o que está separado, de vencer a topografia. O que suscita debate? Para já, dois temas. O primeiro será no território de discussão da fronteira entre o plano (da cidade?) e o projecto (da Arquitectura?), da autonomia impossível entre as disciplinas da Arquitectura e do Urbanismo. O segundo, no território da discussão das escalas de projecto numa cidade real em que "grandes projectos" não significa o mesmo que noutras cidades, noutras Europas. [Pedro Brandão].

David Chipperfield formou-se na Architectural Association e trabalhou com Richard Rogers e Foster Associates. É membro fundador e director da 9H Gallery e administrador da Architecture Foundation. Foi professor visitante de arquitectura em Harvard University e tutor de design no Royal College of Art em Londres e é correntemente examinador externo na Polytechnic of Central London e professor visitante na University of Naples. O trabalho da empresa tem sido largamente

12 de Abril

Projectos recentes

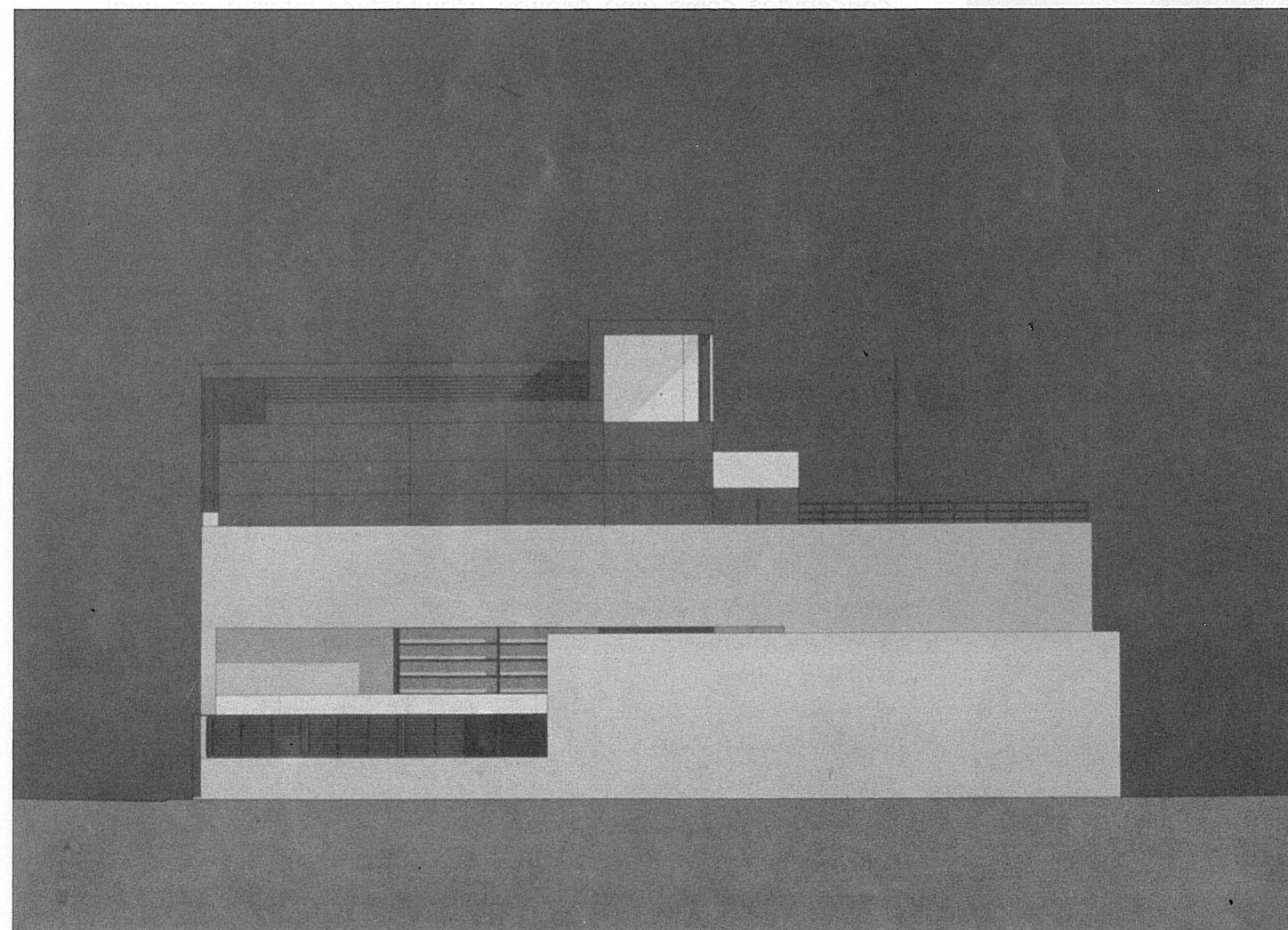
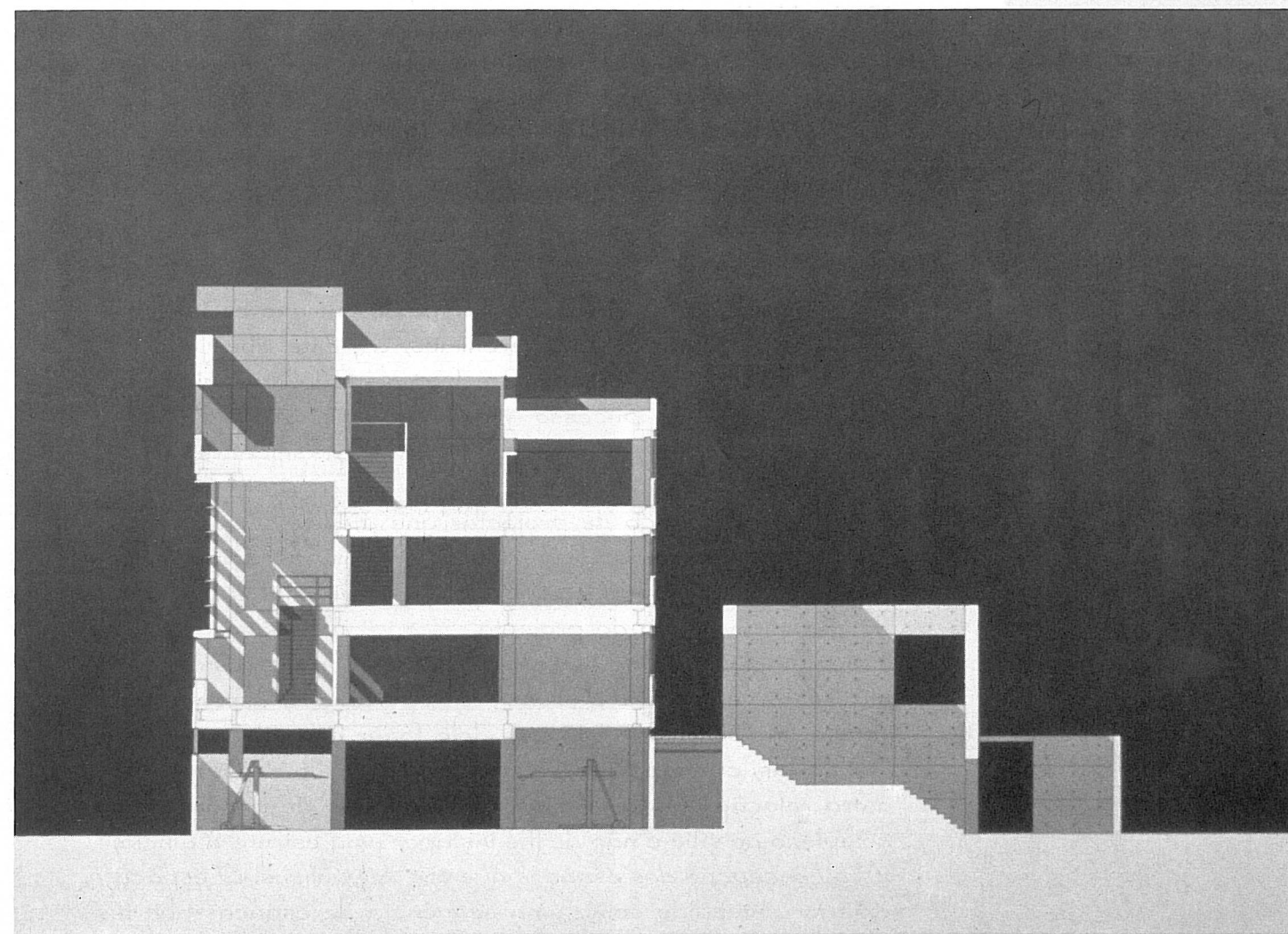
David Chipperfield

David Chipperfield Architects é uma jovem empresa de arquitectura fundada em 1984 por David Chipperfield, com trabalhos no Reino Unido e no estrangeiro. Os seus projectos correntes incluem o National Rowing Museum em Henley-on-Thames, o desenvolvimento de um novo escritório na cidade, um bloco de estúdios em Kings Cross, estúdios para o Northern Ballet em Halifax e uma igreja em Chelsea. O trabalho inclui desde o desenho mobiliário até ao planeamento urbano. Recentemente, a empresa esteve envolvida em estudos de planeamento e projectos de desenho urbano em Londres, trabalhando em associação com Skidmore, Owings e Merrill, Stanley Tigerman e Frank O. Gehry, em Canary Wharf (WFS e WFA) e nos desenvolvimentos de Kings Cross e Paternoster Square. Durante o ano passado, o London Docklands Development Corporation encarregou David Chipperfield Architects de planeamento urbano em vários locais de construção na ilha de Dogs.

Em 1987, David Chipperfield Architects abriu um escritório em Tóquio. O trabalho a desempenhar inclui lojas para o desenhador de moda Issey Miyake, uma discoteca e outros interiores e uma proposta de um hotel de 32 quartos e health club em Yokohama. A empresa trabalhou também com Arata Isozaki no desenho do interior de um hotel em Nova Jorque e, no ano passado, concluiu um museu privado. Em Tóquio está agora em construção um novo edifício de espectáculos e restaurante. Um terceiro edifício, um escritório em Okayama, começou em Março a sua construção.

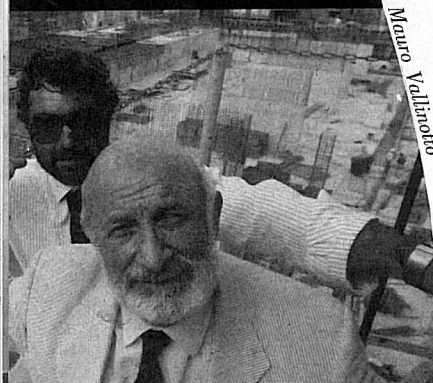
publicado em Inglaterra, França, Japão e Estados Unidos. Uma grande exposição do seu trabalho, organizada em Nápoles em Dezembro de 1990, viajará para Barcelona, Berlim, Porto e Antuérpia. Será publicada uma monografia do trabalho em Junho de 1991.

Membros da empresa: David Chipperfield, Renato Benedetti, Jan Cohan, Jamie Fobert, Spencer Fung, Christopher Gaylord, Naoko Kawamura, Haruo Morishima, Rik Nijs, Gregory Phillips, Jonathan Sergison, Ma Prem Varta.



Manuel Sande e Castro Salgado, licenciado em Arquitectura pela ESBAL em 1969, discípulo e colaborador do Prof. Frederico George. Arquitecto e urbanista.

Vittorio Gregotti (Novara, 1927), trabalhou de 1953 a 1968 em colaboração com Lodovico Meneghetti e Giotto Stoppino. Em 1974 fundou, com Pierluigi Nicolini e Bruno Viganó, a firma Gregotti Associati, de que continua a fazer parte, com Augusto Cagnardi e Pierluigi Cerri. Professor ordinário de



Manoel Vallinoto

composição arquitectónica no Instituto Universitário di Architettura de Venezia, ensinou na Facoltà di Architettura de Milão e Palermo, foi visiting professor da Universidade de Tóquio, Buenos Aires, São Paulo e Harvard. Participou em numerosas exposições internacionais, e foi responsável pela secção de introdução da XIII Triennale (Milão 1964), em que recebeu o grande prémio internacional. Entre 1974 e 1976 foi director do sector Artes Visuais e Arquitectura da Bienal de Venezia.

19 de Abril

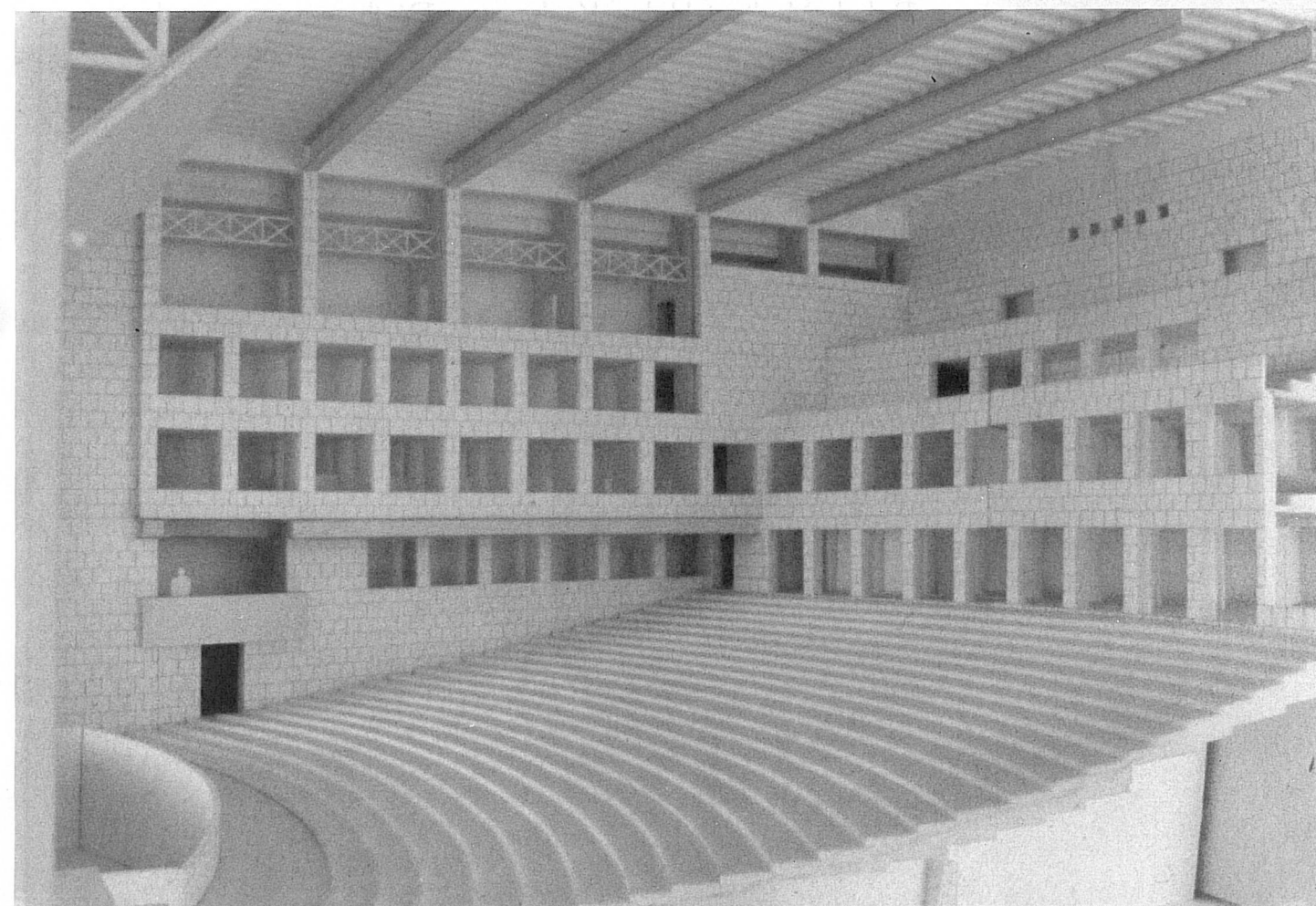
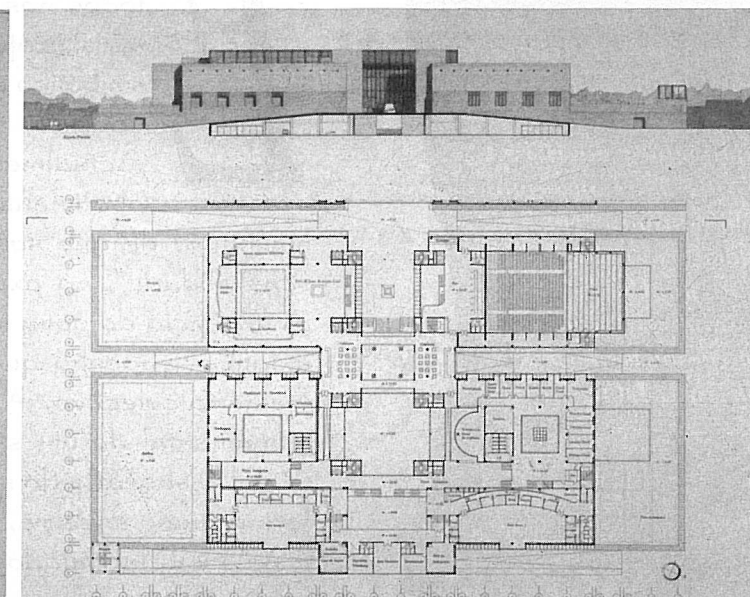
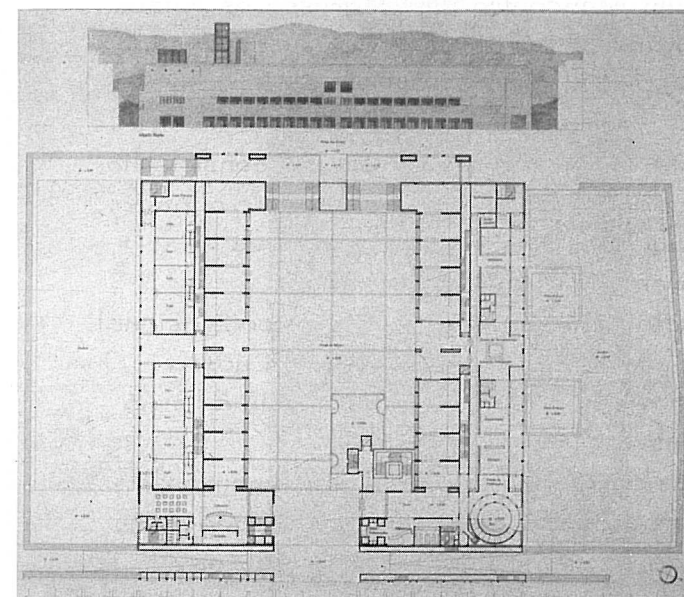
Centro Cultural de Belém

Manuel Salgado

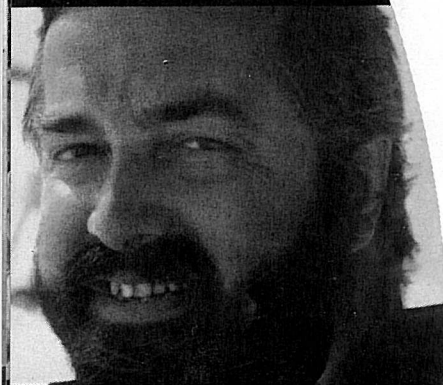
Vittorio Gregotti

As relações com o contexto em que se insere o Centro – os Jerónimos, a frente ribeirinha e o tecido minucioso e fragmentado do Bairro do Bom Sucesso –, as questões organizativas inerentes a um programa diversificado, complexo e indefinido, e um projecto e um método de projectar que atendessem à capacidade disponível no curto espaço de tempo fixado para edificar o complexo, eis os principais problemas do desenvolvimento do projecto.

Conceptualmente, merecem destaque três questões: 1) a modelação e desenho do solo. Não se tratou de assentar os volumes sobre o terreno, mas dele fazer emergir as massas edificadas, criando um novo solo sobreelevado e, assim, uma outra relação com a envolvente. Tratou-se de ancorar o complexo ao sítio e não de lhe justapor uma estrutura alheia; 2) a concepção dos espaços abertos ou públicos. O espaço exterior entendido como uma sequência de espaços abertos concebidos como uma grande arquitectura interna, na qual são estrategicamente definidas as relações entre as partes; 3) a participação directa da própria morfologia dos volumes edificadas – os módulos – na definição da estrutura dos espaços abertos: o eixo central e as ruas transversais. Destes princípios conceptuais resultou: uma grande massa edificada que emerge e se agarra ao chão, numa plataforma sobreelevada com terraços ajardinados, dos quais se disfruta a vista sobre os Jerónimos e o rio; uma transição de escala entre os Jerónimos e o Bairro do Bom Sucesso; uma sequência de espaços abertos ao ar livre, que atravessam todo o complexo pelo seu interior, ligando a Praça do Império à Avenida da Torre de Belém. Este percurso, de grande transparência, contrapõe-se à opacidade da envolvente exterior e dará acesso a todas as áreas públicas do Centro; uma série de “ruelas” que cruzam o percurso interior, definindo os diferentes módulos em que o complexo se organiza; uma organização do complexo por “fatias” correspondentes aos módulos: 1) salas de reuniões e de trabalho, 2) Centro de Espectáculos, 3) Centro de Exposições, 4) hotel, 5) equipamento complementar de apoio. Os diferentes módulos podem ser ligados ou desligados em diferentes pisos.



Arsénio Raposo Cordeiro (1940), concluiu o Curso de Arquitectura da ESBAL em 1967. Realizou, entre 1961 e 1970, diversos trabalhos em colaboração com os arquitectos Frederico George, Maurício de Vasconcellos e Conceição Silva. Trabalhou no Serviço de Infra-estruturas da Força Aérea (1961-65) e no Gabinete de Planeamento e Arquitectura da ICESA (1968-71). Constituiu atelier próprio em regime exclusivo a partir de 1971, passando à forma de sociedade Raposo & Cordeiro, Lda., em 1985.



Primeiro Prémio nos Concursos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (1980), do Edifício-Sede da Caixa Geral de Depósitos (1985) e do novo edifício do Instituto Nacional de Estatística (1988). Menção Honrosa no Concurso do Centro Cultural de Belém (1988) e 2.º Prémio da segunda fase do Concurso do Edifício da Sede do Banco de Portugal (1989).

19 de Abril

Torre do Tombo

Arsénio Cordeiro

Estamos numa época de viragem. Depois das grandes experiências modernistas, procuramos todos nós um reencontro, um regresso às raízes mais profundas, a redescoberta de um conteúdo simbólico ancestral que se não inventa a partir do nada.

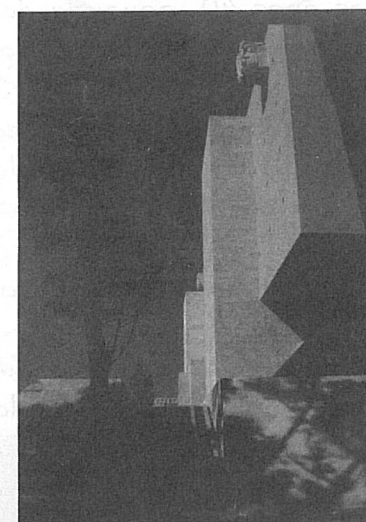
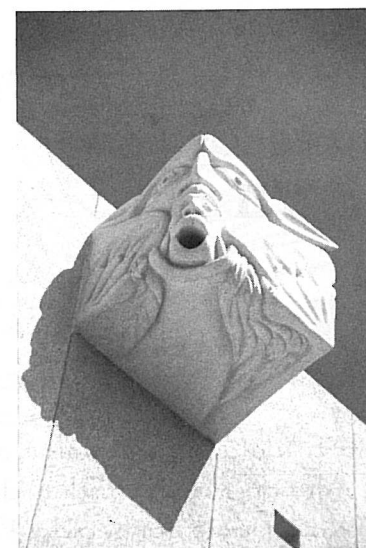
Actualmente, a verdadeira revolução consiste no abatimento da barreira entre o passado e o futuro, um futuro de que somos "os primitivos de uma nova sensibilidade", na expressão feliz de Jencks.

A urgência da nova instalação do Arquivo Histórico Nacional exigiu o empenho que merece a sobrevivência da nossa memória colectiva. A nova Torre do Tombo assumiu a forma monumental de um símbolo.

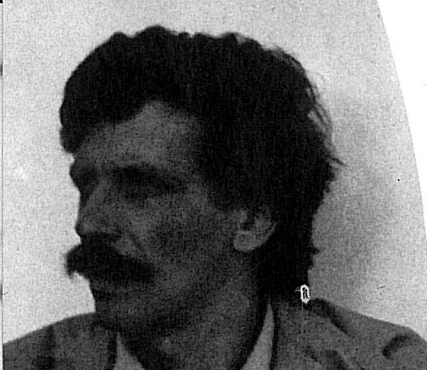
O valor sagrado do seu conteúdo reencontra na simetria da forma que o encerra, organizada sobre dois eixos ortogonais, e no ritmo modelado da sua estrutura fundamental, os princípios constantes das grandes realizações monumentais da humanidade: os ziggurats, as pirâmides, a Torre de Babel, Medinet Habu, Keshava, o Párthenon, as catedrais medievais, o Palácio Diocleciano, Brasília, Shandigarh são a repetição sistemática de acontecimentos onde o homem se procura reencontrar, organizando o espaço em consonância com o seu ritmo e composição estrutural mais íntimos.

Em aparente contradição com um mundo superficial, desordenado e profano, a Torre do Tombo assume claramente o seu carácter sagrado. Será o templo e o laboratório onde, através dos novos horizontes abertos pela informática, será possível o reencontro dum povo com a sua memória escrita.

A nova Torre do Tombo poderá acordar a nossa memória colectiva e, quem sabe, tornar possível o renascimento de um Portugal subitamente reanimado com a seiva forte das suas raízes mais profundas.



José Miguel Nunes da Fonseca (Lourengo Marques, 1947), licenciou-se em Arquitectura na ESBAL (1973). Iniciou a actividade na GEFEL (1969-74), onde trabalha com o arq. Eduardo Medeiros. Participou nos Programas SAAL e Cooperativas de Habitação (1975-77). Assessor da Câmara Municipal de Lisboa (1975-76). Fundou o seu próprio atelier onde desenvolve exclusivamente a actividade em regime liberal, desde 1977 (planeamento, arquitectura, decoração). Participa



desde essa altura na maioria dos trabalhos o arq.º J. P. Martins Barata. Delegado à Fundação do Concelho Ibero-Americano das Associações Nacionais de Arquitectos (Madrid). Delegado da SPUA aos congressos do México e do Cairo. Membro do Conselho de Delegados da AAP.

Membros da equipa: Eduardo Goulart de Medeiros, José Miguel Fonseca, José Pedro Martins Barata

19 de Abril

Centro de Congressos, Parque Eduardo VII

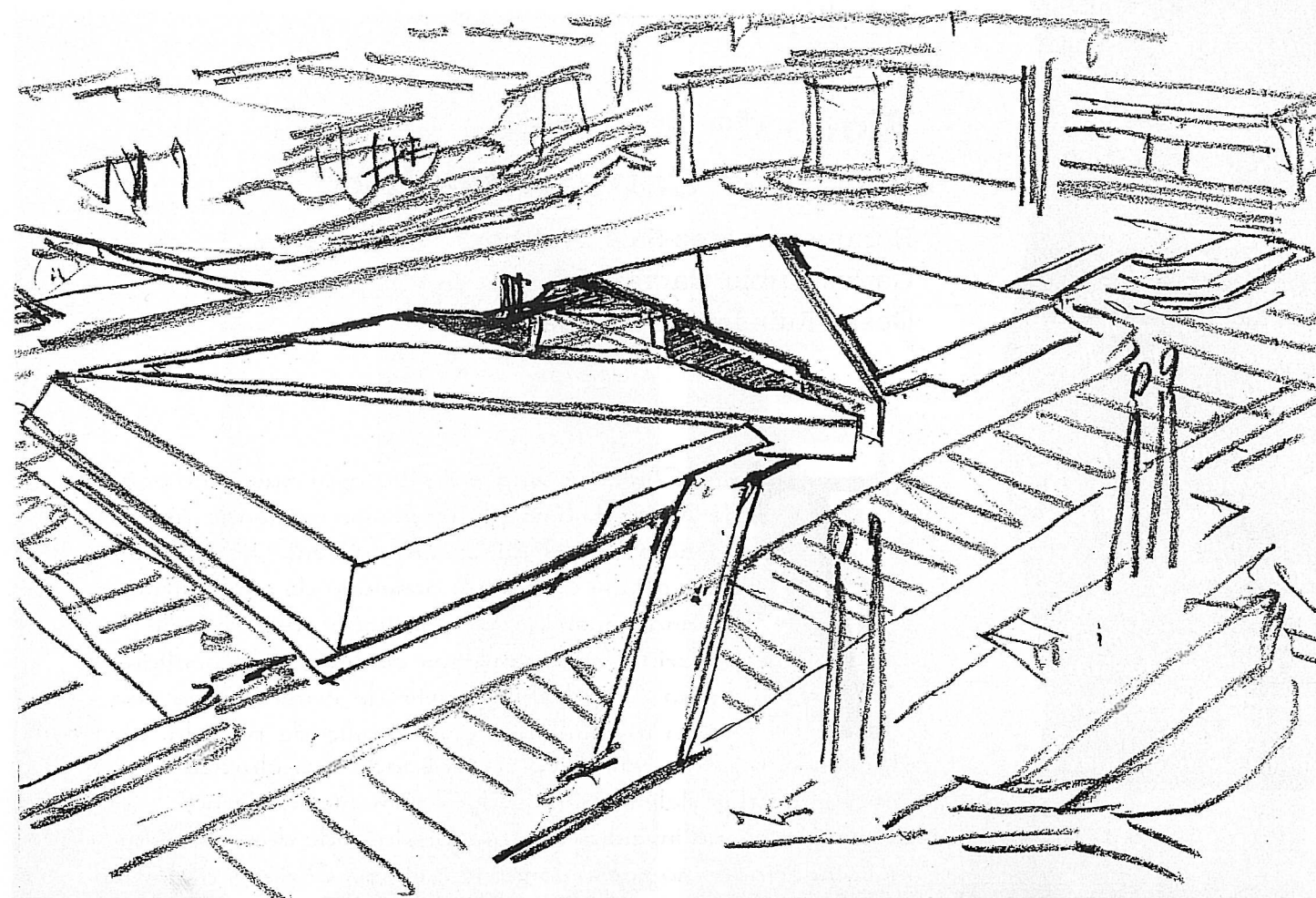
José Miguel Fonseca

Vem de há muito a ideia de um palácio de congressos no Alto do Parque Eduardo VII, e a sua materialização mais conhecida é a de Keil do Amaral, nos anos 40, aquando da abertura das grandes faixas centrais que cortam aquele espaço.

Não é, portanto, uma ideia de localização que tenha sido proposta pela equipa que elaborou o presente projecto — nova é, isso sim, a ideia de o articular com essa esplêndida sala vegetal que é a Estufa Fria, e procurar que o edifício não constitua uma barreira intransponível para o peão.

O programa proposto aos projectistas é, porventura, demasiado extenso e ambicioso; mas não competindo a estes questioná-lo, antes procurar diminuir o impacto visual e ambiental do vulto do edifício, procuraram mesmo que o Centro de Congressos fosse o motor de uma revisão e remodelação do próprio parque. O Centro de Congressos é não só um pólo de animação por si mesmo e pela associação com os outros equipamentos do conjunto do Alto do Parque, mas deverá polarizar um espaço que é demasiadamente grande para jardim e demasiadamente pequeno para parque urbano.

Em si mesmo, o projecto busca responder a exigências técnicas e tecnológicas de extrema exigência, mas sem perda de uma atitude de decoro, serenidade e ausência de qualquer intenção declamatória ou gratuitamente espectacular.



Enrique Alvarez-Sala Walther (Madrid, 1952), licenciado em Arquitectura pela Escuela de Madrid, (1977). Arquitecto director da Oficina Comarcal de Rehabilitación en la Comunidad de Madrid (1983). Professor de construção na Escuela de Madrid (1987).

Carlos Rubio Carvajal (Barcelona, 1950), licenciado pela Escuela de Arquitectura de Madrid (1977). Professor de Projectos na Escuela de Madrid (1978). Presidente da Comissão de Cultura do Colegio de Arquitectos de Madrid



(1985). Membro da Comissão Permanente da Escuela de Madrid (1989).

César Ruíz-Larrea Cangas (Madrid, 1950), licenciado em Arquitectura pela Escuela de Madrid (1976). Trabalhou em Barcelona com o arq.º J. José Albors (1978). Director de Projectos Integrados, na Área Metropolitana de Madrid (1980). Professor de Projectos na Escuela de Madrid (1981).

3 de Maio

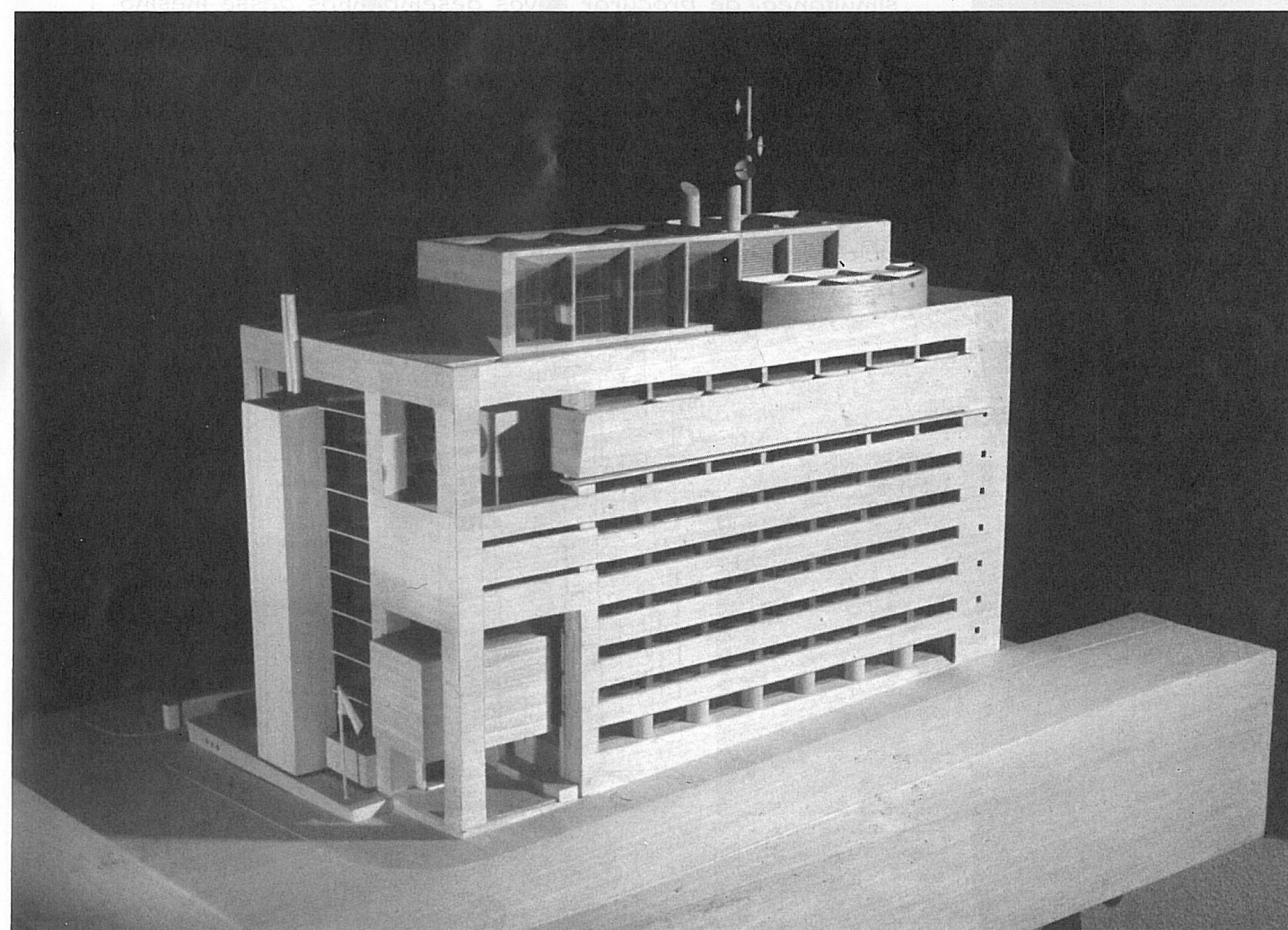
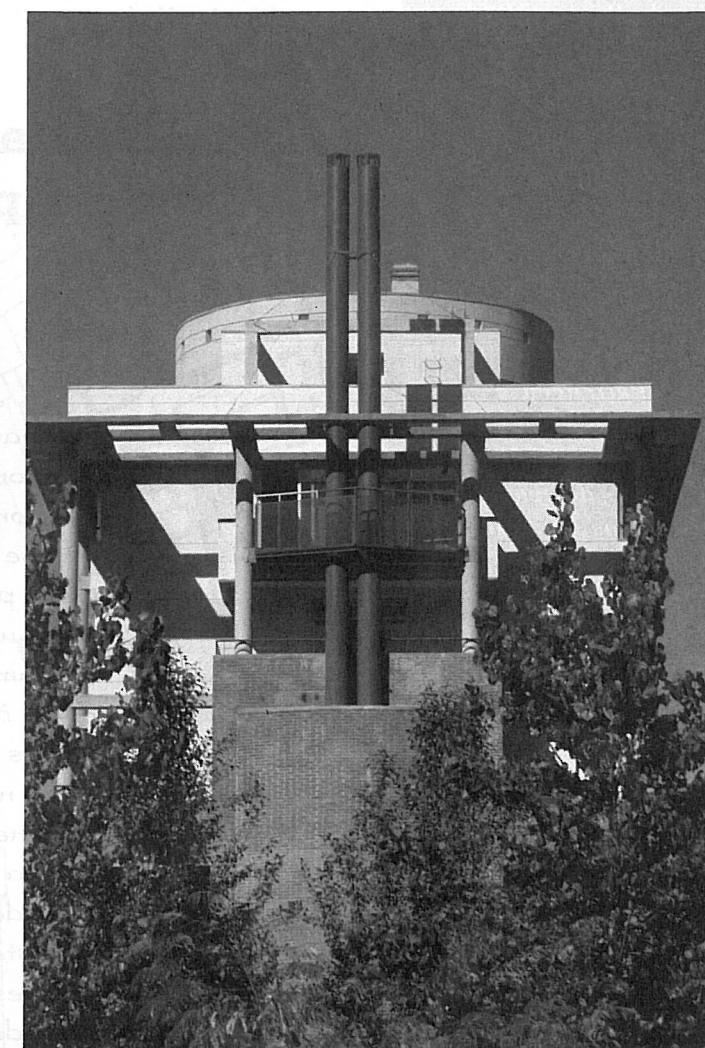
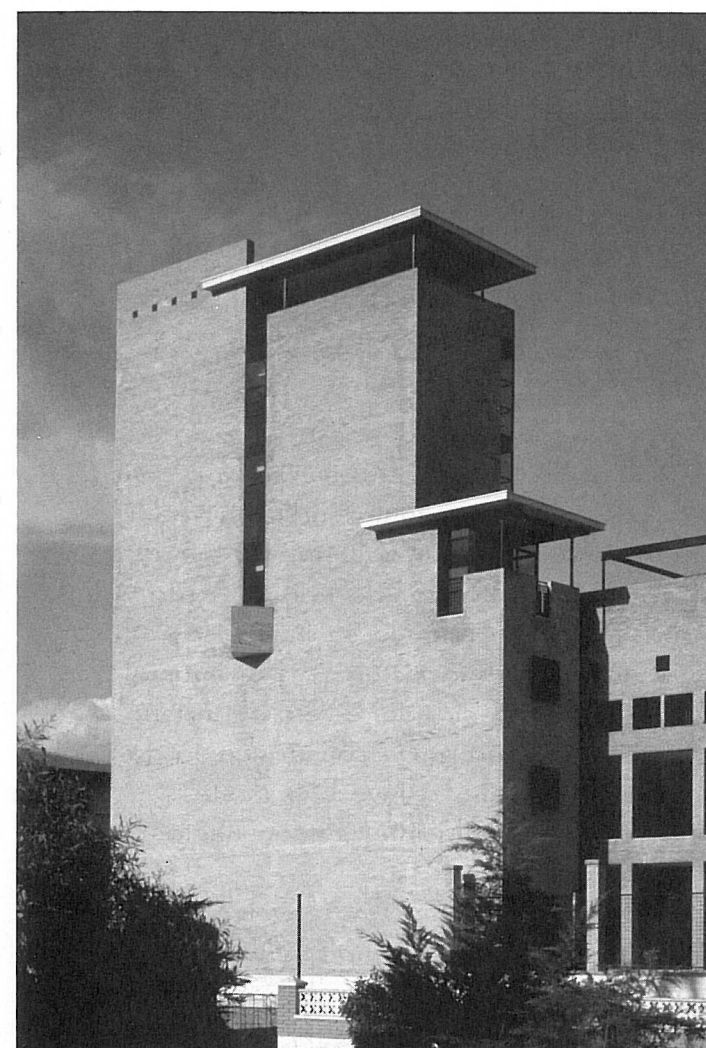
Bloco de 36 fogos em Tres Cantos, Madrid

Enrique Alvarez-Sala Walther
Carlos Rubio Carvajal
Cesar Ruiz-Larrea Cangas

Tres Cantos é uma cidade nova, nas imediações de Madrid, cujo planeamento responde às características do desenvolvimento típico dos anos 60 em Espanha: ausência de uma estrutura urbana consolidada, repetição obsessiva de materiais e mecanismos compositivos, configuração de cidade a partir de critérios que não têm a arquitectura como ponto de partida, etc.

A nossa proposta reivindica a qualidade e a clareza conceptual dos delineamentos do movimento moderno, continuando uma investigação que ainda pode dar respostas muito acertadas no nosso contexto cultural. O rigor, a clareza da planta, a composição ordenada mediante a simetria não espectacular, a valorização da orientação, a economia da estrutura e o conceito de peça são, entre outros, os pontos de contacto com o aspecto mais racional do delineamento moderno. A eles se sobrepõe a nossa visão mais eclética da realidade.

Utilizamos os cortes para superar a simples sobreposição de plantas homogêneas, devolvendo-lhe a sua capacidade espacial para globalizar a unidade de um programa diverso e complexo. Assim as plantas procuram mais a prateleira de objectos do que a pilha de pratos. Um jogo de materiais e planos diferenciam as várias unidades conceptuais em que se fundamenta o edifício. Os planos escamam-se, sobrepondo as diferentes densidades e texturas das paredes, afastando-se da obsessiva utilização do ladrilho em Tres Cantos. Os materiais e as técnicas escolhidos foram os mais tradicionais, correspondendo à realidade do processo construtivo adoptado.



Em cima, à esquerda: Conservatório de Música em Almería (Prémio Arco 1987); à direita: edifício de escritórios, em Madrid (1990). Em baixo: edifício de escritórios, em Madrid (1990).

Gonçalo Byrne (1941), diplomado em Arquitectura pela ESBAL (1968). Após estágio com Chorão Ramalho, trabalhou com Teotónio Pereira e Nuno Portas. Constituiu gabinete próprio em regime exclusivo, a partir de 1975. Pertenceu à direcção da Secção Portuguesa da UIA, tendo sido delegado a assembleias mundiais e congressos desta organização. De 1986 a 1988, foi regente de Arquitectura II no Curso de Arquitectura da Cooperativa Árvore (Porto). Primeiro prémio nos concursos da Zona Central de



Faro e da Grande Nave do PMEB em Braga, e 2.º Prémio no concurso do Centro Cultural de Belém. Prémio Nacional de Arquitectura 88 AAP-SEC (Intervenção em zonas históricas) e menção honrosa AAP-INH (Habitação). Escolhido pelo Kajima Institute, de Tóquio, entre os 100 arquitectos mais representativos da segunda metade deste século. Foi director do «Jornal Arquitectos» e tem obras e trabalhos teóricos editados em publicações do país e estrangeiro. Prémio AICA-SEC (1988).

10 de Maio

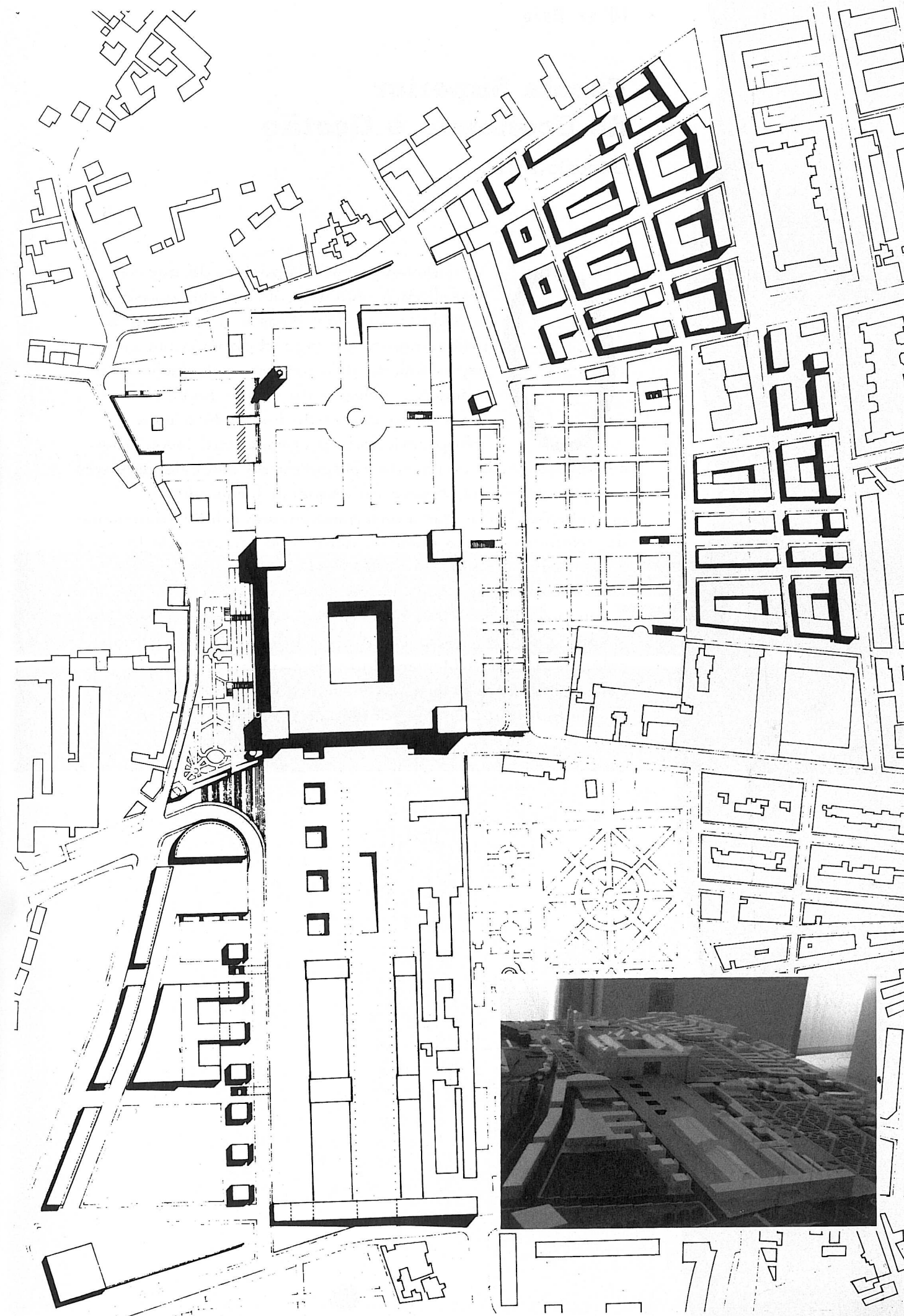
Palácio da Ajuda, plano de pormenor da envolvente

Gonçalo Byrne

Englobar na operação não apenas o Palácio Nacional, mas toda a área envolvente que com ele constitui um todo patrimonial indissociável, que se tem vindo a degradar ao longo do tempo. Esta perspectiva simultânea, do edifício e da área urbana em que o edifício se insere, é fundamental não só à sua natureza patrimonial como à própria vida da cidade; e se o abandono e degradação dos edifícios é em boa parte consequência do mesmo processo na área envolvente, a inversão deste processo passa necessariamente pela intervenção nestas duas vertentes da mesma realidade.

A consolidação do património existente, que envolve processos de restauro, remodelação e completamento duma obra inacabada, está pensada no sentido de reter e valorizar as memórias herdadas do passado, mas ainda, e em simultâneo, de procurar novos desempenhos desse mesmo património na actualidade.

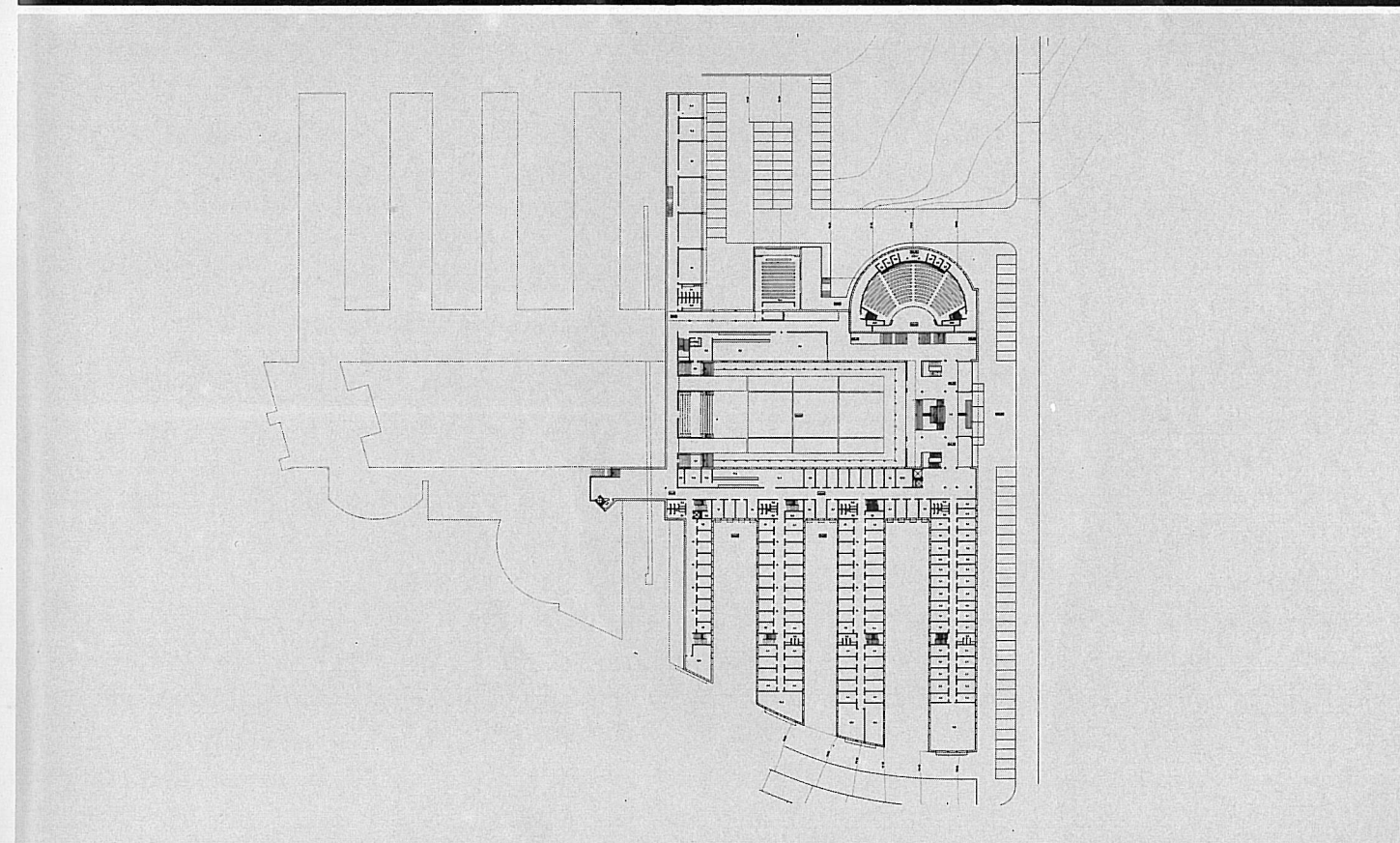
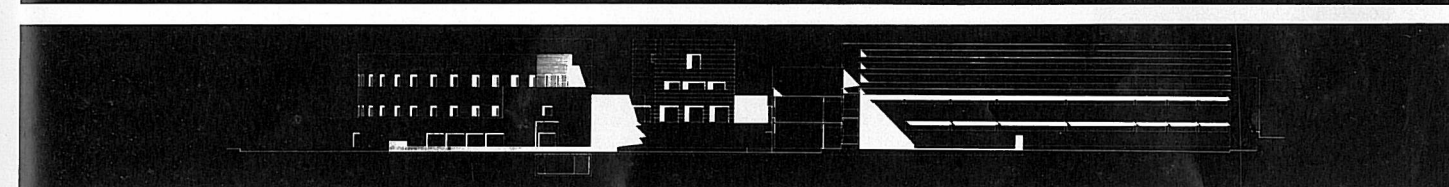
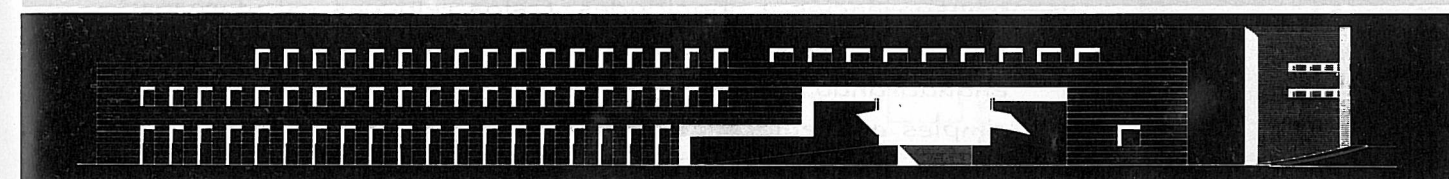
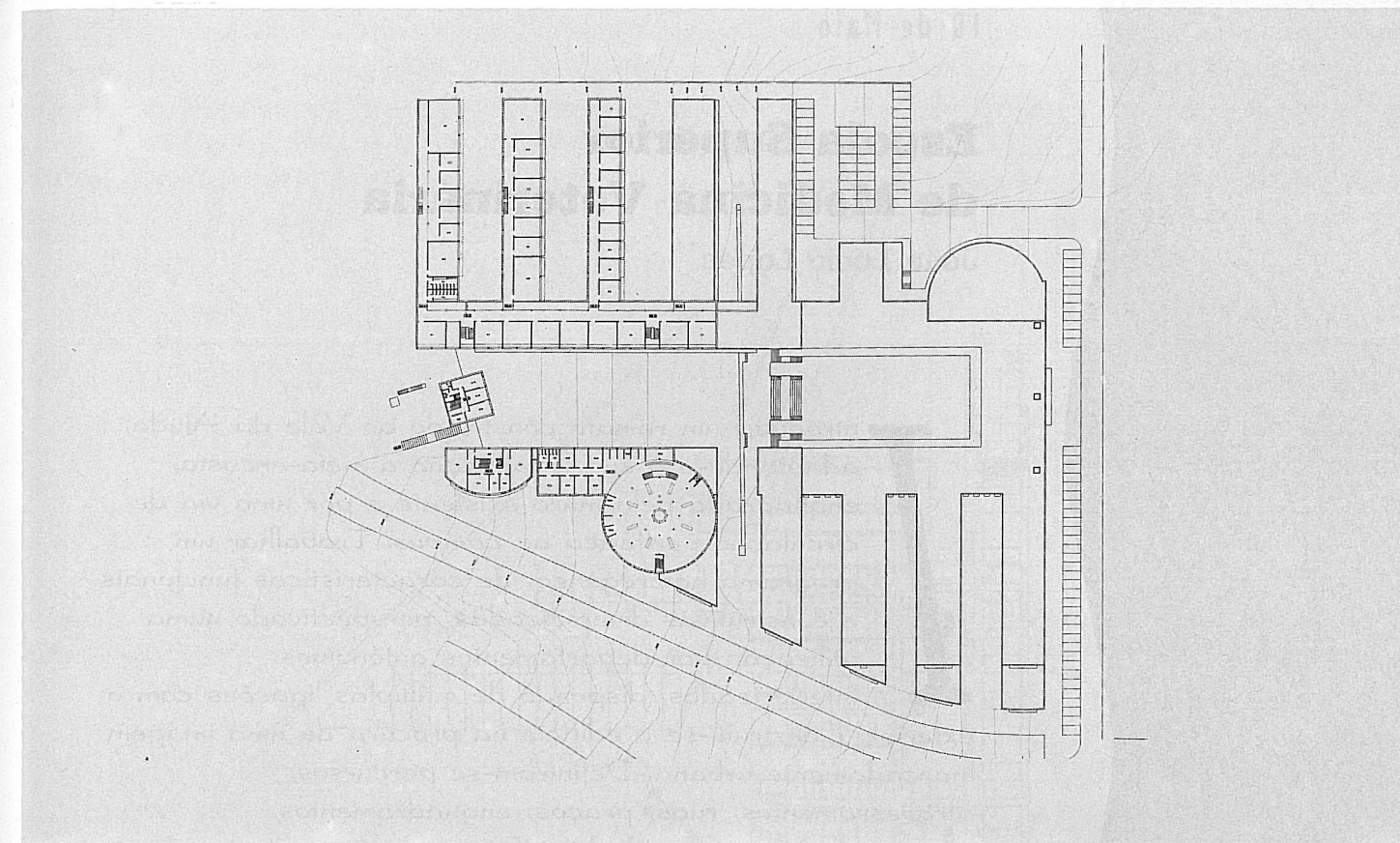
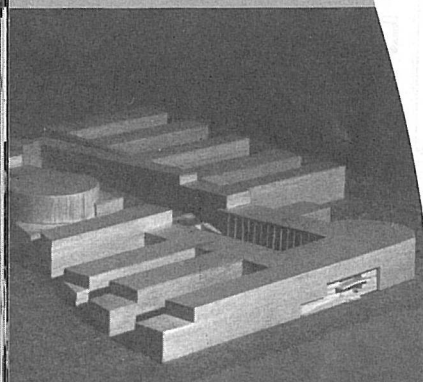
Este objectivo procura incidir nomeadamente no reforço da componente patrimonial e cultural (reestruturação e reforço das actividades museológicas e doutras actividades culturais complementares); na melhoria das funções representativas que já desempenha; e no novo protagonismo urbano enquanto pólo e equipamento fundamental duma zona da cidade de Lisboa em franca transformação.



Escola Superior de Economia e Gestão

Gonçalo Byrne

Os condicionamentos impostos, de que se ressaltam a implantação, na sua quase totalidade, em dois pisos e a extensão do programa, desde logo obrigam a um certo espraçamento pelo terreno, cuja inclinação dificulta a solução de circulações. Uma certa dispersão imanente a esta "obrigatoriedade programática" levou a um certo esforço de convicção no sentido de estabelecer nexos e significados que, dentro do esquema fornecido de articulação do campus, conseguissem uma relativa autonomia de artefacto urbano numa relação algo fechada de forma e fundamento, à falta de outras continuidades contextuais. Em certo sentido o edifício procura "estabelecer-se" criando o seu próprio contexto, simultaneamente edifício e "fábrica urbana", em referência isolada à tradição tipológica dos colégios da velha Universidade de Coimbra ou da Universidade de Évora, ou mesmo do Colégio dos Nobres (Faculdade de Ciências) do século XVIII.



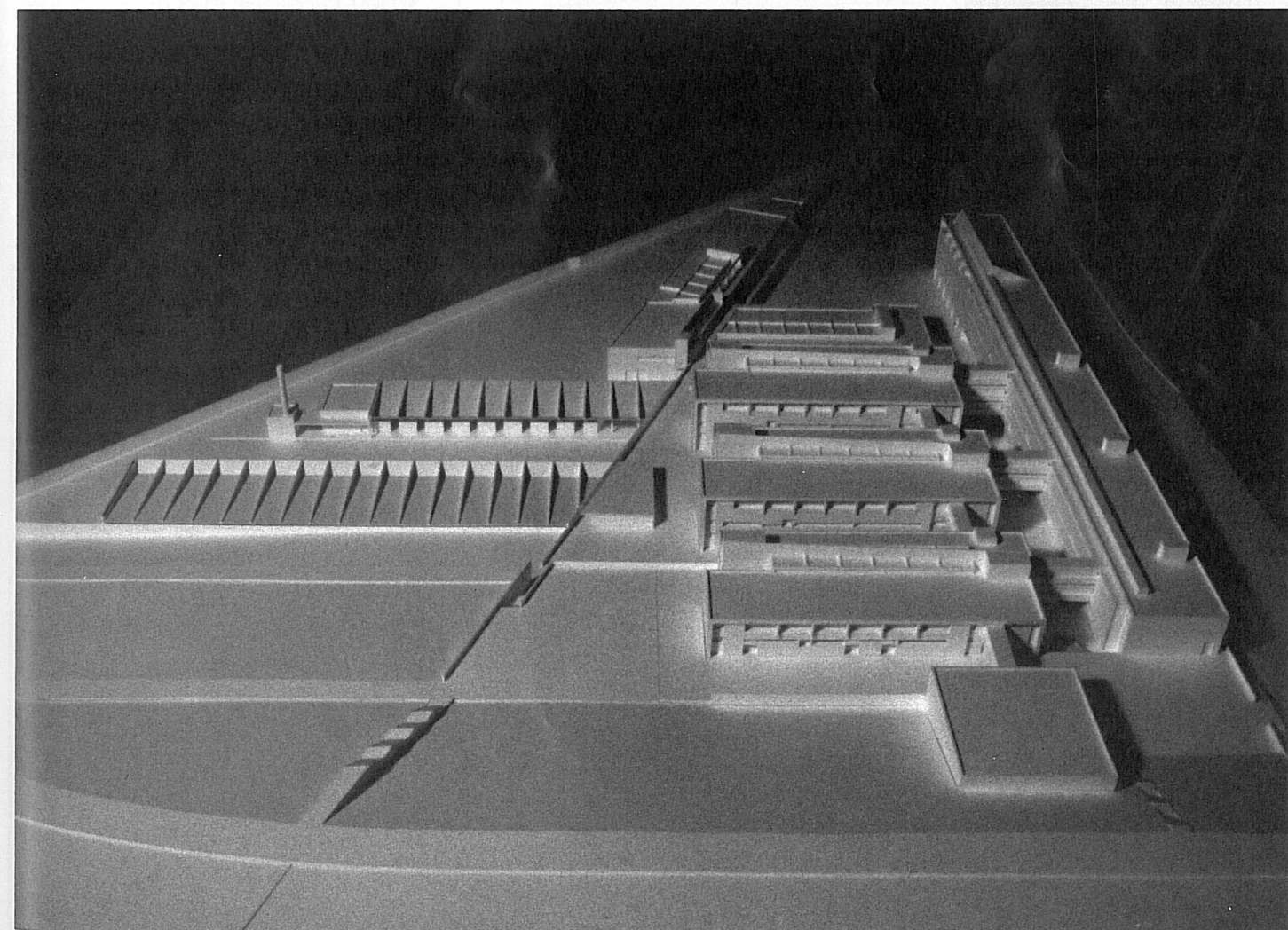
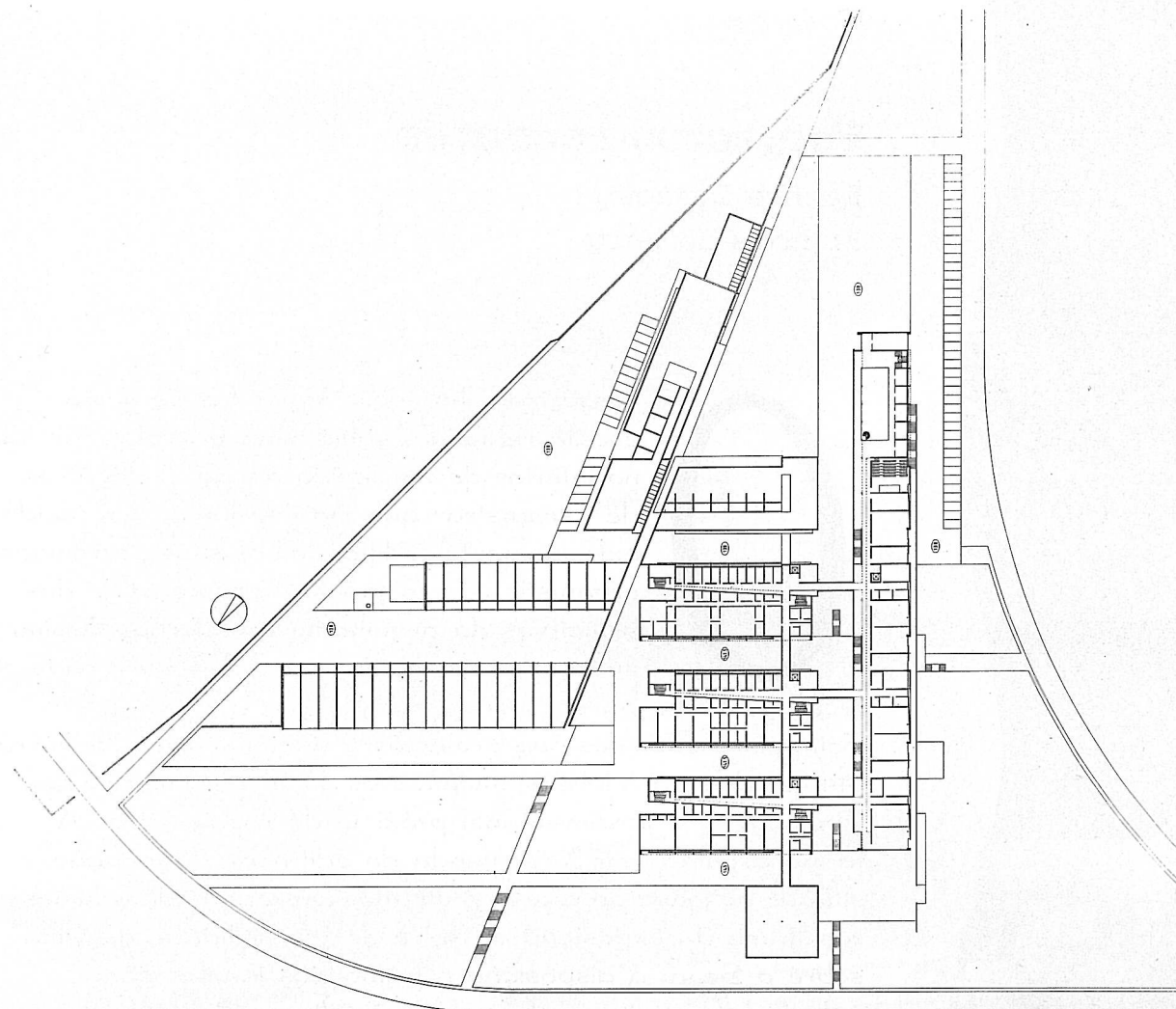
Escola Superior de Medicina Veterinária

João Lúcio Lopes

Introduzir um remate construído ao Vale da Ajuda, adaptando-o à sua localização a meia-encosta, enquadrada pelo muro existente e por uma via de circulação periférica ao campus. Trabalhar um programa heterogéneo, de características funcionais e construtivas diversificadas, perspectivado numa utilização por departamentos autónomos interiorizados, dispendo de múltiplas ligações com o exterior. Construiu-se o edifício na procura de uma imagem marcadamente urbana. Definiram-se percursos, atravessamentos, ruas, praças, enquadramentos, transparências e opacidades. Estas relações estruturaram tipologias diversas, para vários programas de ocupação, enquadrando volumetrias estabilizadas no seu relacionamento simples e directo.



João Lúcio Nunes Lopes (Lisboa, 1954), licenciado em Arquitectura pela ESBAL (1980). Pós-graduação em Recuperação de Edifícios e Monumentos (ESBAL, 1986). Desde 1980, profissional liberal e colaborador de diversos gabinetes de projecto. Principais obras construídas no sector de Edifícios e Equipamentos Públicos. Primeiro lugar no concurso público para as novas instalações da Faculdade de Medicina Veterinária no Alto da Ajuda, Lisboa (1990).



Projectos recentes

Fabrice Dusapin

François Leclercq

O nosso trabalho sobre Paris faz-se numa escala reduzida, sobre uma parcela clássica no interior de um tecido antigo. Tratava-se de demonstrar que, no interior de um tecido extremamente codificado nas suas coerências urbanísticas, era possível tirar partido dos princípios da arquitectura moderna. Assim, pode falar-se de "espaço-sol-verde", onde o tecido histórico parece muito fechado.

Foi, pois, o caso dos dois projectos: o edifício na rue Bellière (44 estúdios para jovens funcionários do novo Ministério das Finanças) e o jardim-infantil próximo de Montmartre. A forma esguia e pouco profunda do edifício de habitação, situado ao longo da rua, permitiu-nos um recorte de volumes resultante da exposição do sol e da possibilidade da vista sobre o Sena: a disposição e forma das janelas são calculadas precisamente em função disso. Os nossos trabalhos actuais – edifício para jovens funcionários dos Correios no 16.º bairro e edifício situado num parque à beira do Sena, nos novos bairros do Leste parisiense – retomam estes princípios.

Paralelamente, estudámos, na reconstrução de um hospital para idosos (Hôpital Corentin Celton), o problema da inserção, também em tecido antigo, de uma grande construção a priori muito condensada. O nosso objectivo é considerar que uma cidade e um hospital se podem completar em situações urbanas diferentes. O hospital existente estende-se sobre vários hectares, dispondo de belos jardins cercados pelos seus edifícios e isolados do resto do bairro. Nós pretendemos virar o hospital sobre a cidade, graças a uma estrutura precisa, de modo a que a cidade ofereça a sua animação quotidiana ao universo um pouco fechado do hospital.

Actualmente projectamos um edifício de escritórios (15 000 m²) para uma companhia de seguros, inserido num parque (premiado num concurso em 1990) próximo de Angers. O nosso objectivo neste projecto é encontrar a relação justa entre o espaço cénico e o espaço arquitectural de uma vida colectiva para quinhentas pessoas.



Fabrice Dusapin (Nancy, 1954) e François Leclercq (Paris, 1953), são arquitectos DPLG formados pela École Supérieure des Beaux-Arts de Paris. Trabalharam no atelier Dengler e com os arquitectos Rolland Castro e Fernando Montes. Em 1987, receberam o Prémio de Primeira Obra da Moniteur. Realizaram diversos projectos em Paris e publicaram os seus trabalhos em várias revistas.



Quarenta e quatro estúdios para o Ministério das Finanças, rue Bellière, Paris, (1985-87). Foto Stéphane Couturier.

Luís Gravata Filipe (1943), curso de Arquitectura na ESBAL (1969). Tem exercido a profissão em Lisboa, em regime liberal, na área de planeamento e da arquitectura. Prémio Município de Lisboa (ex-aequo) (1988) para Estudo da Frente Marginal Santos - Santa Apolónia e 3.º Prémio (1989) para Programa Habitacional para o Concelho de Oeiras.

David Colley (1943), curso de Arquitectura na Birmingham School of Architecture (1968), pós-formatura no London Borough of Lambeth. Tem exercido



a profissão em Londres, realizando vários projectos de planeamento e arquitectura. Trabalhos premiados: Portobello Bays (Londres), com o Edwin Hill Memorial Award (1982), Civic Trust Design Award (1982), BBC Building for Today Award (1989); Albert Dock (Liverpool), com a European Gold Medal (1988), Civic Trust D.A. (1988), British Tourist Board Award (1989); estudo da Frente Marginal Santos - Santa Apolónia, com o Prémio Município de Lisboa (ex-aequo) (1988).

24 de Maio

Zona Ribeirinha de Lisboa

Gravata Filipe

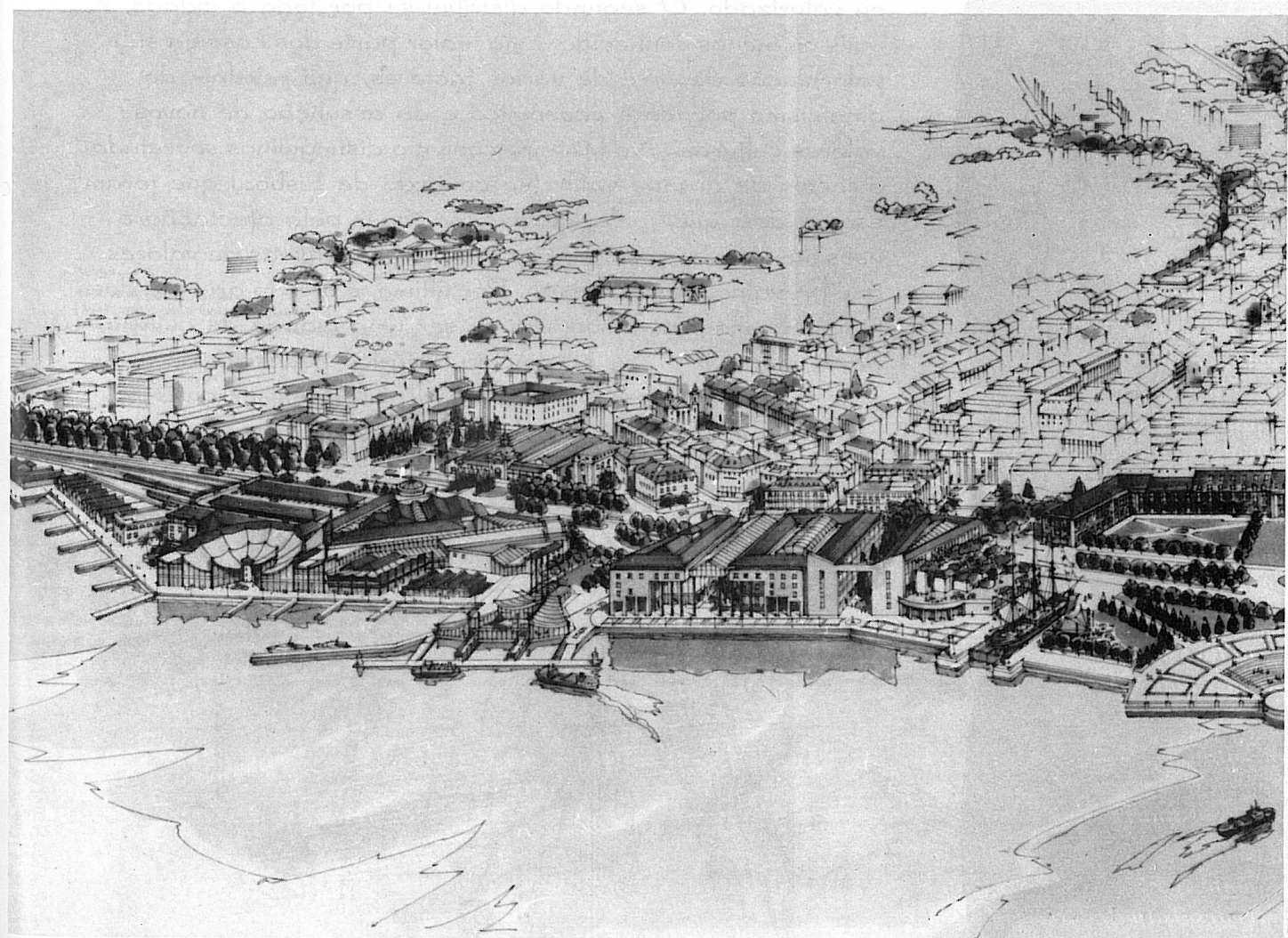
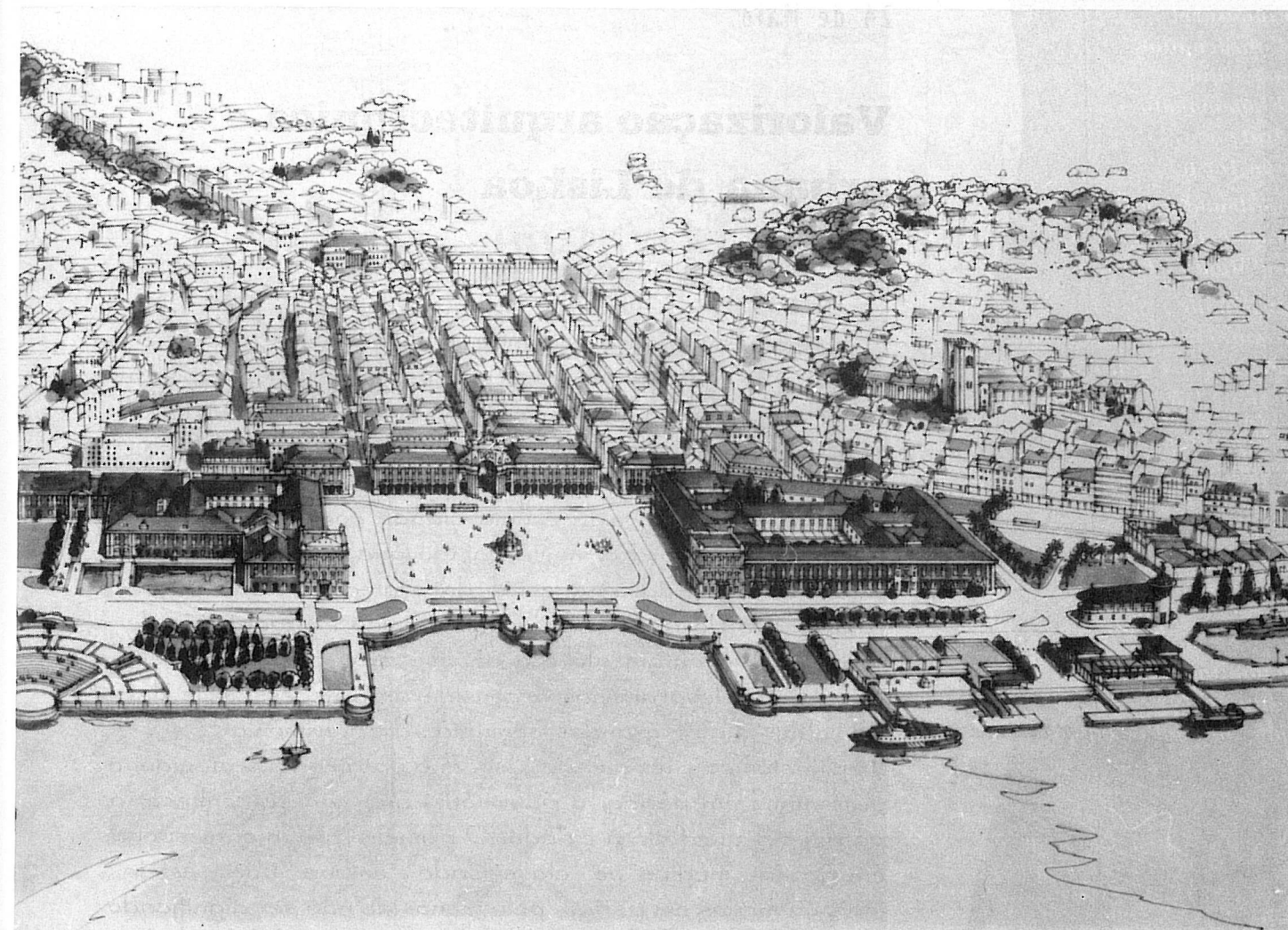
David Colley

Embora já tenham sido realizados estudos de índole semelhante para esta área, este é o primeiro trabalho de carácter multidisciplinar em que tudo o que se propõe construir assenta em análises de viabilidade técnica, económica e financeira.

Os impactos previsíveis sobre o funcionamento do sistema urbano em que se insere a intervenção, nomeadamente quanto aos problemas de tráfego, transportes e estacionamento, foram igualmente considerados. Tratando-se de uma zona que é cenário e suporte de importantes fluxos de tráfegos e transportes urbanos e suburbanos, constituiu preocupação dominante a sua integração na malha urbana a reestruturar. Foram considerados no estudo os principais melhoramentos previstos a nível de transportes: prolongamento da rede do Metropolitano até ao Cais do Sodré, ampliação do terminal fluvial, ampliação do terminal ferroviário, construção da linha de eléctricos rápidos.

Deu-se especial relevo à organização de espaços verdes lúdicos e culturais, oportunidade de construção de grandes equipamentos relacionados com o novo papel que Lisboa virá a desempenhar como capital europeia, criação de novos alojamentos (principalmente hoteleiros) e equipamentos terciários, que constituem a principal vocação desta zona de intensa actividade económica e administrativa.

São conservados e valorizados todos os edifícios existentes com interesse histórico-arquitectónico – Mercado 24 de Julho, Estação do Cais do Sodré, Edifício da APL, armazéns portuários, etc., e preservada a escala urbana da malha construída e dos espaços livres, tendo em conta o seu carácter monumental. Na zona oriental – Santa Apolónia, Jardim do Tabaco –, preconiza-se a recuperação de parte das docas existentes para a navegação de recreio e a integração dos antigos armazéns portuários em conjuntos polivalentes, mantendo o sector terciário ligado à actividade portuária e navegação e incluindo novas actividades comerciais e de lazer.





SECIL-BETÃO

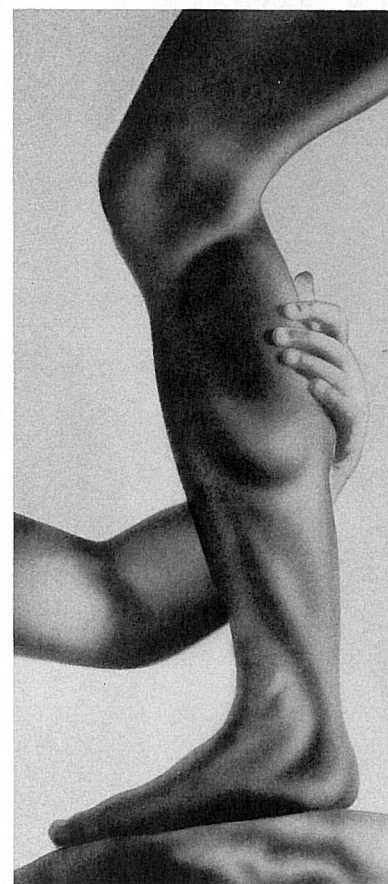
Indústrias de Betão, Lda.

SETÚBAL
MOITA
CASAL DO MARCO

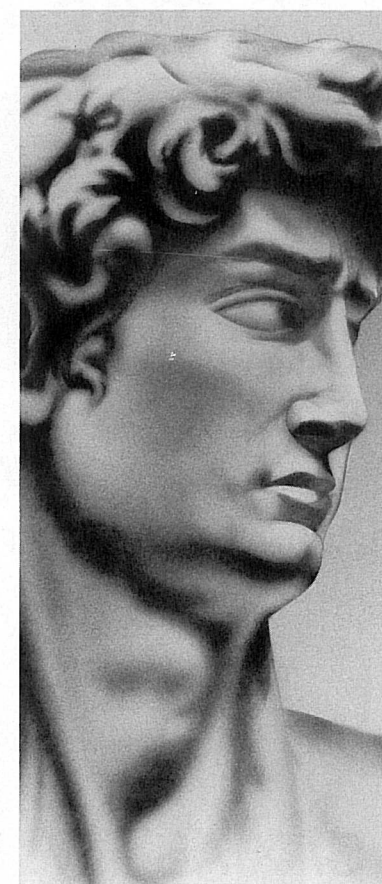


● FORNECEDOR DA TORRE DO TOMBO

Estabilidade



Inteligência



Dinâmica



Porque a Qualidade é uma Arte Secil.

Tecnologia e capacidade para manter um crescimento sustentado são vantagens estratégicas que a SECIL desde sempre tem orientado à satisfação dos seus Clientes. A excelência dos seus quadros de pessoal e processos de fabrico permitem que a SECIL e as suas Associadas atinjam elevado grau de qualidade nos produtos e mercados em que operam: da exploração de britas à produção e distribuição de cimento, do fabrico e comercialização de betão pronto aos novos produtos para a construção civil. É por isso que, com estabilidade, inteligência e dinâmica, a SECIL e os seus Clientes fazem do futuro uma aposta para ganhar.



CIMENTO DE QUALIDADE
PRODUTOS DE PRESTÍGIO



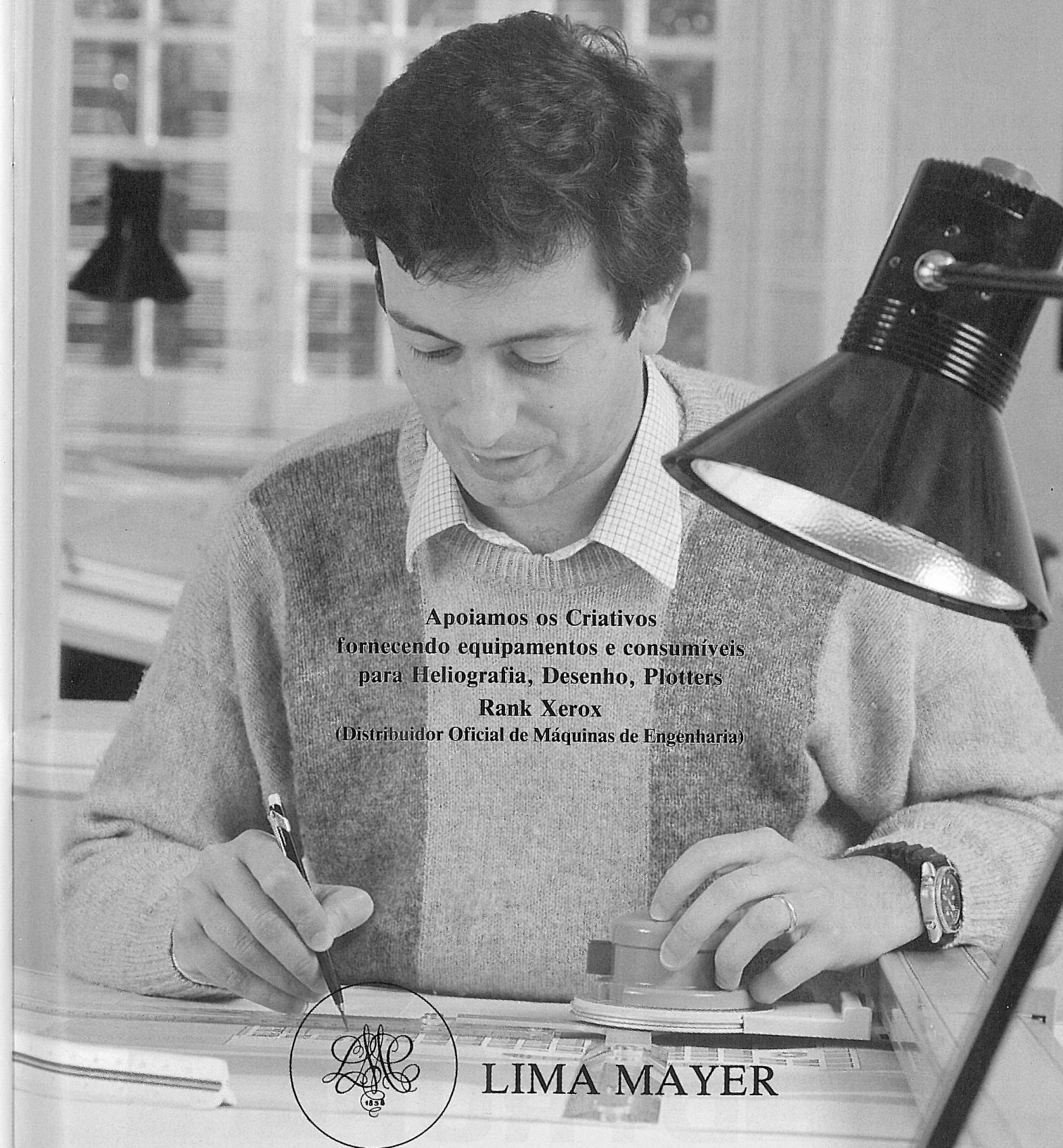
Indústrias de Betão Preparado, Lda.

LISBOA • CAXIAS • V. N. GAIA
FEIRA • PORTO • BRAGA
PENAFIEL • VILA REAL
VIANA • ENTRONCAMENTO
AMARANTE • ALBERGARIA-A-VELHA

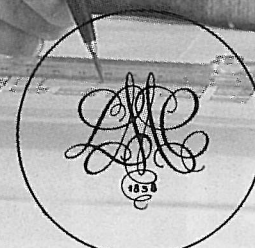


unibetão • FORNECEDOR DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM • FORNECEDOR EXCLUSIVO DA PONTE FERROVIÁRIA S/ RIO DOURO E HOSPITAL PROF. FERNANDO DA FONSECA - AMADORA

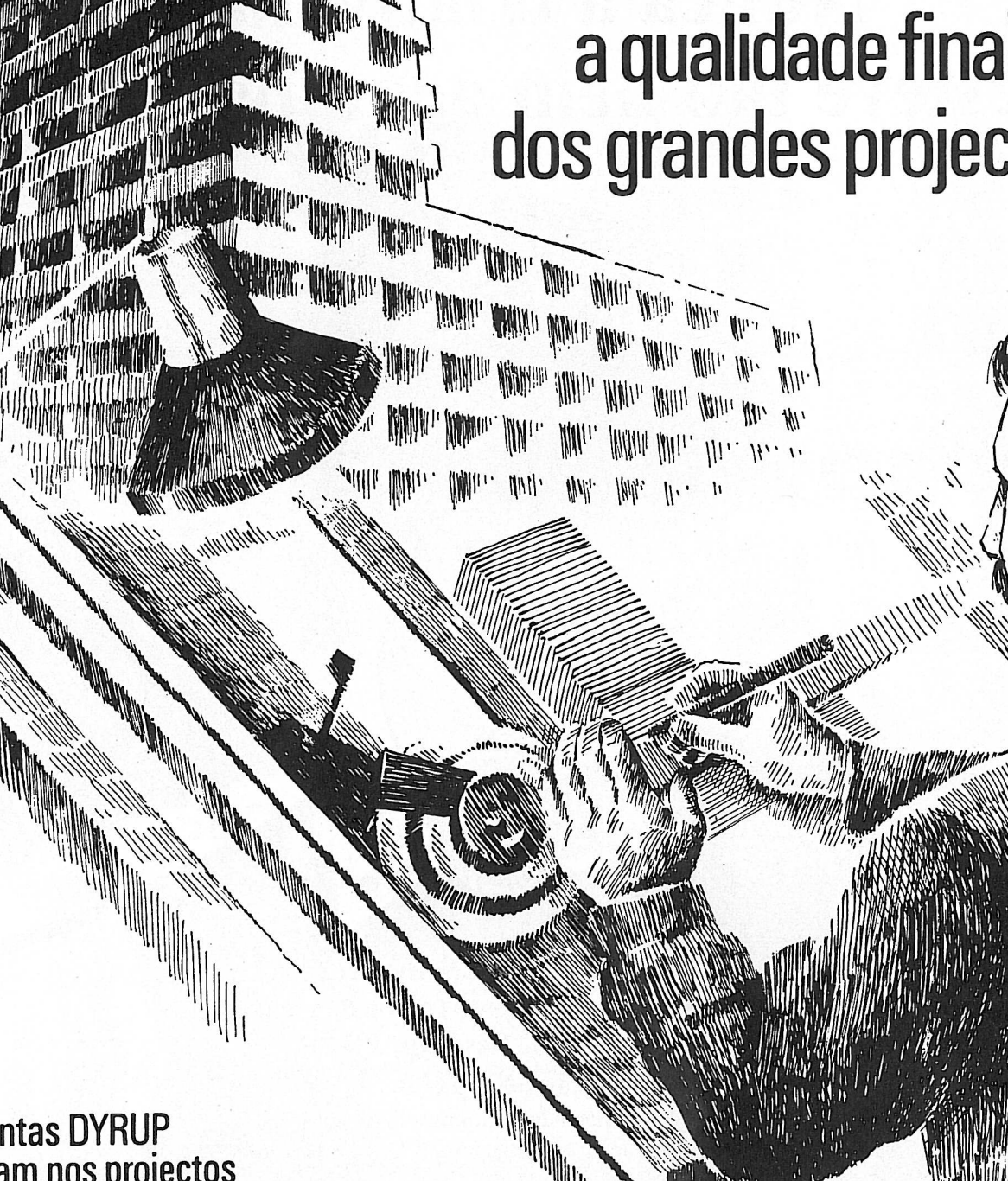
Nunca a criatividade
esteve tão bem acompanhada



Apoiamos os Criativos
fornecendo equipamentos e consumíveis
para Heliografia, Desenho, Plotters
Rank Xerox
(Distribuidor Oficial de Máquinas de Engenharia)



LIMA MAYER



TINTAS DYRUP

a qualidade final
dos grandes projectos

As Tintas DYRUP
figuram nos projectos
dos construtores profissionais
como tintas de qualidade
vocationadas para todas as necessidades
da construção civil, metalomecânica ou naval



TINTAS DYRUP

SILVERSTEP®



SILVERSTEP

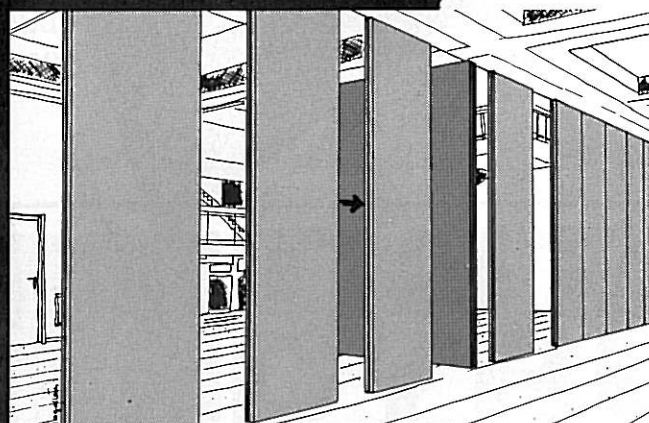
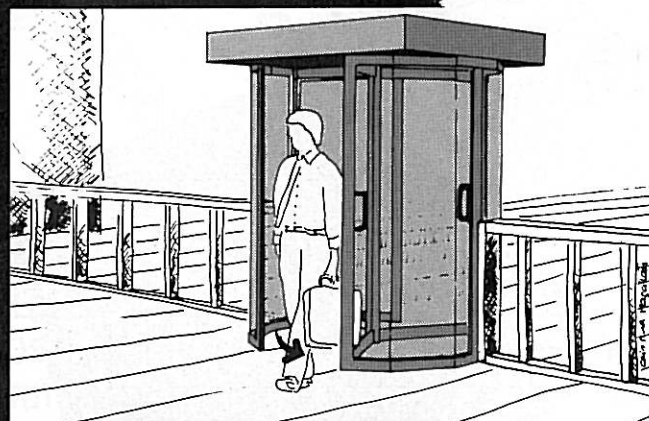
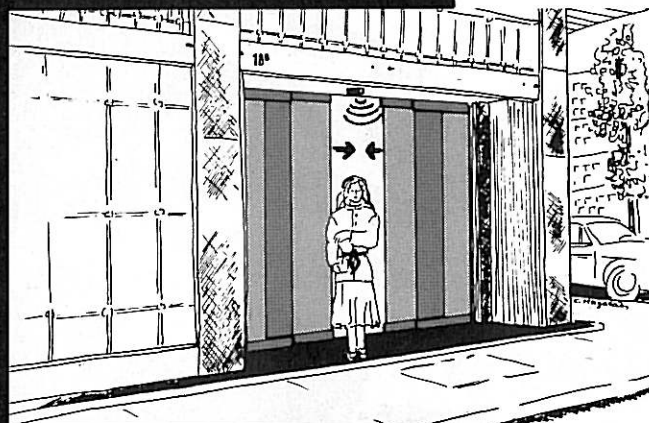
Se procura um revestimento para chão de alta qualidade com um distintivo toque de classe, o SILVERSTEP será com certeza uma escolha atraente. Trata-se de um pavimento vinílico, homogêneo, antiderrapante, amortecedor do som, em cuja superfície se encontram impregnadas partículas vinílicas e metálicas com um forte carácter decorativo. O SILVERSTEP está disponível em 16 tons diferentes permitindo-lhe a criação de superfícies decorativas e conjugações interessantes com os restantes elementos do local.

COLOURSTEP; SILVERSTEP, SURESTEP,
MARMOLEO, NUANCE e LINO FLEX: os
fabulosos revestimentos para chão da FORBO-
PERGOL.

FORBO PERGOL - S.A.
PORTO LISBOA

[illegible]

...NO SEU CAMINHO.



PORTAS AUTOMÁTICAS DE VIDRO

- VÁRIOS MODELOS
 - GARANTIA DE SERVIÇO PÓS-VENDA
- Aproximadamente 1000 portas vendidas e instaladas pela Mundiporta
- Bancos
 - Hotéis
 - Hospitais
 - Escritórios
 - Aeroportos
 - Etc., etc.

PORTAS CORTA-FOGO

- MADEIRA
 - METÁLICAS
- Hotel Sheraton - Porto
 - EDP - Sacavém
 - Tetra Pak - Carnaxide
 - General Motors - Azambuja
 - Hotel Pulman - Lisboa
 - Sociedade I. Serviços - Lisboa
 - Etc., etc.

CONTROLO DE ACESSOS

- PESSOAS - Torniquetes
 - VIATURAS - Barreiras
- Obstáculos escamoteáveis
 - Portões de correr eléctricos
 - Aeroporto Sá Carneiro - Porto
 - B. Aérea - Monte Real
 - Miele Portuguesa
 - Tetra Pak - Carnaxide
 - Porto de Peniche - Peniche
 - Edifício Palma e Laranjeiras - Lisboa
 - Barros & Barros - Trajouce
 - Etc., etc.

PAREDES/DIVISÓRIAS MÓVEIS

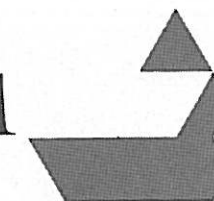
- ALTO ISOLAMENTO ACÚSTICO
 - CLASSE M1
 - VÁRIOS ACABAMENTOS
- Fundação Luso-Americana
 - Hotel D. Pedro - Vilamoura
 - Axel Johnson - Carnaxide
 - Nova Fac. Ciências - Lisboa
 - C.ª P. Rádio Marconi - Lisboa
 - Etc., etc.

Os arquitectos conhecem-nos.
Gostamos de ajudar nos projectos novos
e nos novos projectos.



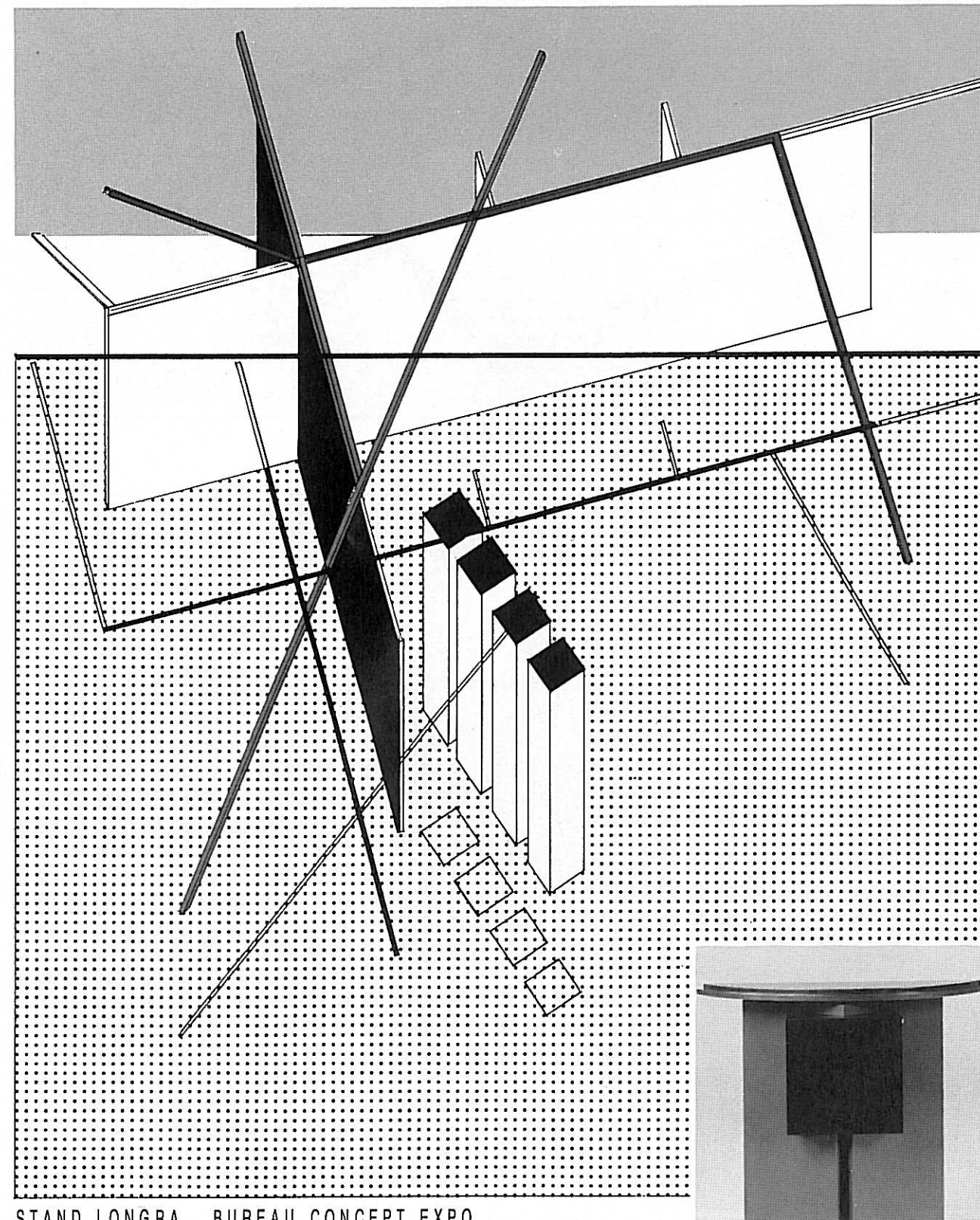
Rua Jorge Colaço, 21-A/B • 1700 LISBOA • PORTUGAL
Tels.: 80 34 62 • 80 60 64 • 80 85 52 • 89 25 40 • 89 50 13 • 89 69 09
847 12 90 • 847 10 29 • Tlx.: 12769 MUPOR P • Fax: 80 95 07

LONGRA



INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO PARA ESCRITÓRIO, S.A.

Sede:
R. Dr. João Couto, Lote C - 3º Piso — Apart. 4425
1509 LISBOA CODEX
Tel.: (01) 715 44 20 — Telex: 16476 METLON P — Fax: (01) 714 21 96
Fábrica:
Longra — 4610 FELGUEIRAS
Tels.: (055) 34 11 26/7/8 — Telex: 22260 LONGRA P — Fax: (055) 34 11 33



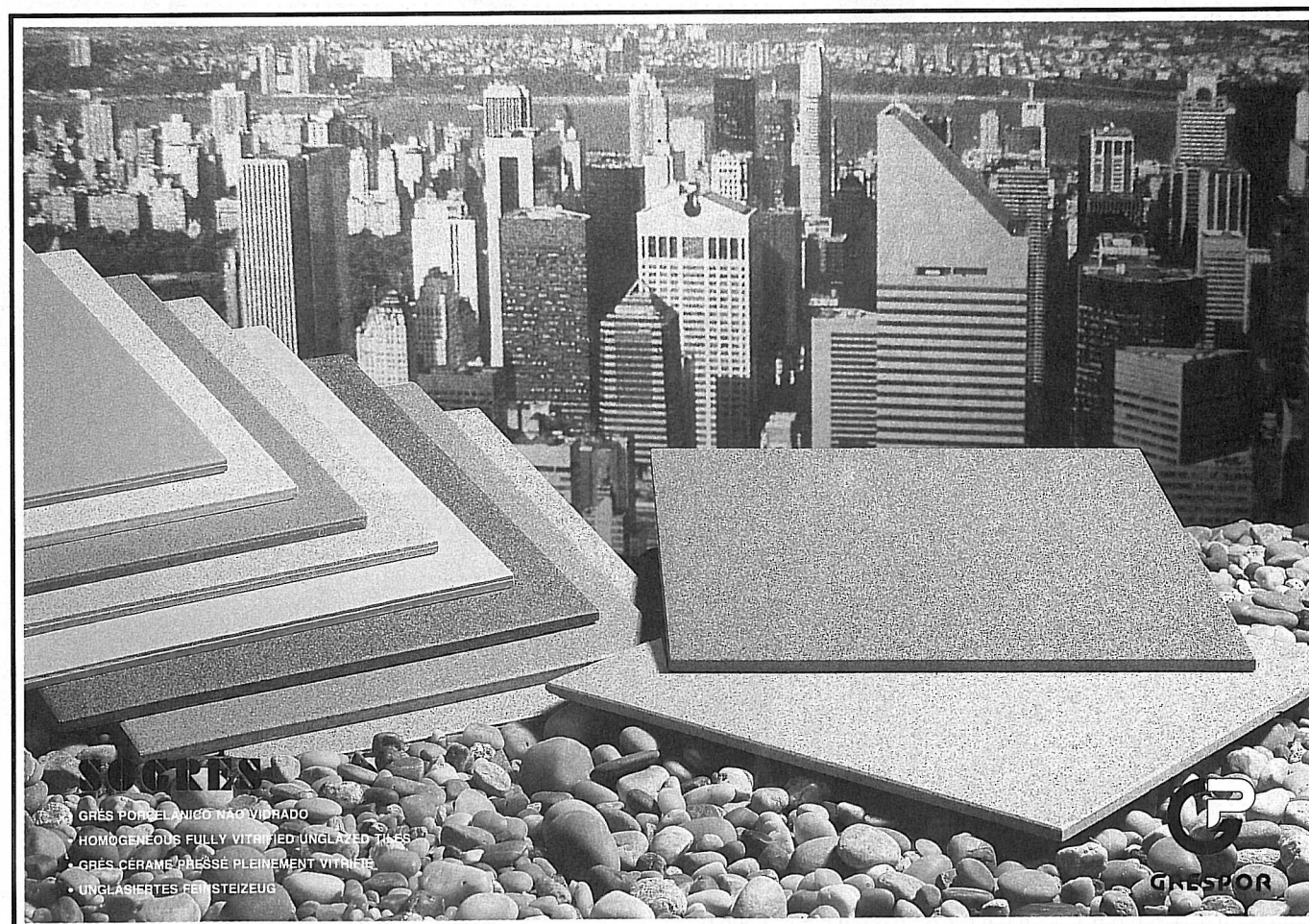
STAND LONGRA . BUREAU CONCEPT EXPO
PARIS-NORD VILLEPINTE 18-21 FÉVRIER 1991



PAVISOLO

- MOSAICOS VIDRADOS, DE PASTA BRANCA VITRIFICADA, MONOCOZEDURA
- CARREAUX ÉMAILLÉS EN PATÉ BLANCHE VITRIFIÉE, PRODUITS PAR MONOCUISSON
- GLAZED TILES, MADE OF VITRIFIED WHITE BODY, SINGLE FIRED
- GLASIERTE FLIESEN, GESINTERT, WEISS-SCHERBIG, EINBRAND.

PAVIGRES



STONEX

- GRÉS PORCELÂNICO NÃO VIDRADO
- HOMOGENEOUS FULLY VITRIFIED UNGLAZED TILES
- GRÉS CÉRAME PRESSE PLEINEMENT VITRIFIÉ
- UNGLASIERTE FENSTEIZEUG

GRESPOR



QUANDO DO VIDRO SE FAZ CONFORTO

Do outro lado do vidro começa um mundo de conforto, silêncio e harmonia.
Um mundo onde reina o vidro Covina.

Porque criámos um vidro ideal para que cada espaço do seu dia-a-dia se converta num refúgio tranquilo e seguro, longe das variações do mundo exterior.

Um vidro imune às variações de temperatura e ao ruído.

Na Covina investimos constantemente em tecnologias de vanguarda para alargar a nossa actividade e tratar o vidro com agilidade e perfeição. Para aproveitar ao máximo as potencialidades de um produto com recursos preciosos.

Com um processo de fabrico rigorosamente controlado que garante uma perfeita planimetria, qualidade óptica e ausência de defeito, criámos o vidro de segurança temperado ou laminado, o vidro plano, atérmico, fosco, reflectante, espelhado, envidraçado isolante termo-acústico, para a construção civil, electrodomésticos, indústria automóvel e colectores solares.

Na Covina criamos com transparência porque não fazemos segredo da qualidade que nos distingue.

COVINA
O VIDRO TEM UM NOME

CINEVOZ

